



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PAULO ESTÁCIO DO NASCIMENTO SOUSA

**SOB O OLHAR DOS VAQUEIROS PIONONENSES: a ressignificação de ser vaqueiro  
na mudança de uma prática sociocultural para uma festividade lúdica (1960-1980)**

PICOS-PI

2017

PAULO ESTÁCIO DO NASCIMENTO SOUSA

**SOB O OLHAR DOS VAQUEIROS PIONONENSES: a ressignificação de ser vaqueiro  
na mudança de uma prática sociocultural para uma festividade (1960-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725s**      Sousa, Paulo Estácio do Nascimento

Sob o olhar dos vaqueiros piononenses: a ressignificação de ser vaqueiro na mudança de uma prática sociocultural para uma festividade lúdica (1960-1980) / Paulo Estácio do Nascimento Sousa. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (106 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

1. Vaqueiro. 2. Vaquejada. 3. Cultura. 4. Memória. 5. Cotidiano-Festividade. I. Título.

**CDD 394.5**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezoito (18) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Paulo Estácio do Nascimento Sousa** sob o título **Sob o olhar dos vaqueiros piononenses: a resignificação de ser vaqueiro na mudança de uma prática sociocultural para uma festividade lúdica (1960-1980)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 1: Prof<sup>ª</sup> Es. Renata de Oliveira Sousa

Examinador 2: Prof. Es. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,5.

Picos (PI), 18 de Julho de 2017

Orientador (a): Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 1: Renata de Oliveira Sousa  
Examinador (a) 2: Robson de Lima Fernandes

*A Fazenda Canadá e tudo que aquele espaço  
me propiciou, sejam com memórias, sejam  
com emoções!*

## AGRADECIMENTOS

Por muitos dias esse momento foi almejado. Em muitas noites viradas num ato de esforço e dedicação para a conclusão dessa pesquisa, o desejo de escrever os agradecimentos representava, mesmo que simbolicamente, o reconhecimento de uma etapa concluída. Nesse sentido, agradecer a todos que contribuíram para a realização desse sonho significa também o sentimento de dever cumprido, de esforço recompensado.

Acredito que inicialmente preciso agradecer a essa força divina que me faz levantar todos os dias e correr atrás dos meus objetivos. Encontramos a presença de Deus nos pequenos momentos de nossa vida, nas vitórias cotidianas, nos sorrisos proporcionados pela beleza do simples e pela gratificação da dedicação recompensada. A cada obstáculo superado, cada pedra removida, cada tristeza passada, vejo a contribuição de Deus, do Divino atuando nessa imensidão que é à vida. Agradeço por isso.

No decorrer de tantos anos longe de casa, a conclusão desse trabalho simboliza também o reconhecimento do esforço realizado por minha família. Agradeço ao meu pai Estácio Renato, pelo suor derramado em prol dos meus sonhos, de sempre estar atento e me dar à mão quando preciso. A minha querida mãe Solange, agradeço por algo até simples, mas preponderante na minha vida acadêmica e na conclusão desse trabalho, agradeço pelo seu apoio mãe. Num agradecimento especial, dedico algumas palavras a minha irmã Renata. A minha querida irmã, sou grato pela sua irmandade, mesmo nas muitas e muitas brigas que tivemos. Obrigado por ter presenteado nossa família com uma notícia sublime. Estou curtindo muito essa ideia de ser tio! Amo-os infinitamente.

À minha avó Dadinha, todo o meu agradecimento por todo o amor e dedicação empenhados ao longo de toda a minha vida, minha segunda mãe! Agradeço ao meu avô Renato pela mesma dedicação. Sou grato pelos ensinamentos de vocês! Aos meus avós maternos, agradeço a mim avó Francisca e meus bisavôs Anísio (*in memoriam*) e Florisbela (*in memoriam*), sei que estão muito felizes com esta minha conquista. Sinto falta de vocês!

Agradeço também aos meus queridos avós sanguíneos Raimundo e Maria, como também meus aos meus tios, primos, únicos e essenciais na consolidação deste sonho. Mesmo que singelo, agradeço em especial a tia Louzinha (*in memoriam*) por tudo de bom praticado nesta vida.

Aos amigos do curso de história, agradeço pelas experiências e aprendizados vividos juntos. Obrigado pelos afetos, sensibilidades e forças ofertadas no decorrer desses quatro anos e meio de curso. Espero levá-los por toda a vida, em especial, os frequentadores da Pousada P&M. Valeu galera!

Aos meus amigos de toda vida, agradeço por sempre estarem presentes nos momentos bons e ruins. Galera das Vertentes, obrigado pela parceria desde sempre. Valeu amigos!

Agradeço ao professor Gleison Monteiro por toda sua dedicação e influência na minha formação acadêmica. Obrigado pelo apoio na construção desse projeto. Nesse momento, esbanjo todo meu agradecimento à professora Carla Silvino. O empenho desempenhado por essa excelente profissional no auxílio desse trabalho é louvável. Obrigado mestres!

Aos meus depoentes: Afonso do Monte Carvalho, Antônio Manoel da Silva, Francisco de Assis e Silva, Francisco Renato de Alencar, José Renato do Nascimento e Meton do Monte Carvalho, agradeço pela atenção, compreensão e conhecimentos repassados, essenciais na consolidação deste trabalho.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter contribuído financeiramente para a realização da maior parte do Curso. Graças ao PIBID, tive contato com a beleza e as dificuldades da profissão docente. Sou grato por essa oportunidade. Gostaria de emitir um afetuoso agradecimento aos professores Eriosvaldo Barbosa, Hanna Alves e Erick Antão, por disponibilizarem gentilmente suas produções e arquivos pessoais para a elaboração dessa pesquisa.

Dentre esses agradecimentos, reservei o último a uma pessoa muito importante em minha vida. Agradeço a minha companheira Marta Ferro por estar junto a mim por todo esse período. Sua força, perseverança e amor representam muito para mim. Sou muito grato por tudo que compartilhamos juntos, nos momentos bons e ruins. Você é o presente que a História me deu! Quero estar junto a ti por toda a vida! Obrigado por tudo amor.

Enfim, nem sempre é possível agradecer a todos que contribuíram direto ou indiretamente para a construção dessa pesquisa. No entanto, sou grato a todos citados aqui ou não. Obrigado, de coração!

## **Tempo (Pink Floyd)**

*O tempo passa em meio a momentos que fazem  
um dia monótono*

*Você perde tempo gastando as horas de modo  
descuidado*

*Perambulando por aí, em sua terra natal  
Esperando alguém ou algo que te mostre o  
caminho*

*Cansado de ficar deitado com o sol lá fora*

*E ficar em casa vendo a chuva*

*Você é jovem, e a vida é longa*

*E hoje é dia pra matar o tempo*

*E então um dia, você descobre*

*que dez anos ficaram para trás*

*Ninguém te disse quando correr*

*Você perdeu o tiro de partida*

*E você corre e corre para alcançar o sol, mas  
ele está se pondo*

*Dando a volta, até surgir novamente atrás de  
você*

*O sol é o mesmo, de forma relativa, mas você  
está mais velho*

*Com menos fôlego e um dia mais próximo da  
morte*

*Cada ano que passa fica mais curto*

*Parece nunca arranjar tempo*

*Planos que tampouco deram em nada*

*Ou meia página de linhas rabiscadas*

*Se apegando a um desespero silencioso, este é  
o jeito Inglês*

*O tempo passou, a música acabou*

*Pensei que eu teria algo mais a dizer*

*Em casa, novamente em casa*

*Eu gosto de estar aqui quando posso*

*Quando chego em casa cansado e com frio*

*É bom para esquentar meus ossos ao lado da  
lareira*

*Bem longe, do lado de lá do campo*

*O badalar do sino de ferro*

*Chama os fiéis, de joelhos*

*Para ouvir o encanto suave de suas palavras*

(Composição: David Gilmour / Nick Mason /  
Richard Wright / Roger Waters)

(Tradução: Juliano)

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o vaqueiro piauiense, mais especificamente o vaqueiro piononense, na ressignificação das práticas socioculturais desses sujeitos com o advento de espaços festivos e as vaquejadas, em um período que agrega desde 1960 até a década de 1980, tomando como referência o cotidiano desses sujeitos envolvidos nos espaços laborais e lúdicos do mundo dos vaqueiros. Este trabalho analisa o processo de construção do status de ser vaqueiro no interior das fazendas de gado, no qual as pegas de boi no mato e as festas de apartações transformaram esse sertanejo num sujeito atuante para a cultura Nordestina. O foco deste estudo está no encargo de compreender como o surgimento das Festas dos Vaqueiros e das vaquejadas em Pio IX influenciaram na construção de novos espaços de sociabilidades, como também solidificaram a cultura vaqueira na construção da identidade cultural do município em questão. Para esta análise foram utilizados os estudos do teórico Michel de Certeau (1990), assim como também do teórico Stuart Hall (2005). A metodologia utilizada baseou-se na História Oral, sendo realizadas entrevistas com alguns vaqueiros com idade desde 49 até os 79 anos. No intuito de preencher alguns espaços da História Cultural do vaqueiro piauiense, entendemos as fontes orais e imagéticas desses atores sociais piononenses como a possibilidade de compreendermos a manutenção dessa cultura no seio da comunidade local na contemporaneidade.

**Palavras-chaves:** Vaqueiro. Vaquejada. Cultura. Memória. Sociabilidade. Cotidiano. Festividade.

## ABSTRACT

The present research has as its theme the Piauí cowboy, more specifically the Piononense cowboy, in the re-signification of the sociocultural practices of these subjects with the advent of festive spaces and the vaquejadas, in a period that aggregates from 1960 to the 1980s, taking as a reference the Of these subjects involved in the labor and play spaces of the world of cowboys. This paper analyzes the process of constructing the status of being a cowherd inside the cattle farms, in which the cattle handles in the bush and the partying parties transformed this sertanejo into an active subject for Northeastern culture. The focus of this study is to understand how the emergence of the Cowboys and Cowboys in Pio IX influenced the construction of new spaces of sociability, as well as solidified the cowboy culture in the construction of the cultural identity of the municipality in question. For this analysis were used the theoretical studies of Michel de Certeau (1990), as well as the theoretical Stuart Hall (2005). The methodology used was based on Oral History, and interviews were conducted with some cowboys from 49 years old to 79 years old. In order to fill some spaces of the Cultural History of the Piauían Vaqueiro, we understand the oral and imaginary sources of these social actors in Pioneers as the possibility of understanding the maintenance of this culture within the local community in the contemporary world.

**Keywords:** Cowboy. Vaquejada. Culture. Memory. Sociability. Daily. Festivity.

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1:</b> Localização da cidade de Pio IX (em destaque).....	40
<b>IMAGEM 2:</b> Vaqueiros perseguindo uma vaca em uma competição de “pega de boi no mato” realizada nas redondezas da cidade de Pio IX – PI no ano de 2013. ....	54
<b>IMAGEM 3:</b> Vaqueiros conduzindo uma boiada na localidade Veneza, intermediações do município de Pio IX – PI em meados da década de 1970. ....	61
<b>IMAGEM 4:</b> Vaqueiros de Pio IX aguardando a Missa do Vaqueiro nas intermediações da Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio em meados de 1960. ....	72
<b>IMAGEM 5:</b> Vaqueiros encourados nas intermediações de Pio IX preparados para correrem na vaquejada de mourão organizada pelo Pe. João Morais Sobrinho, em meados de 1960.....	75
<b>IMAGEM 6:</b> Vaqueiros perseguindo uma novilha em uma estrada de terra batida com o público acomodado nas cercas paralelas da pista de corrida, Fazenda Canadá, interior de Pio IX em meados de 1970. ....	78
<b>IMAGEM 7:</b> Vaqueiros piononenses em frente ao brete que retêm o gado antes de correrem na pista. Final da década de 1970 na Fazenda Salgado, município de Fronteiras – PI. ....	81
<b>IMAGEM 8:</b> Cavalgada pela Cidade na Festa de Vaqueiro em Pio IX - Setembro de 2013. ....	85
<b>IMAGEM 9:</b> Vaqueiro José Renato após uma pega de boi no mato. Pio IX, outubro de 2013. ....	88

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de fazendas no Piauí. ....	25
Tabela 2: Fazendas e Sítios do Piauí (1772).....	25

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	13
2	A DINAMICIDADE DO VAQUEIRO: DO TRABALHO NO CAMPO À ARTE DA VAQUEJADA .....	21
2.1	O gado no Piauí e as atividades laborais do vaqueiro.....	22
2.2	O processo de apartação como o influenciador no desenvolvimento da prática lúdica de ser vaqueiro .....	31
2.3	O município de Pio IX: dos núcleos de povoação às atividades pecuaristas e agrícolas .....	39
3	MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NO COTIDIANO DOS VAQUEIROS DE PIO IX: PRÁTICAS DE RESSIGNIFICAÇÃO COM O GADO E DAS SOCIABILIDADES .....	48
3.1	As práticas de trabalho no campo: sensibilidades no lúdico.....	51
3.2	Festa dos vaqueiros e o contexto histórico das vaquejadas em Pio IX.....	67
3.3	Transformações do sertão piononense e as manifestações de uma Cultura que resiste... ..	83
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
5	REFERÊNCIAS .....	93
	APÊNDICE .....	97
	ANEXOS .....	99

# 1 INTRODUÇÃO

Aspectos históricos fazem parte da construção social de qualquer sujeito ou objeto de análise. Assim, no intuito de compreendermos os processos socioculturais arraigados aos vaqueiros piononenses<sup>1</sup>, buscamos analisar nessa pesquisa a construção histórica das práticas cotidianas associadas a esses sujeitos. Considerando seu processo de formação, assim como diversas cidades do Piauí, a pecuária foi fator relevante para o município de Pio IX. Com isso, tentamos investigar o cenário de convivência dos vaqueiros para estendermos como esses sujeitos sociais praticavam seus *espaços* de sociabilidades no interior das fazendas de gado, ressaltando aspectos de sua vida cotidiana.

O tema do vaqueiro, que permeia a problemática da pesquisa aqui proposta, parte também do interesse de contribuir para o estudo desses atores sociais na formação sociopolítica e cultural do Piauí. “O vaqueiro não era um trabalhador comum e o ‘status’ de vaqueiro atraía todos, a maior felicidade consistia em merecer algum dia o título de vaqueiro”<sup>2</sup>. Assim, nesse processo sociocultural elencado ao *status* construído na figura do vaqueiro, nosso estudo associa-se a alguns pesquisadores<sup>3</sup> que investigaram temáticas relacionadas, possibilitando a discussão acerca dessa historiografia.

Essas produções historiográficas voltadas para a compreensão do mundo do trabalho, do convívio com o gado, das vivências cotidianas, dentre outras perspectivas, criam um paralelo para apresentarem como se estabeleceram as interações sociais das pessoas com a denominação de ser vaqueiro. Diante disso, este trabalho busca apontar como se desenvolveram as relações entre vaqueiro, trabalho, gado e diversão. Do interior das fazendas de gado, o vaqueiro despontou e ganhou notoriedade devido as suas façanhas na luta diária com a vacaria. Com o advento das mudanças sofridas pela pecuária no decorrer do século XX, os vaqueiros precisaram se adaptar a uma nova realidade, tanto no mundo do trabalho, quanto na diversão adquirida nas derrubadas de boi.

Nesse contexto, as práticas de “derrubar boi no mato” nos processos de traquejo com o gado ao encaminharem aos currais das fazendas ganharam notoriedade e as vaquejadas

---

<sup>1</sup> O município de Pio IX está localizado na porção centro-leste do Estado do Piauí, distando da capital Teresina cerca de 440 km. Segundo dados do IBGE (2015) a cidade possui uma área territorial de 1.947,212 km<sup>2</sup> e uma população estimada de aproximadamente 18.095 habitantes (IBGE/2016).

<sup>2</sup> DIAS, 2014, p. 80-81.

<sup>3</sup> São eles: Claudete Dias (2014), Esdras Arraes (2016), Francisco Aires (2008), Luiz Mott (1985), Roberto Cunha (2015), Rodrigo Fonseca (2010), Doralice Maia (2003), Eriosvaldo Barbosa (2005), Audrey Tapety (2007), Aline Sales (2015), Vicente Alves (2003), entre outros.

surgiram como um ritual onde os vaqueiros podiam mostrar a força, a vitalidade e a energia do homem sertanejo. A partir das festas de apartação, onde anualmente vários vaqueiros se reuniam para juntarem o gado espalhado na caatinga, as “pegas de boi” no mato começaram a se popularizar e com o tempo, as proezas dentro das matas passaram a serem apresentadas aos fazendeiros, familiares e aos outros componentes das fazendas, que acompanhavam as façanhas da vaqueirama na labuta com o gado. Num processo gradativo, essas corridas de gados ganharam espaço no mundo dos vaqueiros e na sociedade nordestina, fixando de vez esses sujeitos históricos, tanto na historiografia literária romancista, quanto na historiografia tradicional brasileira.

Para além de elementos historiográficos voltados para o contexto sociocultural científico arraigado aos vaqueiros, percebemos também a possibilidade de usufruirmos de uma literatura regional para uma abordagem dos vaqueiros e das vaquejadas voltadas para o universo da tradição, costumeiramente tratando tanto esses sujeitos quanto o evento como uma essência do passado. Mesmo que de caráter ficcional, a interpretação de folcloristas e romancistas<sup>4</sup> a respeito dessa temática nos parece necessária para entendermos aspectos cotidianos desses sujeitos. A literatura difere da história por não possuir vínculos com a realidade dos fatos, porém, como lembra Nicolau Sevcenko<sup>5</sup>, a literatura pode conduzir uma pesquisa historiografia para resultados peculiares, com focos mais cadentes.

As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras. Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio de fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: O discurso.<sup>6</sup>

A partir desses elementos da historiografia, quanto às produções literárias, contribuem para a elaboração de um perfil social, cultural, econômico e às vezes até estereotipado do cenário do vaqueiro piauiense com o trabalho no campo e com a figura do mesmo, destacando as principais atividades que cabiam a ele no interior das fazendas de gado. Com isso, demonstramos em que cenário socioeconômico e cultural foram forjadas as imagens dos vaqueiros, que mesmo com todas as mudanças decorrentes da modernização e evolução da pecuária, ainda carregam uma grande representatividade tão característica desse sujeito histórico no interior nordestino.

O universo do vaqueiro enquanto objeto de estudo se desenvolveu a partir de dois momentos: afetividade e teoria. A ideia de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

---

<sup>4</sup> Destacamos as produções configuradas nas ideias de Cascudo (1984), Castelo Branco (1993) e Bezerra (1978).

<sup>5</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

<sup>6</sup> Id. 1999, p. 19.

sobre os vaqueiros piononenses surgiu devido sua existência primeira no campo afetivo e, posteriormente, no teórico. Ter o universo do vaqueiro como campo de análise já era uma inspiração desde o primeiro ano de curso e, após mais de quatro anos no âmbito acadêmico e em ocasião do trabalho para conclusão da Graduação, essa pesquisa ganhou formas e rumos. A intenção de trabalhar essa temática na cidade de Pio IX é oriunda de ter minha infância e adolescência arraigada a uma fazenda de gado do interior desse Município. Sendo criado em meio a vaqueiros, identifico nessa pesquisa a possibilidade de prolongar uma herança familiar, que mesmo distante do cavalo, do gado e da sela, mantém o amor e orgulho de ser do sertão.

Durante esse período de maturação de projeto de pesquisa no decorrer da graduação, aspectos associados ao mundo dos vaqueiros começaram a se destacar e algumas constatações e inquietações foram elaboradas a respeito dessa temática. Com isso, a problematização dessa pesquisa surgiu na tentativa de perceber e compreender de que forma as práticas socioculturais dos vaqueiros piononenses passaram do campo do trabalho para os espaços lúdicos associados às festividades presentes no município desde a segunda metade do século XX. A partir disso, foi elencando uma série de questionamentos sobre o objeto de pesquisa, a saber: Qual era a importância das festividades vaqueiras para a comunidade? Como esses sujeitos se relacionavam? Como surgiram as vaquejadas no município? Quais elementos explicam a forte presença da cultura vaqueira na sociedade local? Quais eram as manifestações socioculturais desses vaqueiros para a construção da identidade cultural e das sociabilidades deste grupo?

Entretanto, esses processos transitórios que marcaram o cotidiano dos vaqueiros piononenses na segunda metade do século passado não podem ser entendidos como lineares e uniformes, implicando esse trabalho a buscar nos sujeitos que transitavam entre esses dois espaços, a compreensão para essa problemática. Com isso, pretende-se através deste trabalho monográfico, construir uma narrativa histórica sobre as práticas cotidianas dos vaqueiros tendo como interesse o estudo da construção da memória desses sujeitos e dos elementos lúdicos presentes nesse período. Além disso, almeja-se entender as relações cotidianas desses sujeitos e os fundamentos que formam a identidade cultural do município de Pio IX – PI.

Então, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar, sob o olhar dos vaqueiros piononenses, as práticas de ressignificação de ser vaqueiro em meio às mudanças das manifestações laborais para sociabilidades lúdicas que partem do interior das caatingas nordestinas para os espaços abertos das vaquejadas de mourão e contemporâneas. Em um recorte temporal que privilegia os anos de 1960 até o final da década de 1980, uma vez que

nesse período os processos de ressignificação, quanto de formação popular da figura do vaqueiro na região, se intensificaram com a criação de festas religiosas e vaquejadas destinadas a esses sujeitos ainda tão difundidos na cultura da região piononense.

Os objetivos específicos são: analisar as memórias dos vaqueiros atuantes nesse período e como eles conviviam com a profissão de vaqueiro e como entendiam o esporte que se popularizava na região; problematizar a ressignificação da imagem do vaqueiro no decorrer dessas décadas de 1960/80; e compreender a popularização da vaquejada no município nesse período ao ponto de ainda ser tão presente na cultura festiva da cidade.

A metodologia da pesquisa adotada para a construção deste TCC foi, primordialmente, a História Oral. Para tanto, foram realizadas entrevistas com vaqueiros residentes no município de Pio IX – PI e que ainda atuam, ou já atuaram nos campos e nas vaquejadas no período temporal proposto. Foram realizadas seis entrevistas com sujeitos que alternam dos 49 anos até 79 anos, com os seguintes vaqueiros: Afonso do Monte Carvalho, Antônio Manoel da Silva, Francisco de Assis e Silva, Francisco Renato de Alencar, José Renato do Nascimento e Meton do Monte Carvalho. Essas fontes orais representam informações essenciais que vão desde o caráter laboral dos processos de trabalho no campo, até o aspecto mais íntimo dos entrevistados, pois contêm detalhes sobre suas vivências, suas emoções, suas experiências de vida e seu cotidiano nos *espaços* de sociabilidades presentes nas manifestações diárias desses sujeitos que contribuíram para a construção de uma identidade social.

Nesse contexto, a História Oral foi de suma importância para a realização desta pesquisa, pois possibilitou refletir aspectos das práticas laborais e lúdicas dos vaqueiros do município de Pio IX, uma vez que, sem sua utilização não seria possível apresentar o cotidiano através da memória dos seus envolvidos. A partir disso, pensar essa metodologia de análise implica a utilização de autores, como Sônia Maria de Freitas<sup>7</sup>, que ajuda a entender que:

A história oral possibilita novas versões da História ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Este tipo de projeto propicia sobretudo fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, através de suas referências e também do seu imaginário. O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa á história oficial<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 143 p.

<sup>8</sup> FREITAS, 2002, p. 53

Recorremos à memória, lembranças, histórias e façanhas dos senhores vaqueiros da região por vislumbrarmos neles a participação direta nas práticas de vaquejar e labutar o gado. Para além dessa metodologia, adotamos fontes imagéticas e arquivos litúrgicos (Livro do Tombo) para construirmos essa análise. A respeito das técnicas de entrevistas, perguntas e análises do material recolhido, as orientações de autores e teóricos<sup>9</sup> contribuíram para a compreensão e reflexão a respeito da metodologia oral e a memória atreladas à história.

No tocante ao referencial teórico, o conceito de *identidade cultural* empregado nesta monografia será a do jamaicano Stuart Hall<sup>10</sup>. Dentro das perspectivas dos estudos culturais, esse teórico explora a questão da identidade na modernidade tardia e apresenta um conceito de identidade como não unificado, fragmentado, estando num processo de mudança, ou seja, é o resultado da interação entre o eu e o mundo exterior. Para ele, a identidade é construída a partir da alteridade. Assim, seu conceito de identidade cultural nos permite entender como é construída a identidade dos vaqueiros e fazendeiros no âmbito laboral e lúdico.

Assim a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” os fantasiados sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre sendo “formada”<sup>11</sup>.

Na intenção de refletirmos sobre esses sujeitos e suas manifestações cotidianas meio aos saberes compartilhados e valores vividos, criados e modificados a partir de suas práticas sociais, nos remetemos ao pensamento teórico de Michel de Certeau e sua conhecida obra *A invenção do cotidiano: artes do fazer*<sup>12</sup>. Buscamos nesse teórico a compreensão dos saberes cotidiano e entendermos o cotidiano como algo que é nos dado dia a dia, que está no nosso íntimo, no nosso interior.

Identificamos algumas produções historiográficas acadêmicas que discutem aspectos históricos arraigados aos vaqueiros piauienses. Esses estudos acabaram por contribuir na construção deste estudo, já que, combinam elementos em comum e a mesma metodologia de pesquisa, a história oral. Com isso, para compreendermos a identidade fluída dos vaqueiros, contamos com o auxílio das produções de Audrey Tapety<sup>13</sup> e Aline Sales<sup>14</sup>, que discutem

<sup>9</sup> Adotamos autores como: Haroldo Baade (2013), Sônia Freitas (2002), Maurice Halbwachs (1990), Lucília Neves (2000), Michael Pollack (1989).

<sup>10</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural no pós-modernidade*; tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10 ed. – Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

<sup>11</sup> HALL, 2005, p.380 *apud* SALES, 2015, p. 15.

<sup>12</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1990.

<sup>13</sup> TAPETY, Audrey Freitas. “O VAQUEIRO NO PIAUÍ”: representações e práticas socioculturais (1980-2000). *Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.

sobre as mudanças e permanências das identidades culturais desses atores sociais. No que diz respeito à indústria cultural e a vaquejada como um negócio rentável e capitalista, apropriamo-nos da importante e inovadora obra historiográfica lançada por Eriosvaldo Barbosa<sup>15</sup> em sua dissertação de mestrado em 2005, representando um dos primeiros autores a aprofundar as vaquejadas em um viés econômico, um negócio com profissionais.

Identificamos também a monografia de uma historiadora piononense a respeito dos vaqueiros dessa região. Com o foco definido no recorte temporal de 1930 a 1940, Hanna Alves<sup>16</sup> discute aspectos da seca de 1932 para compreender o cenário dos problemas sociais no trabalho desses indivíduos. Em uma análise diversificada, a autora alterna questões que vão desde os problemas sociais em decorrência da seca na década de 30, como também, aspectos presenciados pela ótica das esposas desses sujeitos.

Destacamos essas análises historiográficas a fim de pontuar os principais métodos de compreensão desses autores a respeito da representação do vaqueiro no Piauí. Buscamos nesta pesquisa contribuir para mais produções acadêmicas sobre as práticas socioculturais desses sujeitos em nossa sociedade. Assim, este trabalho visa apresentar os processos históricos que culminaram com a participação desses personagens nos eventos culturais do município de Pio IX – PI, contribuindo para a elaboração de uma identidade cultural bastante presente nessa comunidade. Nessa narrativa, identificamos nas fontes orais, imagéticas e escritas, aspectos históricos que contribuíram para a presença característica de manifestações esportivas e culturais arraigadas aos vaqueiros piononenses desde período temporal aqui proposto até a contemporaneidade, sejam com a participação dos antigos vaqueiros, sejam com novos atuantes.

Portanto, esta monografia encontra-se estruturada em dois capítulos para melhor atender os objetivos propostos. Inicialmente, buscamos apresentar algumas considerações acerca do trabalho, apresentando os objetivos, bem como apresentando o tema ao leitor. No primeiro capítulo, *A dinamicidade do vaqueiro: do trabalho no campo à arte da vaquejada*, procuramos abordar o trabalho laboral dos vaqueiros no sertão nordestino, mais precisamente, nas fazendas piauienses. A partir das produções historiográficas e literárias, almejamos apresentar o cenário do vaqueiro piauiense com a apartação e com a figura do mesmo, destacando ainda as principais atividades que cabiam a ele no interior das fazendas de gado.

---

<sup>14</sup> SALES, Aline Pinheiro de. O vaqueiro no Piauí: práticas e representações culturais em Picos-PI (1980-2000). *Monografia*. Universidade Federal do Piauí. Picos – PI, 2015.

<sup>15</sup> BARBOSA, Eriosvaldo Lima. *Valeu Boi! (O negócio vaquejada)*. Teresina: EDUFPI, 2005. 139 p.

<sup>16</sup> MONTE, Hanna Maria da Silva Alves do. A MEMÓRIA DOS VAQUEIROS DA CIDADE DE PIO IX: Uma análise de suas lembranças e vivências nas décadas de 1930 e 1940. *Monografia*. Universidade Estadual do Piauí. Floriano – PI, 2015.

O intuito desse capítulo está em destacar o cenário em que viviam esses sujeitos sociais em um recorte temporal que vai desde o final do século XVII, com a implantação das fazendas de gado no interior piauiense, até o século XX, quando o sistema de apartação deixou de ser utilizado. Mesmo com um recorte temporal extenso, essa primeira etapa representa um levantamento teórico e contextualizado das práticas de vaquejar que surgiram desde os tempos coloniais, além de representar as bases de confrontos e continuidades com as memórias dos senhores vaqueiros de Pio IX. Nesse contexto, a proposta consiste em mostrar aspectos do trabalho cotidiano dos vaqueiros e as relações com a vaquejada.

Com isso, busca-se em seguida destacar como a vaquejada foi se desligando das atividades práticas do campo e alcançando autonomia em relação à apartação até receber o qualificativo de “esporte”, fatos que a tornaram consagrada nos dias atuais. Contando com três tópicos, esse capítulo termina após uma explanação dos antecedentes históricos do município de Pio IX e as relações dessa região com as fazendas de gado e a agricultura, já que desde o início do século XIX os povoadores da região residiam na zona rural e a pecuária era a atividade em constante desenvolvimento, sendo o vaqueiro uma figura essencial.

O segundo capítulo, intitulado *Memória e subjetividade no cotidiano dos vaqueiros de Pio IX*: práticas de ressignificação com o gado e das sociabilidades, também foi dividido em três tópicos. Inicialmente, baseado na história oral, busca-se compreender nas memórias dos vaqueiros que atuaram nos campos no período proposto, aspectos cotidianos da labuta com o gado. São elencadas nesse momento as sociabilidades desenvolvidas em meio à mata fechada e nas arriscadas corridas de boi no mato com o intuito de capturar os animais bravios. Os registros orais dos sujeitos entrevistados influenciam significativamente na construção desse tópico.

Posteriormente, busca-se narrar os processos históricos que influenciaram para o surgimento dos primeiros focos lúdicos e festivos destinados aos vaqueiros. Sobre a idealização do Padre João Morais Sobrinho e de vaqueiros locais, manifestações lúdicas de força e habilidade dos vaqueiros foram expostas à comunidade local com a realização de festas dos vaqueiros e vaquejadas de mourão no município. Como também, identificamos nesse momento as primeiras vaquejadas na região e a identificação dos vaqueiros “do campo” com essas práticas festivas.

Os resultados desse estudo chegam ao fim com a explanação do último tópico desse capítulo. É importante salientarmos que mesmo com um recorte temporal específico, dialogamos nesse momento com manifestações socioculturais contemporâneas dos vaqueiros na região, tendo em vista que nesta pesquisa, novos acréscimos sempre serão válidos. Nesse

sentido, busca-se compreender nesse tópico os processos históricos que culminaram com o “fim” dos trabalhos dos vaqueiros nos campos e conseqüentemente o encerramento das capturas de bois no mato em um viés mais associado à labuta diária. Assim, destacamos as manifestações contemporâneas que contribuem com a manutenção da cultura vaqueira na região a partir de festas anuais, vaquejadas periódicas e pegas de boi no mato esportivas.

## 2 A DINAMICIDADE DO VAQUEIRO: DO TRABALHO NO CAMPO À ARTE DA VAQUEJADA

A região nordestina<sup>17</sup> predominantemente teve papel relevante diante da diversidade histórica brasileira. Perante toda uma conjectura política e sociocultural, a produção açucareira representou a principal fonte econômica colonial. Diante disso, a eminente expansão do açúcar provocou a introdução e ampliação da pecuária para outras áreas, afastando o gado das terras da Zona da Mata nordestina. Com o principal produto exportador necessitando de mais espaço para sua produção e a pecuária perdendo seu espaço no litoral nordestino, a coroa portuguesa iniciou um processo de expansão, adentrando o sertão em busca de terras propícias para a criação de gado. A expansão da pecuária teve início na Bahia<sup>18</sup> e se estendeu até o rio São Francisco, posteriormente chegando ao Piauí.

Domingo Afonso Mafrense<sup>19</sup> liderou uma das frentes de penetração nos Sertões do Piauí e no início da década de 1670 instalou-se no vale do rio Canindé e dali expandiu-se para metade do que viria a ser o território piauiense, onde fundou principalmente nas margens dos rios Canindé e Piauí, cerca de 30 fazendas de gado, a maioria delas confiadas à administração de vaqueiros. Nasce daí o germe do povoamento piauiense, que apresentava na atividade criatória o modelo dominante de ocupação daquele território<sup>20</sup>.

Nesse contexto, buscamos apresentar a introdução do gado em terras piauienses a fim de demonstrar como o vaqueiro começou a aparecer no interior das fazendas, já que é a partir da economia do gado<sup>21</sup> que praticamente toda a dinâmica e estruturação de uma sociedade, seus costumes e práticas, são pautados. Diante desse processo, essa primeira fase da pesquisa implica sua construção a partir das fontes historiográficas e produções literárias a respeito dos vaqueiros, apartações e vaquejadas.

O intuito desse capítulo está em destacar o cenário em que viviam esses sujeitos sociais em um recorte temporal que vai desde o final do século XVII, com a implantação das

---

<sup>17</sup> O conceito de região Nordeste que emerge na “paisagem imaginária” do país nas primeiras décadas do século XX (colocando-se no lugar da antiga divisão regional Norte e Sul) é adotado a fim de facilitar a compreensão do assunto. Assim, utilizaremos a expressão nordeste para situar o leitor, mesmo que o recorte temporal aborde o período anterior ao século XX.

<sup>18</sup> Para Alves (2003), é indiscutível que foi na Bahia, mais precisamente em Salvador, a origem dos primeiros focos de irradiação da pecuária rumo ao interior do Brasil.

<sup>19</sup> Segundo Odilon Nunes, existe registros históricos que apontam para Domingo Jorge Velho como primeiro a liderar uma exploração em terras piauienses. Tal bandeirante e seu grupo requereram sesmarias em território piauiense. In: ALVES, 2003.

<sup>20</sup> MOTT, 1985.

<sup>21</sup> A Capitania do Piauí no decorrer do século XVIII era uma das mais importantes zonas produtoras e fornecedoras de gado vacum e cavalos do Brasil. In: ALVES, 2003.

fazendas de gado no interior piauiense, até o século XX quando o sistema de apartação deixou de ser utilizado. Mesmo longo esse recorte temporal se faz necessário devido ao fato desse período representar a acentuação do vaqueiro no cenário piauiense, pois abarca desde a chegada da pecuária em terras que seriam o Piauí até a implementação do sistema intensivo, que representou o fim das apartações.

Durante esse período, a proposta desse capítulo consiste em mostrar como era a prática social do vaqueiro com relação ao trabalho e com a vaquejada. Abordamos também os antecedentes históricos que proporcionaram o surgimento e expansão do município de Pio IX, base desta pesquisa. Assim, para a construção dessa primeira etapa da monografia, a estrutura pensada enfoca em três tópicos que ajudarão a montar o cenário social do vaqueiro no Piauí até a segunda metade do século XX.

## **2.1 O gado no Piauí e as atividades laborais do vaqueiro**

A formação do espaço social e geográfico e a história da colonização piauiense não podem ser compreendidas sem a figura social do vaqueiro e o manejo com o gado no interior das fazendas. A partir da expansão e das frentes de penetração para o interior nordestino, com extermínios e/ou expulsão dos povos nativos da região, que nasce e define-se o local que hoje denominamos Piauí. Este capítulo busca apresentar como se deu início a pecuária no Piauí e o cenário em que habitavam os vaqueiros. Nesse contexto, relatar como as práticas de trabalho começaram a ganhar ênfase devido à importância desse sujeito para a região, ganhando um significado cultural no interior das fazendas.

Como sabemos, a pecuária representou por mais de dois séculos a principal base econômica e social piauiense. Segundo Luiz Mott<sup>22</sup>, o Piauí “foi considerado durante o período colonial o ‘curral e o açougue do Brasil’”. Para compreendermos essa afirmação, precisamos nos atentar as circunstâncias do avanço do gado sobre a cana-de-açúcar, quando se iniciou o processo de interiorização da pecuária no Nordeste brasileiro, pelos limites além mar. Com o desenvolvimento do comércio açucareiro e as condições favoráveis para os avanços dessa monocultura agrícola, rapidamente o açúcar se tornou a principal economia do Brasil colonial. Junto com o comércio açucareiro, havia a criação de gado que era como uma

---

<sup>22</sup> MOTT, 1985, p. 71.

economia suplementar, que primeiramente servia apenas como alimento e força motriz para os engenhos.

Com a crescente valorização do comércio açucareiro para a coroa portuguesa, com a exportação e os lucros externos, o método Plantation<sup>23</sup> de se trabalhar com a cana-de-açúcar começou a necessitar de mais espaço para o seu cultivo, e nesse caso, a criação de gado atrapalhava, já que o gado também necessitava de terras para pastagem. Isso fez com que houvesse a ampliação das lavouras açucareiras, e o gado fosse perdendo seu espaço, assim ocorreu a interiorização pelo Nordeste, que tinha como objetivo ir em busca de novas terras para a criação do gado. A colonização do Piauí se deu pelos movimentos de expansão da pecuária e de interiorização dos espaços coloniais da América portuguesa, atraídos pelas condições propícias para a criação extensiva do gado.

O gado era criado nas fazendas de engenho com o pressuposto de abastecer a população de alimentos básicos, como a carne, leite e seus derivados, além de ser usado nos engenhos para mover as moendas e para transporte. Devido viver solto nas pastagens, se tornou pouco produtivo, pois ocupava os campos que poderiam receber o plantio da cana-de-açúcar. Como a produção açucareira só se desenvolvia plenamente no litoral, o rei de Portugal decretou a proibição da pecuária numa faixa de terra de dez léguas<sup>24</sup> a partir dessa área. Assim, o gado foi empurrado para o sertão, dando início, por volta do século XVII, ao processo de exploração e povoamento do interior brasileiro, por meio da pecuária extensiva.

Segundo a autora Audrey Tapety<sup>25</sup>, as primeiras expedições em territórios que posteriormente formariam a capitania piauiense são datadas do final do século XVI e principalmente durante o século XVII, motivadas pelos interesses da coroa portuguesa em empreender aos nativos dessa região trabalhos de cunho ideológico-religioso, visando à catequese desses povos com o propósito de obterem mão de obra para as lavouras de cana-de-açúcar. Porém, para que a colonização do território piauiense se efetivasse e essa política ideológica e religiosa ocorresse contingente de desbravadores adentraram o sertão e dizimaram as populações nativas. Diversas etnias indígenas foram extintas ou profundamente devastadas no território piauiense. O Piauí é uma consequência de uma ocupação territorial efetivada através da expulsão, dizimação, apropriação e implementação de ideologias externas às populações indígenas. Segundo Claudete Dias, “a apropriação e a exploração da terra

---

<sup>23</sup> Plantation é um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de latifúndios e mão de obra escrava.

<sup>24</sup> CABRAL, 1992 *apud* CUNHA, 2015, p. 138.

<sup>25</sup> TAPETY, 2007, p. 29.

davam-se através de luta violenta e cruel, exterminando tribos e nações em todo o Brasil, e o Piauí não foi exceção”<sup>26</sup>.

Com os territórios das demais províncias praticamente assentados e seus limites geográficos quase definidos, coube ao bandeirante Domingo Afonso Mafrense a exploração e a formação dos primeiros núcleos de povoamento, criação de currais e gado e a “domesticação dos nativos” no território piauiense. De maneira específica, a exploração dessas terras se deu do interior para o litoral, empreendendo pelo caminho, desumanas lutas contra os povos Gueguês que habitavam os vales do Gurguéia, no sul do Piauí. Como recompensa por esse feito, Mafrense e outros desbravadores ganharam a concessão das primeiras sesmarias em território piauiense, que posteriormente resultaram nas instalações das grandes fazendas de gado.

As primeiras informações sobre as terras do Piauí estão contidas em um dos documentos mais antigos sobre esse território, *Descrição dos Sertões do Piauí*, datado do ano de 1697 e de autoria do padre Miguel de Carvalho. Destinado ao bispo de Pernambuco, D. Frei Francisco de Lima, Pe. Miguel esclareceu como estavam sendo povoado o extremo sul do Piauí por meio das instalações de fazendas de criatório de gado:

Tem o sertão do Piauí, pertencente à nova Matriz de Nossa Senhora da Vitória, quatro rios correntes, vinte riachos, com cinco riachinhos, dois olhos d’água e duas lagoas, à beira das quais estão 129 fazendas de gado, em que moram 441 pessoas entre brancos, negros, índios, mulatos e mestiços. Mais lagoas e olhos d’água têm em que moram algumas pessoas que, por todas as de sacramento, fazem o número de 605, em que entra um arraial de Paulistas, com muitos tapuias cristãos, o qual governa o Capitão Francisco Dias Siqueira. Com os que não são de sacramento, chega o número de todas as pessoas, de uma a outra qualidade [...] batizados que ficam à obediência da nova Igreja (conforme o rol dos confessados). Os nomes e paragens das fazendas se acham no rol abaixo, com a distância de léguas que há de umas a outras, e nomes dos homens que nelas estão por arrendamento<sup>27</sup>.

Este documento mostrou ao Bispo de Pernambuco as distâncias imensas e a multiplicação rápida dos currais de gado. A providência tomada foi a instalação da Matriz de Nossa Senhora da Vitória, no centro sul do Piauí. Segundo as observações de Fonseca<sup>28</sup>, o prédio da igreja no interior do Piauí representou o “peão da povoação” e a entrada de um poder organizador no sertão. O autor ainda observa a forma como o padre Miguel se refere à população, onde ao invés de contar no geral, as classifica etnicamente. Para esse autor, a razão para isto seria porque nem todas as pessoas eram de sacramento, portanto, suas almas ainda

<sup>26</sup> DIAS, 2014, p. 71.

<sup>27</sup> CARVALHO, 2009, p.22 *apud* SALES, 2015, p. 21.

<sup>28</sup> FONSECA, Rodrigo Gerolineto. A Pedra e o Pálio: relações sociais e cultura na Capitania do Piauí no século XVIII. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2010.

precisavam ser conquistadas, o que viria atestar a necessidade da Igreja se fazer presente no sertão.

Com a criação da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, às margens do Riacho da Mocha, em 1696, o número de habitantes foi crescendo e em 1712, transformou-se em Vila da Mocha, que mais tarde passou a condição de cidade com o nome de Oeiras. Foi partindo desse ponto que o povoamento e ocupação piauiense intensificaram-se. Segundo Mott<sup>29</sup>, na metade do século XVIII o número de fazendas de gado no Piauí era:

**Tabela 1:** Número de fazendas no Piauí.

Ano	Número de Fazendas
1697	129
1730	400
1762	536
1772	578

**Fonte:** MOTT, Luiz. Piauí colonial: população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

Após a criação da Vila da Mocha, no início do século XVIII, foram criadas no Piauí as seguintes Vilas: Parnaguá, Jerumenha, Campo Maior, São João da Parnaíba, Marvão e Valença<sup>30</sup>. A partir do crescimento do número de fazendas no Piauí colonial, podemos destacar a importância do gado para o povoamento da região. Partindo da investigação de Luiz Mott<sup>31</sup>, em 76 anos após a fundação da freguesia de N. Senhora da Vitória, o Piauí teve um acréscimo de 449 fazendas de criação de gado. O historiador ainda apresenta um levantamento acerca da quantidade de fazendas e sítios e as localidades em que as mesmas se encontravam no decorrer do século XVIII:

**Tabela 2:** Fazendas e Sítios do Piauí (1772).

Localidades	Número de fazendas	Número de Sítios
Oeiras	182	103
Parnaguá	60	11
Jerumenha	69	46
Valença	58	46
Marvão	39	50
Campo Maior	91	49
Parnaíba	79	47
Total	578	357

**Fonte:** MOTT, Luiz. Piauí colonial: população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

<sup>29</sup> MOTT, Luiz. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

<sup>30</sup> ARRAES, 2016, p. 316.

<sup>31</sup> MOTT, 1985.

A partir desse levantamento podemos notar a forte presença de fazenda e sítios nas localidades. As principais povoações do Piauí, depois transformadas em vilas e cidade, cresceram a partir das fazendas de criação de gado. A carne, como alimentação, e o couro no vestuário, permitiram a sobrevivência dos vaqueiros que conduziam e cuidavam do gado sertão adentro, nas fazendas e currais do interior do Piauí. Certamente o vaqueiro é um dos principais expoentes na ocupação do sertão nordestino durante os séculos XVI a XIX. Esses sujeitos sociais eram os representantes dos fazendeiros e respondiam pela fazenda na ausência do proprietário e por todos os problemas cotidianos ligados à administração. Capistrano de Abreu<sup>32</sup>, ao discorrer sobre os processos de povoamento de algumas capitânicas, esclarece sobre a expansão associada ao gado e a aspiração empregada no status do vaqueiro para essa sociedade.

Nos países próprios à criação, abertos e cheios de campinas, diz ele em suma, pouco se muda à superfície da terra; levantada uma casa coberta pela maior parte da palha, feitos uns currais e introduzidos os gados estão povoados três léguas de terra; os mulatos, os mestiços e os negros forros, tão avessos a todo trabalho, entregam-se como gosto a este, na esperança de um dia virem a ser fazendeiros, e tal esperança facilmente pode realizar-se, porque os vaqueiros são pagos em gêneros, de quatro bezerros um, de modo que em poucos anos têm semente com que começar vantajosamente a lutar pela existência<sup>33</sup>.

Para Tapety<sup>34</sup>, foi a partir das fazendas de gado que definiram a forma de ocupação do solo piauiense. Conseqüentemente, devido à necessidade da população em viver no interior das fazendas e não nas vilas e povoações, Acabou provocando um baixo índice de urbanização e o caráter extensivo e disperso no processo de povoamento. Segundo Eriosvaldo Barbosa<sup>35</sup>, nesse período colonial havia um vaqueiro para manadas de 250 cabeças de gado. A população nordestina, que vivia da criação, não ultrapassava a 13.000 pessoas e a quantidade de cabeças de gado era de 650.000 espalhadas em todo nordeste.

Alves<sup>36</sup> alega que o isolamento da população piauiense se deve muito a forma extensiva, rústica e dispersa por quais essas pessoas estavam situadas, onde a vida se resumia ao trabalho nas fazendas. Isso também implica afirmar que o contato com informações exteriores ao espaço da fazenda só ocorria quando viajantes ou transportadores das boiadas passavam

---

<sup>32</sup> ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

<sup>33</sup> Id. 1988, p. 64.

<sup>34</sup> TAPETY, 2007.

<sup>35</sup> BARBOSA, 2005.

<sup>36</sup> ALVES, 2003.

trazendo notícias. Em termos urbanísticos no Piauí, Esdras Arraes<sup>37</sup> e Mott<sup>38</sup> nos apresentam alguns dados referentes à sede da Capitania do Piauí – Oeiras.

Entretanto, esses dados são contraditórios e os autores nos informam números distintos acerca da quantidade de fogos (imóveis) em um espaço de tempo de 10 anos. Arraes, com um trabalho recente, apresenta um censo de 1762 da cidade de Oeiras, no qual indica que “Oeiras se expandiu. Apresentou, em 1762, 270 fogos (ou imóveis)”<sup>39</sup>. Já Mott, provido do relato do Ouvidor da Capitania, nos aponta que em Oeiras em 1772 a quantidade de imóveis era de “157 fogos e 692 almas”<sup>40</sup>. Em meio a esses dados e contradições, nos atentamos para a afirmação de Odilon Nunes a respeito do povoamento urbanístico do Piauí em meados do século XVIII, “A Capitania do Piauí é falta de povoações formadas; não há falta de povoadores, que moram e vivem dispersos em suas fazendas de gados, [...] De sorte que se os seus moradores se unissem em povos, bastariam para formar várias cidades e vilas”<sup>41</sup>.

Por ser uma atividade mais ligada à subsistência, a pecuária exigia poucos gastos. Construída uma pequena casa coberta de palha e um curral para o gado, na área de três léguas<sup>42</sup> de terras, estava estabelecida uma fazenda. Assim, as fazendas de gado multiplicavam-se, habitada por homens e animais numa ocupação extraordinariamente irregular, escassa e rala. A sociedade ligada à pecuária era dispersa, pois o gado era criado em grandes extensões de terra. Além disso, os vaqueiros viviam mudando de lugar decorrente a necessidade de buscar melhores pastos para o gado. Pois como o gado não tinha lugar certo para fixar-se, o vaqueiro o acompanhava, tornando sua morada o local onde o gado estivesse. Nessa perspectiva é possível notar o isolamento desses homens da vida em comunidade e a dispersão a que se achava submetida à população desse período.

Uma fazenda de gado desse período era composta de uma casa simples, coberta de folhas de carnaubeira; toscos currais (a criação extensiva não requeria currais sofisticados); algumas centenas de cabeças de gado; sua área média era de três léguas dispostas ao longo de um curso d’água por uma légua de largura, sendo meia para cada margem; o pessoal era formado por poucos homens, comumente índios, mestiços, foragidos dos centros policiados do litoral como: escravos em fuga, criminosos escapos da justiça, aventureiro de toda ordem que abundavam uma região que lhes inspiravam

<sup>37</sup> ARRAES, Esdras. Imaginando a Paisagem Urbana de Oeiras do Piauí (1697-1762). *GEOGRAFIA*, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 351-371, mai./ago. 2016.

<sup>38</sup> MOTT, 1985.

<sup>39</sup> MANUSCRITOS DO PROJETO RESGATE BARÃO DO RIO BRANCO, 1762? *apud* ARRAES, 2016.

<sup>40</sup> ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, 1772 *apud* MOTT, 1985, p. 346.

<sup>41</sup> NUNES, 1966 *apud* MOTT, 1985, p. 348.

<sup>42</sup> Em 1774, as brigas entre pessoas que almejavam a propriedade das terras forçou a coroa portuguesa, através de Cartas Régias, a estabelecer que as áreas doadas em sesmarias deveriam medir somente 3 léguas. TAPETY, 2007. p. 30.

liberdade e desafogo; além disso, entre cada fazenda existia uma légua de terras devolutas que as separava<sup>43</sup>.

As instalações modestas dessas fazendas e a indumentária simples de seus moradores, não representavam nenhum conforto e requinte. O que diferenciaria a casa do proprietário das fazendas da dos vaqueiros era as coberturas de telhas, enquanto os dos vaqueiros eram de palhas. Segundo Cascudo<sup>44</sup>, a casa do vaqueiro era simples. Na sala da frente uma mesa, cabides para arreios e uma mobília de couro para as visitas. As crianças dividiam quartos menores. No quarto grande, os donos da casa dormiam e também utilizavam como despensa. Serviam para guardar o queijo trepado no jirau, os surrões com farinha, os baús de pregaria com roupa e as garrafas de manteiga. O domínio da pecuária no sertão nordestino é denominado de Civilização do Couro, por Capistrano de Abreu, em virtude da diversidade de utensílios domésticos e móveis produzidos com esta matéria-prima.

[...] de couro era a porta das cabanas; rude leito aplicado ao chão, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar a roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagens, as bainhas de facas, as brocas e os surrões, a roupa de montar no mato, os banguês para costumes ou para apanhar sal [...]<sup>45</sup>.

O padre Miguel de Carvalho ao descrever esses sujeitos, apresentou o estilo de vidas desses homens. As instalações simples, o vestuário rústico e os hábitos alimentares limitados caracterizavam esses sujeitos nas brenhas do sertão piauiense.

Comem estes homens [das fazendas de gado] só carne de vaca, com laticínios e algum mel que tiram pelos paus. A carne ordinariamente se come assada porque não há panelas em que se coza; bebem água de poços e lagoas, sempre turva e muito salitrada. Os ares são muito grossos e pouco sadios. Desta sorte vivem estes miseráveis homens, vestindo couros e parecendo tapuias<sup>46</sup>.

No seu ofício diário com o gado, os vaqueiros desempenhavam um papel importante dentro das fazendas. Na maioria das vezes o proprietário era ausente na administração da mesma e raramente morava no sertão. Ficava ao encargo do vaqueiro de confiança administrar e zelar a boiada. Em sua labuta cotidiana, cabia a este amansar e ferrar os bezerros, proteger o rebanho de eventuais ameaças, seja por doenças ou predadores, curarem as bicheiras, queimar os campos para facilitar o crescimento do pasto apropriado para o gado e sempre manter os animais próximos aos reservatórios de água na fazenda. Como é sabido, o vaqueiro para cumprir bem seu ofício, precisava quase sempre estar próximo ao gado. Assim,

<sup>43</sup> PRADO, 1984, p. 45 *apud* BARBOSA, 2005, p. 21-22.

<sup>44</sup> CASCUDO, 1985, *apud* BARBOSA, 2005, p. 23.

<sup>45</sup> ABREU, 1930, p. 71 *apud* MENEZES, ALMEIDA, 2008, p. 183.

<sup>46</sup> CARVALHO, 1993, p. 17 *apud* FONSECA, 2010, p. 32.

fazia parte do seu trabalho dormir nos campos, especialmente no período de inverno quando costuma nascer a maior parte dos bezerros.

Nos períodos de seca, o vaqueiro necessariamente precisava estar apostado para as eventuais dificuldades diárias. O vaqueiro representado na obra literária *Ataliba - o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco<sup>47</sup>, exprime, mesmo que ficcionalmente, as tarefas árduas dos períodos de estiagem.

Ataliba e Cassange não paravam um instante, não despiam mais as suas vestes de couro e percorriam os recantos da fazenda em labutar incessante. Ora procuravam tirar a pele aos animais que morriam; ora tentavam levantar pela cauda a rês que perdia as forças e tocá-la para juntos de alguma sombra, o que rareava já na mata desnudada. [...]. O vaqueiro então deliberou remover todo o gado para o lado da casa de Deodata, visto conservar-se ali o riacho mais abundante de águas e na maior profundidade dele<sup>48</sup>: [...].

Mesmo sendo uma vida árdua, ser vaqueiro consistia no prestígio de administrar a fazenda na falta do proprietário, a liberdade de vagar pelos campos com seu cavalo e nesta região das caatingas do sertão, arriscar suas vidas em aventuras prazerosas de pega de bois. As fazendas representavam celeiros de liberdade e desafogo, e homens com idade para trabalhar, sejam eles mestiços, índios, escravos em fuga, criminosos escapos da justiça, almejavam na figura do vaqueiro a possibilidade de pelo menos serem trabalhadores em liberdade.

Nas fazendas de gado o rebanho vivia sobre vistas do vaqueiro, num sistema de confiança entre o mesmo e o seu patrão. Nos comentários a respeito da obra do vaqueiro *Ataliba*, as autoras Magalhães e Rêgo dialogam a respeito da hierarquia social do sertão. Em falta do proprietário ou de algum funcionário do governo, ele era a maior autoridade local. “O vaqueiro no nas fazendas piauienses tinha um papel de destaque, era ele quem administrava a propriedade, negociava o gado nas feiras e tinha o poder de tomar decisões em nome do fazendeiro”<sup>49</sup>.

A responsabilidade deu a esses sujeitos o sentimento de autoridade, autodeterminação e de mando próprio, sendo o próprio fiscal e feitor do seu trabalho. “O vaqueiro devia prestar contas ao patrão muito mais em base de sua honestidade e do seu crédito pessoal moral do que na exibição impossível de documentação comprovação comprobatória”<sup>50</sup>.

<sup>47</sup> CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o Vaqueiro: Hermione e Abelardo, a mulher de ouro* / Francisco Gil Castelo Branco. Estudo bibliográfico e atualização de textos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo. 2. ed. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1993.

<sup>48</sup> Id. 1993, p. 66.

<sup>49</sup> MAGALHÃES; REGO, 1993 *apud* CASTELO BRANCO, 1993, p. 24.

<sup>50</sup> CASCUDO, 1985, p. 32 *apud* BARBOSA, 2005, p. 26.

Até as crianças brincavam de “fazendeiro” e de “vaqueiro”, repetindo-se no microcosmo infantil um macrocosmo adulto. Brincavam de serviço de campo, galopando em cavalos de pau, juntando os gados feitos de ossos com aboios sinceros em obediência à manada, a qual bebia água em açudes feitos de pequenos cacos de louça. Faziam pequenas vaquejadas com derrubadas espetaculares para adulto nenhum botar defeito<sup>51</sup>.

Dependendo do tamanho das fazendas, existiam grupos de vaqueiros para poder dar conta da labuta diária. Esses homens dividiam as funções, que iam desde ferrar o gado até os amansadores, responsáveis por amansar cavalos, burros e bezerros. Encarregado de administrar a fazenda cabia ao vaqueiro construir cacimbas durante o período de estiagem, cortar ramas cactáceas e macambiras, principais fontes de alimentos para os tempos difíceis da seca e quando acaba toda a pastagem. Além de tais trabalhadores, algumas vezes também habitava a fazenda mestiços forros que realizavam serviços auxiliares. Às vezes, temporário, essas pessoas trocavam os serviços na fazenda por uma pequena remuneração em espécie, casa e comida.

Diferentemente dessas pessoas que prestavam serviços auxiliares, o vaqueiro não recebia pagamento em dinheiro dos seus patrões. Depois de alguns anos de serviço, algo em torno de quatro ou cinco anos, ele recebia por seu serviço um bezerro a cada quatro nascidos. Nesse sistema de  $\frac{1}{4}$  durante o ano de atividade, fazia com que muitas vezes o mesmo acumulasse o próprio rebanho. Esse pagamento a partir da produção da fazenda ocorria anualmente por ocasião da apartação.

O trabalhador livre das fazendas do Piauí era geralmente o vaqueiro – categoria de fundamental importância social. Não sendo assalariado, era uma espécie de “sócio” do proprietário, parceiro de produção. O vaqueiro tinha direito a um bezerro a cada quatro crias, sistema conhecido como “quarta”, o que lhe possibilitava a acumulação de alguns bens e a se tornar sitiante ou mesmo fazendeiro. Não era um trabalhador comum e o “status” de vaqueiro atraía a todos; “a maior felicidade consistia em merecer algum dia o nome de vaqueiro<sup>52</sup>”.

Neste primeiro momento da abordagem a respeito do vaqueiro, podemos perceber a relevância, o status social e econômico que o mesmo significou para o Nordeste, principalmente o Piauí, já que representava um dos maiores fornecedores da pecuária durante o século XVIII. Dias<sup>53</sup> esclarece que poucos conseguiam se tornar vaqueiros. Este sujeito histórico e social era uma espécie de administrador da fazenda, que se responsabilizava pelo trabalho de cuidar integralmente do gado, além de zelar diretamente pela manutenção da ordem e paz dentro da área territorial integrante da propriedade sobre sua responsabilidade.

<sup>51</sup> CASCUDO, 1985, p. 10 *apud* BARBOSA, 2005, p. 25.

<sup>52</sup> DIAS, 2014, p. 80-81.

<sup>53</sup> Id. 2014.

Assim, é possível notar a importância sócio-histórica desse sujeito para o Piauí, além de toda a mistificação criada com o tempo em cima dele, onde todos aqueles sujeitos que não nasceram ou não eram herdeiros de famílias abastadas, almejavam se tornar vaqueiro e poder “subir na vida”, ou seja, obter ascensão financeira. Não é que somente tal denominação mudasse o status econômico ou elevasse o homem a uma condição mais favorável de vida. Porém, o Piauí com uma economia de subsistência e pautada exclusivamente para a pecuária, as reses ganhas com o sistema de quarteação e à medida que iam adquirindo esses animais e uma pequena propriedade, muitos conseguiam algumas pequenas posses em meio às adversidades impostas por suas duras realidades.

## **2.2 O processo de apartação como o influenciador no desenvolvimento da prática lúdica de ser vaqueiro**

“A vaquejada é apenas um prolongamento da apartação”<sup>54</sup>. A partir da afirmação e após a abordagem inicial sobre a chegada do gado no território piauiense, destacando o trabalho laboral do vaqueiro e sua importância dentro das fazendas do interior do Piauí; nesse segundo tópico do capítulo, abordaremos o processo de apartação e sua importância para que o vaqueiro ganhasse ênfase e notoriedade no sertão nordestino e piauiense. Será demonstrado ainda como a vaquejada foi se desligando das atividades e práticas do campo e alcançando autonomia em relação à apartação, ou seja, quando o processo de apartação foi decaindo durante o século XX e a vaquejada passou a receber um qualificativo de “esporte”, de algo característico da labuta para um ambiente mais lúdico.

Com a criação de gado de forma extensiva, os campos não eram cercados e as antigas fazendas não eram delimitadas. Com o rebanho espalhado por vastos campos abertos, acabavam afastando-se dos currais em busca de alimentos. Segundo Bezerra<sup>55</sup>, a dispersão do gado pela caatinga, serras e tabuleiros, contribuiu para o surgimento da apartação. Esse processo exigia dos vaqueiros várias virtudes, como agilidade, coragem para reunir e selecionar o animal em épocas de ferrar, tratar e comercializar. Como lembra esse literato, geralmente, acontecia no final do inverno, ao fim das chuvas. Nessa época o proprietário da fazenda reunia dezenas de vaqueiros para fazer a separação da vacaria.

---

<sup>54</sup> BEZERRA, 1978, p. 8.

<sup>55</sup> BEZERRA, José Fernandes. *Retalhos do meu sertão*. Rio de Janeiro: Gráfica e Papelaria Leão do Mar, 1978.

Inicialmente, como forma de trabalho, o processo de apartação exigia que diversos vaqueiros se reunissem para buscar o gado no interior das fazendas da região. Com isso, era escolhida uma fazenda para levar o gado, separar e ferrar os animais aos seus respectivos donos, tratar os doentes e feridos, além de escolherem os animais que seriam vendidos. Segundo Bezerra<sup>56</sup>, com o local primeiramente escolhido, era agendada uma data para o início da apartação. Guiados pelo o fazendeiro anfitrião, diversos vaqueiros e fazendeiros partiam pelos campos e se espalhavam por toda a região em busca da vacaria. Nesse contexto, nota-se que os fazendeiros já não eram mais absenteístas, como dizia Mott<sup>57</sup>, onde afirmava que as primeiras grandes fazendas do Piauí, praticamente não contavam com a presença dos seus donos. Com o sistema de apartação consolidado no interior do Nordeste, “o fazendeiro também fazia o ‘serviço de campo’ e se arriscava aos mesmos perigos enfrentados pelos vaqueiros profissionais”<sup>58</sup>.

Com os grupos de vaqueiros nos campos, iniciavam as buscas pelo gado. Após encontrar os animais, os vaqueiros cercavam em regiões parcialmente abertas e com apenas algumas árvores para que as reses se protegessem do sol. Nesse sistema, alguns vaqueiros ficavam responsáveis por realizar o cerco e evitarem que o rebanho se afastasse do local, enquanto outros continuavam a campear. Bezerra<sup>59</sup> esclarece que habitualmente ficava um vaqueiro aboiador, responsável por dar o sinal do local aos companheiros que continuavam campeando. Esse serviço poderia durar todo o dia ou até mais. Ao final, o gado era encaminhado para os currais das fazendas, onde eram realizados os processos de apartação.

O gado era tangido na base do traquejo, como era chamada a prática ou jeito de conduzi-lo para os currais. Quando era encontrado um barbatão da conta do vaqueiro da fazenda-sede, ou da conta de vaqueiro de outra fazenda, era necessário pegá-lo de carreira. Barbatão era o touro ou novillo que, por ter sido criado nos matos, se tornara bravo. Depois de derrubado, o animal era peado e enchocalhado. Quando a rês não era peada, era algemada com uma algema de madeira, pequena forquilha colocada em uma e suas patas dianteiras para não deixá-la correr<sup>60</sup>.

Devido à necessidade de correr atrás do gado arisco e selvagem para capturá-lo e encaminhar para o curral da fazenda, as demonstrações de habilidades e coragem de alguns vaqueiros começaram a se sobressair e ganhar popularidade na região onde eram realizados os encontros para a apartação. Embora o período de apartação inicialmente representasse apenas o momento de reunir a vacaria no curral para ferrar, dividir, tratar e vender os animais

---

<sup>56</sup> Id. 1978.

<sup>57</sup> MOTT, 1985.

<sup>58</sup> BEZERRA, 1978, p. 7.

<sup>59</sup> BEZERRA, 1978.

<sup>60</sup> BEZERRA, 1978, p. 8.

escolhidos, posteriormente, transformou-se em rituais festivos, atraindo as comunidades próximas e distantes. A partir da apartação nasceu uma festa rural popular em todo o sertão nordestino. “[...] era na apartação que os vaqueiros se encontravam, brincavam, conversavam e dançavam: era a festa dos vaqueiros. Assim, na apartação, percebemos o sentido de festa”<sup>61</sup>.

Dentre as atividades laborais do vaqueiro, correr atrás do boi para interceptá-lo acontecia devido à necessidade de transportar o gado de uma região para outra, sendo para alimentar no pasto mais fértil da fazenda ou para outros lugares, onde exigia atenção e cuidado para que os animais não fugissem do rebanho principal. Essa atividade de pegar o boi no mato era bastante utilizada nos momentos de apartação devido a grande quantidade de gado que era transportado para os currais das fazendas. Com isso, muitas vezes tinham “estouros” de animais arredios da boiada, ou também, animais que cresciam nos matos, conhecidos como barbatões, e era preciso colocar peias para evitar que fugissem.

Com a notoriedade da pega de boi no mato, vaqueiros e cavalos começaram a ganhar fama na região pelas artimanhas realizadas no meio da caatinga. Assim, o trabalho começou a se transformar em festa, onde a seriedade da labuta diária como cumprimento da obrigação tornou-se alegria. A reunião para a apartação se reverteu em um encontro de amigos, na demonstração de habilidade, de destreza e de vigor físico dos vaqueiros.

A reunião de tantos homens, ausência de divertimentos, a distância vencida, tudo concorria para aproveitar-se o momento. Era um jantar sem fim, farto e pesado, bebidas de vinho tinto e genebra, aguardente e “cachimbo” (aguardente com mel de abelha)<sup>62</sup>.

Para Cascudo<sup>63</sup>, não havia nenhuma menção a vaquejada e/ou apartação nos registros de viajantes, aventureiros, traficantes de escravos ou tantos outros que passaram por terras brasileiras entre os séculos XVII e XVIII e princípio do século XIX. De acordo com o autor, as primeiras manifestações da vaquejada na literatura são mediante ao uso da vara de ferrão ou pela puxada pelo rabo. Enquanto o uso da vara de ferrão se desenvolvia pela corrida e, por conseguinte, com o toque ao lado do boi para que esse se desequilibrasse e caísse no chão; a puxada pelo rabo consistia apenas pegar no rabo do boi e num forte e rápido impulso jogá-lo ao chão. Mesmo sendo o hábito de puxar o boi pela cauda que se sobressaiu e adaptou ao nordeste. Para esse importante romancista do século XX, não existe nenhum registro ou alusão nos versos populares que retratavam a vida do sertanejo de outrora a respeito dessa

---

<sup>61</sup> MAIA, 2003, p. 166.

<sup>62</sup> CASCUDO, 1984, p. 78.

<sup>63</sup> CASCUDO, L. C. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

prática de derrubada do gado. Sendo assim, o autor associa a prática com a vara de ferrão como antecessora aos moldes de puxar o gado pelo o rabo das vaquejadas nordestinas:

Quando surge de repente uma rês mais arisca que espirra de mato adentro, os vaqueiros mais bem montados, corajosos e afoitos, correm atrás do animal. Com absoluta confiança no seu cavalo de campo, o vaqueiro sai em perseguição à rês, desviando-se das árvores, saltando macambira e xiquexique, batendo aqui e ali em galhos de juremas, amorosas e mofumbos atravessados na passagem, subindo e descendo ladeiras, penetrando em caatingas de matos espinhosos, resvalando sobre pedras, até chegar o momento oportuno de encontrar um local mais aberto. Então, ligeiro e veloz como uma onça, se aproxima da rês, firma-se nos estribos e, num movimento rápido, procura agarrar a bassoura (cauda) e fazer a puxada. O bicho cai de patas para o ar<sup>64</sup>.

A prática de pegar boi no mato passou de ofícios do trabalho para popularizador das façanhas dos vaqueiros e cavalos entre os seus participantes. O trabalho era contínuo e árduo, porém, ficar com fama de herói por ter capturado bois afamados pela bravura tornava o vaqueiro estimado por seus companheiros e também pelos os fazendeiros. Segundo Aires<sup>65</sup>, os fazendeiros percebendo que os vaqueiros desejavam pegar o barbatão no mato e, conseqüentemente, elevarem ou criarem seu prestígio perante aos outros; ofertavam a possibilidade de correr três bois na frente da fazenda como prêmio por cada barbatão capturado no mato. Com a recorrência dessa premiação, os vaqueiros só corriam atrás desses animais ariscos se o fazendeiro anfitrião garantisse que fosse concedida a oportunidade de correr no pátio da fazenda. “Se os fazendeiros não quisessem dar o gado para correr mourão, os vaqueiros não tinham nenhum interesse de pegar gado para apartações”<sup>66</sup>.

O animal bravo selvagem, o “barbatão” que logo ganhava fama, atraindo os vaqueiros mais em sua perseguição. Para a sua captura convocavam-se vaqueiros das várias ribeiras que em verdadeira festa iam perseguir o animal bravo. O que o derrubava, além de grande fama recebia como prêmio, ou o animal vencido, ou uma importância em dinheiro<sup>67</sup>.

Para além dessa premiação, que poderia ser o próprio barbatão ou dinheiro, Aires<sup>68</sup> destaca outras premiações ofertadas aos vaqueiros que participavam dessas vaquejadas, dentre essas recompensas, os patrões premiavam aos vaqueiros que se destacavam nas derrubadas do boi no chão com carneiros, gados e outros utensílios de pequeno valor financeiro. As façanhas em meio à caatinga por muitas vezes passavam despercebidas aos olhos de espectadores,

<sup>64</sup> BEZERRA, 1978, p. 9.

<sup>65</sup> AIRES, Francisco Janio Filgueira. O espetáculo do cabra-macho: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2008.

<sup>66</sup> ALVES, 1986, p. 18 apud AIRES, 2008, p. 78.

<sup>67</sup> ANDRADE, 1986, p. 122 apud MENEZES; ALMEIDA, 2008.

<sup>68</sup> AIRES, 2008.

porém, com a popularização das carreiras nos pátios das fazendas, ou geralmente conhecida como corridas de mourão, proporcionavam aos vaqueiros a oportunidade de mostrarem toda sua destreza e habilidade para derrubar o boi no chão enquanto o público em geral acompanhava essas apresentações.

A festa da apartação, que dá origem à vaquejada, constituía-se em uma reunião de vaqueiros que, ao final do dia, geralmente em frente à casa da fazenda, festejavam as perseguições e as derrubadas. Nesse período, a casa da fazenda animava-se, enchendo-se de gente, quando então o fazendeiro, que já não mais residia ali, vinha com sua família passar a temporada<sup>69</sup>.

Geralmente, podia correr atrás do boi por qualquer lugar no espaço do pátio da fazenda. Os vaqueiros se desafiavam num lugar de chão batido e duro, onde ganhava quem mais se destacasse na puxada do boi. O início do século XX representou o fim da relação entre apartação e a vaquejada, onde juntamente com as mudanças no manejo com o gado, afetaram a representação social dos vaqueiros.

Este serviço (vaquejada) é antes um divertimento para os sertanejos, é a reunião predileta em que exibem a sua coragem e perícia, contam as suas façanhas e os triunfos obtidos nas matas e nos campos, relatam os seus combates singulares e os seus amores singelos. À noite, saboreando a pingue coalhada, o néctar dos seus manjares, trocam entre si medonhas histórias de almas penadas ou de assassinatos recentes<sup>70</sup>.

Muitos autores da historiografia nordestina, como Barbosa<sup>71</sup>, apontam para a inovação da pecuária como elemento crucial para a separação da vaquejada da festa de apartação. Acontece que devido ao fim da pecuária extensiva, principal responsável pela reunião anual para a realização da apartação do gado; as vaquejadas já não tinham mais um período específico para serem realizadas nas fazendas. Com a chegada do gado Zebu (também conhecido como Guzerá, Gir e Nelore) nas primeiras décadas do século XX, oriundos da Índia para o Triângulo Mineiro e, posteriormente, para o Nordeste brasileiro; traria novos modos de se lidar com o gado.

Segundo esse autor piauiense, o que incentivou essa brusca mudança no criatório bovino foi exatamente o desejo “messiânico” por inovações que se empregou no Brasil ao final do século XIX e início do século XX. Exemplos como a industrialização trazida pelo nacionalismo Republicano e a exaltação ao crescimento, afetaram a já arcaica forma de criação de gado. A partir de então, a pecuária intensiva representou a limitação territorial das

---

<sup>69</sup> MAIA, 2003, p. 165.

<sup>70</sup> CASTELO BRANCO, 1993, p. 61.

<sup>71</sup> BARBOSA, 2005.

fazendas com os cercamentos e o acompanhamento contínuo do boi durante todas as suas fases de evolução.

Barbosa<sup>72</sup> ainda acrescenta que essa modernização da pecuária com a chegada de novas raças ocasionou dois eventos. O primeiro foi à introdução das cercas de arame farpado nas fazendas, onde prendiam os animais nas limitações territoriais da mesma, facilitando então o cuidado dos vaqueiros com o gado nesses espaços fechados. O outro foi o surgimento de novas relações de produção e de distribuição condizentes com o processo de modernização que o país passava. O autor ressalva que as empresas frigoríficas e os laticínios surgiram nesse contexto. Com a ascensão nacional, isso implicaria na mudança de uma economia agrária e de trabalho escravo em uma economia industrial, com mão de obra livre.

Com esse cenário nas primeiras décadas do século XX, a apartação começou a perder importância enquanto serviço de campo, pois devido o gado estar sendo criado num regime intensivo ou semi-intensivo, não existia mais a necessidade de reunir dezenas de vaqueiros de várias fazendas para passarem dias reunindo gado em vastas áreas de terra, ou seja, não tinha mais os serviços práticos da apartação. Com um discurso melancólico, Cascudo lamenta os adventos da modernização da pecuária, os quais, o próprio acompanhou no seu tempo:

Hoje a apartação rareia. Todo sertão está cercado. A pecuária possui métodos modernos. Já apareceram veterinários. A maioria do gado é “raceado”, filho de reprodutores europeus ou adquiridos em Minas Gerais. São touros pesados e caros, ciúme dos donos que não desejam ver perna quebrada em que lhes custou dinheiro grosso. [...] Recuam os vaqueiros e com eles desaparecem a “gesta” secular e anônima dos heroísmos sem testemunhas e das coragens solitárias e atrevidas<sup>73</sup>.

Para ele, não havia apartação sem vaquejada, mesmo sendo atos distintos. Segundo o autor, vaquejar, na legitimação da palavra, nada mais era do que procurar o gado para levar até o curral. O folclorista via na apartação e na vaquejada, juntas, a identidade nordestina, iniciada justamente pela a pecuária extensiva desde o século XVII. Para ele, o desaparecimento da apartação incluiria também a vaquejada. Já para Barbosa, mesmo a vaquejada tendo suas origens às tarefas da apartação, o advento da pecuária intensiva e suas consequências arraigadas ao processo de inovação, concedeu a ela o que o autor vai chamar de “carta de alforria” das funções pastoris. Ou seja, a partir dessa separação entre o trabalho nos períodos de apartação e as corridas nos pátios das fazendas, que a vaquejada ganhou seus próprios moldes. Entre eles, a popularização das “pistas de corridas” em substituição aos próprios pátios das fazendas.

---

<sup>72</sup> Id. 2005.

<sup>73</sup> CASCUDO, 1984, p. 80.

Com o fim do sistema de apartação no Nordeste, a vaquejada e seus adeptos necessitavam prosseguir sem estarem ligadas as funções pastoris e laborais. Com o advento da modernidade, não havia mais espaço para os moldes em que a vaquejada e os vaqueiros estavam habituados. As competições nos terreiros das fazendas após o dia de trabalho tinham chegado ao fim. Com isso, as “pistas de corridas” transformaram-se na principal alternativa para dar continuidade a um costume arraigado ao povo nordestino. Esses novos lugares para a prática da vaquejada tinham como característica a simplicidade de ser um terreno de terra batida, vago e com um longo corredor para que os vaqueiros pudessem derrubar o boi numa faixa de seis metros, exigindo para isso muita força. Essa puxada podia ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior<sup>74</sup>.

As características desse estilo de vaquejada traziam alguns elementos da pega de boi no mato. Entre eles, a puxada do boi pelo rabo em qualquer lugar, as vestimentas de couro e a presença do vaqueiro de fazenda nas vaquejadas, que ainda era comum na segunda metade do século XX. A corrida de mourão ou vaquejada tinha regras simples. Nesse tipo de competição, a maior pontuação seria para a dupla de vaqueiros que conseguisse derrubar o boi mais próximo possível da entrada do animal na pista. Era válido também que o boi pudesse correr para frente e para trás na pista, algo penalizado nas regras atuais na vaquejada contemporânea. O que importava era puxar e derrubar o boi no chão. Aires lembra que esse estilo de competição de mourão ainda<sup>75</sup> ocorre em algumas regiões do Nordeste. A diferença principal entre as competições do passado e do presente é que hoje se derruba boi no interior de uma pista de vaquejada, enquanto que naquela época o boi era derrubado em campo aberto.

Com as pistas de vaquejadas e independente da apartação, os vaqueiros já não necessitavam mais seguir um padrão anual estabelecido nas antigas apartações do gado. A vaquejada passou a ser realizada em momentos comemorativos, como aniversários, festa do padroeiro, batizados, ou simplesmente nos finais de semana quando arrumassem alguém que cedesse, além da pista, o gado para ser corrido. Barbosa acredita que essa autonomia da vaquejada foi o propulsor “na acentuação de seu caráter lúdico e no seu conseqüente desligamento da esfera do trabalho (da apartação)”<sup>76</sup>. O temor dos folcloristas do fim de uma vaquejada atrelada as raízes tradicionais que representavam o sertanejo se concretizou. A vaquejada imutável tão aspirada pelos folcloristas não existia mais. Assim, com o

---

<sup>74</sup> AIRES, 2008.

<sup>75</sup> Até o ano dessa publicação, 2008.

<sup>76</sup> BARBOSA, 2005, p. 35.

deslocamento da vaquejada do mundo do trabalho para algo mais esportivo, lúdico, significava que o advento da modernidade tinha alcançado essa esfera da cultura nordestina.

Barbosa<sup>77</sup> critica os discursos dos folcloristas na literatura de cordel e no senso comum a respeito dessas mudanças sofridas pela vaquejada. Para ele, a melancolia utilizada nesses discursos apenas exalta um mundo maravilhoso que com a chegada da modernidade, acabou<sup>78</sup>. Nesse contexto, folcloristas, como Câmara Cascudo, almejavam fossilizar as características e os costumes de um povo para que fosse possível assegurar a inalterabilidade desse povo, no caso, os sertanejos. Barbosa<sup>79</sup> deixa bem claro isso no seguinte trecho:

A vaquejada, nesse sentido, seria uma “essência” que ajudaria a “manter” a identidade das “tradições culturais nordestinas”, e que estava perdendo suas características originais do tempo em que era praticada nos antigos terreiros das fazendas. O discurso folclorista define a vaquejada como essência a histórica, refratária às mudanças culturais. Daí a necessidade de fossilizá-la, embalsamá-la e defendê-la das transformações, assegurando assim sua imutabilidade e a do próprio povo - o sertanejo - que a marca, ao longo do tempo. O surgimento das “pistas de corrida” era um sinal visível de que a vaquejada, embora irmã da apartação, desligava-se de sua função prática pastoril para assumir, sozinha, a função de festa.

O surgimento da vaquejada em um lado mais lúdico, ao invés de acabar com um costume vai representar à interação social desses sujeitos tão isolados em mundo restrito as sociabilidades dispostas. O lúdico vai romper com o comodismo de uma vida cotidiana e instaurar uma nova dimensão no convívio social. Era nesse ambiente que o vaqueiro apresentava seus dotes ao lidar com o boi arredo, cujas façanhas, valentias e proezas eram demonstradas a um público que se divertia, aplaudia, cantava e vivia esse momento como uma grande festa. A monotonia das surdas e solitárias matas já não era mais o único palco para esses homens que diariamente enfrentavam a labuta sob o sol quente do sertão aboiando o gado num gesto incontestável e destemido. Para além do trabalho, a vaquejada era agora a diversão em frente uma vida dura e pesada.

---

<sup>77</sup> Id. 2005.

<sup>78</sup> Sobre essa postura de intelectuais nordestinos em idealizarem o Nordeste como espaço de saudade em contrapartida aos discursos modernistas, ver: Albuquerque Júnior (1999).

<sup>79</sup> BARBOSA, 2005, p. 35-36.

### **2.3 O município de Pio IX: dos núcleos de povoação às atividades pecuaristas e agrícolas**

O vaqueiro chegou ao Piauí juntamente com a expansão colonial que introduziu nessas glebas conquistadas, fazendas, currais e a pecuária, potencializando uma nova formação social, cultural e econômica no interior da colônia portuguesa. Em um processo gradativo, esse sujeito ganhou notoriedade em um espaço rústico e propriamente desigual, onde com o tempo, o fenótipo de ser vaqueiro representou a possibilidade de uma pequena ascensão na dura realidade do sertão piauiense. Nos tópicos anteriores, analisamos a formação social, cultural e histórica desse sujeito piauiense, historicizando sua presença desde o final do século XVII até meados do século XX.

Antes, porém, de adentrarmos nas memórias e subjetividades dos vaqueiros piononenses a partir da História Oral, achamos prudente realizarmos uma análise dos antecedentes históricos que proporcionaram o surgimento do município de Pio IX, como também, sua relação com a pecuária e as fazendas de gado. Com o foco da pesquisa associado à referida região, abordarmos os primeiros núcleos de povoação se faz necessário para o seguimento desse estudo. Para isso, nos remetemos a análises de autores locais para que possamos compreender as relações de povoamento associadas às fazendas, currais e templo católico. Esses autores<sup>80</sup>, em suas totalidades naturais do município em questão, proporcionaram ganhos para a historiografia local com a produção de estudos que contemplassem uma variedade de temas, mas todos associados a Pio IX. Assim, proporcionaram maiores esclarecimentos sobre a temática idealizada, sendo bastante utilizados no decorrer desse tópico.

Assim, realizamos neste momento uma análise da formação do município de Pio IX para que possamos compreender o contexto social no qual se desenvolveu a referida cidade. Como discutido anteriormente, o surgimento dos primeiros focos populacionais na região piauiense estavam atrelados às fazendas de gado, proximidades com rios ou reservatórios de água e posteriormente com a introdução de construções católicas. Em meio as peculiaridade de cada região – inclusive as discutidas no decorrer dessa pesquisa sobre Pio IX –, essa região manteve traços comuns para sua povoação, as quais podem caracterizar como uma tríade para o povoamento no Piauí, que são elas: proximidade com as margens de rios ou riachos, as fazendas de gado e a construção de uma Igreja Católica.

---

<sup>80</sup> São eles: Carvalho (2015), Monte (2015), Alencar (2000) e Arrais (2008).

Nesse contexto, as características principais da presença e ocupação dos primeiros povoadores na região de Pio IX estão associadas a um caráter histórico de formação a partir de fazendas de gado e realização de atividades pecuaristas e agrícolas. Nessa tríade para o povoamento da região, apontamos à pecuária e a agricultura como elementos propulsores do surgimento dos primeiros aglomerados populacionais na região, que posteriormente desencadearam um crescimento populacional, refletindo na construção e/ou formação de espaços urbanos. Para que possamos discutir as relações de povoamento da região piononense, inicialmente é necessário conhecer a localização fisiográfica atual do município, como também seus limites e particularidades.

**IMAGEM 1:** Localização da cidade de Pio IX (em destaque).



**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pio\\_IX\\_\(Piau%C3%AD\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pio_IX_(Piau%C3%AD)).

A partir da imagem acima já é possível notarmos as proporções geográficas do referido município. Pio IX está localizado na porção centro-leste do Estado do Piauí, distando da capital Teresina cerca de 440 km. Segundo dados do IBGE (2015) a cidade possui uma área territorial de 1.947,212 km<sup>2</sup> e uma população estimada de aproximadamente 18.095 habitantes (IBGE/2016). Quanto às condições naturais da cidade, tem como clima predominante da região o semiárido, com altas temperaturas anuais e precipitações pluviométricas irregulares, aspectos típicos do sertão nordestino.

O município pertence à Zona Fisiográfica do Sertão, situado na Mesorregião Sudeste do Piauí. Descrevendo os limites geográficos a partir da imagem destacada, Pio IX limita-se a

nordeste com os municípios de Aiuaba e Parambu no estado do Ceará; a noroeste com o município de Pimenteiras; Fronteiras e São Julião ao sul; leste com Campos Sales (CE); e sudoeste extremado-se com Alagoinha do Piauí e Monsenhor Hipólito. Estando a sede do município situada na porção nordeste do território municipal às margens do rio condado.

Nesse processo de análise da formação histórica e geográfica do município, nos deparamos com a eminente dificuldade associada à falta de fontes precisas que esclareçam os processos de povoação da região onde hoje se encontram instalada o município e a cidade de Pio IX. No entanto, a partir das pesquisas de autores conterrâneos que dedicaram seus trabalhos para estudar nossa cidade, temos acesso a fontes que justificam, mesmo que com prudência, os fatores que agregaram ao povoamento da região, como a importância da criação de gado para a formação do município. O autor piononense Miguel Sebastião Maia Chaves Arrais<sup>81</sup>, afirma que dentre fatores que contribuíram para o povoamento e adensamento da região, não resta dúvidas da importância à expansão da atividade de criação de gado no território piauiense.

Ao escrever *Terra e Gente do Patrocínio*, Chaves Arrais<sup>82</sup> buscou abordar desde antecedentes remotos associados ao município, como também, dedicou parte de sua obra a sua pesquisa a respeito da descendência da família Arrais. Interessa-nos aqui, as pesquisas desse autor a respeito dos antecedentes históricos, numa retrospectiva que permite verificar os primeiros focos de povoamento na região. Nessa retrospectiva histórica que inicia na primeira metade do século XVI, o autor relata fatos que abordam desde a divisão das Capitânicas Hereditárias por D. João III, como também fatores importantes que marcaram as províncias do Ceará e do Piauí. Em meio a esse retrospecto, chegamos ao ano de 1800 que, segundo o autor, marca o início do povoamento na região.

Neste ano (1800) ou no ano seguinte, [...], o cearense, proveniente da vila de Sobral, Manoel do Monte de Carvalho, em companhia de sua mulher Maltides Barbosa de Mesquita e dos filhos Joaquim, José, Maria e Antonio, fixaram residência na Fazenda Marçal, à época pertencente à freguesia de Oeiras, na Capitania do Piauí<sup>83</sup>.

Verificamos que as primeiras migrações que aconteceram no início do século XIX com destino a atual localização de Pio IX não podem ser explicadas por precisão, pois em sua maioria são informações adquiridas por relatos orais que passaram de geração para geração. No entanto, acreditamos que muitas famílias chegaram à região motivadas principalmente por

---

<sup>81</sup> ARRAIS, Miguel Sebastião Maia Chaves. *Terra e Gente do Patrocínio*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

<sup>82</sup> Id. 2008.

<sup>83</sup> Id. 2008, p. 63.

fatores naturais, como a seca e a busca por subsistência em novas áreas que possibilitassem a implementação da agricultura e a pecuária.

Em decorrência das proximidades geográficas com as vilas da Capitania do Ceará, os primeiros focos de povoação foram estabelecidos por famílias advindas da província cearense que se instalaram na região pertencente freguesia de Oeiras. Posteriormente, a Fazenda Marçal passou a fazer parte da nova freguesia fundada no Piauí e denominada de Nossa Senhora das Mercês do Jaicós. Segundo informações adquiridas por Arrais, no início do século XIX várias famílias começaram a migrar para a região que posteriormente seria nomeado Pio IX. Após a chegada da família cearense a Fazenda Marçal, acredita-se que em meados da segunda década do século em questão, foi fundada a Fazenda São Bento, pertencendo à recém-criada freguesia de Jaicós e fundada pelo casal Manoel Rodrigues da Silva e Domiciana Vieyra de Carvalho.

Imagina-se que até o início do século XIX a Fazenda Marçal fazia parte de um conjunto de fazendas pertencentes à freguesia de Oeiras e era conhecida inicialmente como Fazenda Porção. Essas propriedades foram fundadas próximas a um afluente do Rio Guaribas – o Riacho Riachão, e foram percussoras de cidades piauienses como Monsenhor Hipólito, Alagoinhas do Piauí e, propriamente, Pio IX. Com a posse adquirida pelo cearense Manoel do Monte de Carvalho, as hipóteses aceitas é que ele trocou o nome da Fazenda Porção para Marçal ou, talvez, tenha fundado a Fazenda Marçal e posteriormente anexado a Fazenda Porção a esse território.

Após a fixação dessas terras na região, segundo informações de Chaves Arrais<sup>84</sup>, as ramificações das primeiras famílias despontaram a fundação de novas propriedades, povoando a área. Além das famílias ligadas ao Ceará, destacam-se também os descendentes dos grandes proprietários ligados à freguesia de Nossa Senhora das Mercês do Jaicós – como é o caso dos fundadores da Fazenda São Bento –, nas primeiras décadas do século XIX. Como afirmado anteriormente, essas propriedades foram propulsoras dos processos de povoação da região de Pio IX. Com a economia pautada da pecuária e agricultura familiar, a fixação dessas famílias nessas terras corroborou para o processo gradativo de povoação, seja pelos próprios povoadores iniciais, seja por seus descendentes.

Segundo a pesquisadora Custódia Matutina de Alencar<sup>85</sup>, o local onde se deu início o povoamento que desenvolveu posteriormente a zona urbana do município é conhecido como “Umbuzeiro”, localizado próximo às margens do Rio Condado, afluente que atualmente corta

---

<sup>84</sup> ARRAIS, 2008.

<sup>85</sup> ALENCAR, Custódia Matutina de. Município de Pio IX. Picos: Gráfica Pires, 2000.

toda a cidade nos tempos de cheia. Para a autora, “o lugar denominado ‘Umbuzeiro’, localizado à margem do Rio Condado, foi ponto inicial para o povoamento, tornando-se, em pouco tempo, o maior centro populacional da região”<sup>86</sup>.

Identificamos que nas primeiras quatro décadas do século XIX, a região pertencente à freguesia de Jaicós e atual município de Pio IX contava com muitas fazendas de gado e produção agrícola. Esses espaços rurais foram nascendo com a chegada de mais famílias na região e com a apropriação de novas propriedades por parte dos descendentes dos primeiros povoadores.

Muitos dos povoados que atualmente corresponde à zona rural do município de Pio IX, surgiram como fazendas nas primeiras décadas do século XIX e graças às informações disponibilizadas por Arrais<sup>87</sup>, citamos alguns delas: Fazenda Marçal, São Bento, Cumbe, Povoação, Alecrim, Pau Ferro, Condado, Inharé, Sacco, Tamanduá e Fazenda Carnaubinha (essa considerada em meados do século XIX uma das fazendas mais importantes na freguesia de Jaicós). Os fundadores dessas fazendas estavam ligados a Manoel do Monte de Carvalho e sua esposa, fundadores da fazenda Marçal ou a Manoel Rodrigues da Silva e sua esposa, fundadores da Fazenda São Bento. Ainda segundo o autor, muitas outras famílias chegaram à região fugidas dos legalistas cearenses que perseguiram os revoltosos dos movimentos revolucionários do início do século oitocentista, “muitos dos parentes e amigos dos Alencar, que fugiam das perseguições dos legalistas, encontraram naquele que foi o berço do território patrocínense uma espécie de porto seguro”<sup>88</sup>.

Nesse processo gradativo de povoação rural, com o falecimento de alguns pioneiros que desbravaram a região, necessariamente foram executados partilhas e inventários que proporcionaram a formação de novas fazendas e focos populacionais. Com isso, novos herdeiros foram renomeando suas terras e formando novos espaços rurais na região, surgindo assim: Monte Furtado, Soledade, Angico, Riacho do Meio, Regeneração, Jurema, Queimadas, Tamanduá, Pedra Branca, Cajazeiras, Água Branca, Alagadiço, entre outras<sup>89</sup>.

Nesse contexto de movimentos migratórios ocorridos em direção à região que compreende Pio IX, tivemos o aumento populacional da zona rural do município, como também as primeiras ocupações nas terras que posteriormente surgiria à cidade, as margens do Rio Condado. Para a autora Custodia Alencar<sup>90</sup>, a habitação dessas fazendas visava o

---

<sup>86</sup> Id. 2000, p. 09.

<sup>87</sup> ARRAIS, 2008.

<sup>88</sup> Id. 2008, p. 86.

<sup>89</sup> Id. 2008, P. 92.

<sup>90</sup> ALENCAR, 2000.

desenvolvimento de atividades ligadas à agricultura e a pecuária, proporcionando o sustento daqueles sujeitos. Esses espaços foram ocupados em sua maioria nas proximidades de afluentes fluviais que cortavam a região e que para a autora era ideal por ser “terras arenosas e de argilas, todas de aptidão para o plantio de milho, feijão, algodão e mamona, além de muitas leguminosas e gramíneas nativas que supriam, de certo modo, as necessidades do criatório da época”<sup>91</sup>. Dessa forma, a região demonstrava possuir condições propícias para o cultivo e a criação de gado, elementos essenciais para esses indivíduos que buscavam alternativas de subsistência.

Podemos perceber que o município de Pio IX seguiu a mesma lógica de povoação de outras centenas de municípios que surgiram no decorrer do período colonial para o império, no interior do Brasil. Essas povoações que surgiam a partir da implantação de fazendas e sítios, ao ganharem o acréscimo de um templo religioso, progrediam na formação de um centro urbano. Assim, a origem de várias cidades atuais ligadas as fazendas de gado e práticas de agricultura e pecuária, também são ligadas pela edificação de templos religiosos nos referidos povoados, sobretudo igrejas e capelas, se apresentando como uma característica comum a alguns municípios.

Sobre a importância de um templo católico para o desenvolvimento urbano de Pio IX, o historiador e contemporâneo Erick de Alencar Antão de Carvalho<sup>92</sup>, em sua monografia apresentada a Universidade Federal do Piauí, nos aponta um estudo a respeito da religiosidade católica e o cotidiano urbano na cidade de Pio IX, como também a importância da Igreja nos processos de povoamento da cidade. Segundo o autor:

A presença do missionário Padre Ibiapina no território piononense provocou determinadas alterações físicas e cotidianas naquele povoado, sobretudo, pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e pelo desenvolvimento de práticas religiosas que passaram a ocorrer cada vez mais intensas. Todo esse cenário foi preponderante para o estabelecimento do crescimento populacional e habitacional daquela comunidade, conseqüentemente em torno da igreja local. Através dessas condições estabelecemos discussões sobre o desenvolvimento urbano do município que está relacionado com a existência da Igreja Católica e todos os valores e ações pertinentes a esta instituição religiosa<sup>93</sup>.

Como podemos perceber, o autor associa a presença de uma capela católica ao desenvolvimento populacional e urbanístico da região, o que nos parece viável, já que todo povoado ficou centrado em volta da Igreja. A construção de um centro religioso representou a

<sup>91</sup> ALENCAR, 2007, p. 14

<sup>92</sup> CARVALHO, Erik de Alencar Antão de. Religiosidade católica e cotidiano urbano: a formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950). *Monografia*. Universidade Federal do Piauí. Picos – PI, 2015.

<sup>93</sup> Id. 2015, p. 26.

contemplanção dessa tríade populacional que já se desenvolvia com a fixação das diversas fazendas de gado e, que necessariamente, contava com a presença de uma densidade populacional rural representado por oleiros, lavradores, carpinteiros, pedreiros, vaqueiros, escravos e claro, fazendeiros. Essa gama social juntamente com o Missionário José Antonio de Maria Ibiapina, contribuíram para o desenvolvimento urbanístico da região com a construção da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio – padroeira do município, que se acredita ter sido concluída em meados de 1875. A construção da Capela contribuiu para a formação da freguesia em decorrência do rápido desenvolvimento do povoado, principalmente pela construção de novas casas ao seu entorno.

Pela Resolução Provincial nº 1193 de 9 de outubro de 1888, a freguesia foi transformada em município e a sede do distrito foi elevada à categoria de vila com a denominação de Patrocínio. [...]. Portanto, de 1871 a 1888 a denominação do povoado era Pionono. A partir de 1889, com a instalação da vila, passou a denomina-se Patrocínio, permanecendo com esta denominação até 1943, quando voltou a se chamar Pio IX<sup>94</sup>.

O que desejamos salientar com essa análise voltada para o surgimento, povoação e formação do município de Pio IX muito tem a ver com a possibilidade de diagnosticar os espaços sociais em que habitaram e habitam os vaqueiros piononenses, como também, a partir desses antecedentes históricos da região, potencializar a função do vaqueiro dentro dessa sociedade que atravessava três momentos da história nacional – colônia, império e república – , no seu próprio processo de formação. No decorrer desses processos de povoamento citados anteriormente, buscamos apresentar o surgimento de várias fazendas, como também sua importância para a região, para que assim, possamos delinear de onde veio o sujeito que aqui pesquisamos: o vaqueiro.

A origem do Município de Pio IX, assim como outras povoações piauienses, nasceu da atividade da pecuária e da agricultura de subsistência, com a instalação de uma fazenda às margens de algum afluente e inicialmente com a criação do gado vacum. É no cotidiano dessas habitações rurais que estão presentes a marcante figura do vaqueiro, em virtude principalmente da vasta predominância de fazendas, nas quais, muitas foram citadas anteriormente. Pio IX surge em meio a uma combinação de fazenda, curral e capela. Assim, no transcorrer do século oitocentista, a comunidade era basicamente constituída dos proprietários de grandes terras, vaqueiros e lavradores. Nesse sentido, para muitos, ser vaqueiro representava a principal atividade profissional no âmbito dessa sociedade, onde a

---

<sup>94</sup> ARRAIS, 2008, p. 94-95.

criação de gado e a agricultura de subsistência eram os principais meios de sobrevivência.

O vaqueiro, no âmbito dessa sociedade rural, representava a imagem do criador, negociador e responsável por cuidar do rebanho do proprietário. Segundo Odilon Nunes, na sociedade piauiense do decorrer dos séculos XVIII e XIX, “mesmo aqueles que não eram vaqueiros, desejavam ser”<sup>95</sup>. Em Pio IX, os vaqueiros representavam, juntamente com os agricultores, os ares e feições de uma comunidade rural que se prolongou por todo o século XIX e boa parte do século XX.

As ocupações dos vaqueiros nas fazendas estavam diretamente relacionadas à época do ano, pois as tarefas com o roçado, a lida com o gado, as farinhadas, as tropeadas e as moagens de cana, tinham suas épocas determinadas, seguindo o que se poderia chamar de um calendário rural das atividades no sertão<sup>96</sup>.

Nessa categoria de trabalho rural o vaqueiro tornou-se símbolo da pecuária, como também representou a referência na lida com o gado. Para, além disso, ser vaqueiro também simbolizava a liberdade nessas regiões, bem como posteriormente, referências das tradições festivas na região, seja a partir das missas em prol do vaqueiro, seja com as vaquejadas.

Na busca por produções historiográficas locais que abrangessem temáticas ligadas ao município de Pio IX, grata foi a surpresa ao encontrarmos a monografia da historiadora formada pela Universidade Estadual do Piauí, Hanna Maria da Silva Alves Monte<sup>97</sup>. A autora de *A Memória dos Vaqueiros da Cidade de Pio IX: Uma análise de suas lembranças e vivências nas décadas de 1930 e 1940* nos apresenta uma análise memorialística a partir da História Oral, onde abrange a temática do vaqueiro num recorte temporal que abrange as décadas de 30 e 40, a fim de detectar as consequências ocasionadas pela seca de 1932 no âmbito de uma população carente, na qual o vaqueiro estava incluído. Também visualizando o vaqueiro como uma expressão cultural, a autora analisa esse sujeito a partir da sua importância para a história, detalhando sua vida cotidiana, os aspectos culturais e sociais que permaneceram enraizados e passam de geração em geração, além da presença de mulheres e vaqueiros curadores que faz parte da cultura de vaqueirice no município.

Dialogamos com as reflexões dessa historiadora por vislumbramos a possibilidade de compreendermos aspectos da dinâmica cotidiana dos vaqueiros num recorte temporal anterior

<sup>95</sup> NUNES, 2007 *apud* ALVES, 2015, p. 24.

<sup>96</sup> CABRAL E ARAUJO, 2011 p. 6 *apud* MONTE, 2015, p. 24.

<sup>97</sup> MONTE, Hanna Maria da Silva Alves do. *A MEMÓRIA DOS VAQUEIROS DA CIDADE DE PIO IX: Uma análise de suas lembranças e vivências nas décadas de 1930 e 1940. Monografia.* Universidade Estadual do Piauí. Floriano – PI, 2015.

ao que é estabelecido nessa pesquisa. A autora alterna questões que vão desde os problemas sociais em decorrência da seca na década de 30, como também, aspectos presenciados pela ótica das esposas desses sujeitos. Essa variedade abordada pela autora nos apresenta uma vasta discussão a respeito do tema proposto, viabilizando então a possibilidade de entendermos aspectos desses vaqueiros a partir de várias perspectivas.

“[...] aspecto marcante da pluralidade cultural do município é a presença de vaqueiros, considerada esta pelo povo como ‘a terra do vaqueiro’, desde os tempos mais remotos até os dias atuais”<sup>98</sup>. A partir dessa afirmação, contemplamos o que foi abordado até o momento caracterizando a importância do vaqueiro desde os “tempos remotos” do município de Pio IX com o auxílio da historiografia local. Buscamos apontar os espaços no qual esses sujeitos estavam situados a partir das reflexões sobre a formação e povoação das primeiras fazendas e comunidades que contribuíram para o surgimento do município, para que enfim, possamos tratar das muitas memórias e subjetividades desses vaqueiros piononenses, mas sem o anseio de introduzir esses sujeitos sem localizarmos seus antecedentes históricos.

---

<sup>98</sup> MONTE, 2015, p. 24.

### 3 MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NO COTIDIANO DOS VAQUEIROS DE PIO IX: PRÁTICAS DE RESSIGNIFICAÇÃO COM O GADO E DAS SOCIABILIDADES

O povo convidava quando tinha uma pega de gado assim, convidava a gente e a gente ia. E aí era a melhor coisa que a gente achava na vida, era quando se reunia um bocado de vaqueiro pra traquejar um gado, pra juntar, pra pegar, tirar de uma fazenda pra outra. Aquilo ali tudo era uma influência pra gente, era uma maravilha, porque a gente gostava, gostava não, gosta! Eu ainda hoje não faço nada porque toda vida fui mole, mas ainda hoje acho bom ainda<sup>99</sup>.

Numa manhã ensolarada de um domingo quente no interior do município de Pio IX, chegamos à propriedade de uma família de vaqueiros onde o costume de laborar o gado trespassou o tempo e se manifestou geração após geração. Sentados a sombra do tradicional alpendre na frente de casa, três gerações de vaqueiros ligados por laços sanguíneos conversavam sobre o cotidiano ao som de um consagrado cantador de toadas<sup>100</sup> que tocava ao fundo no som automotivo do velho carro de transportar bois e cavalos. Nesse cenário propício para iniciarmos um diálogo produtivo a respeito das memórias e subjetividades da vida desses vaqueiros, nos deparamos com um ambiente onde se expressou uma emoção manifestada através de uma identidade edificada, com vivências e experiências com a labuta do gado que foram significativas para esses vaqueiros entrevistados, conferindo-lhes um lugar social.

A partir das entrevistas orais o pesquisador consegue identificar dos seus entrevistados relatos do cotidiano que com falas soltas, aleatórias ou com entonamentos próprios, que dão entendimento a uma memória coletiva, contribuindo para a construção de uma compreensão da história presente a partir da memória a ser recordada. Os testemunhos dessas pessoas contribuem como uma fonte imprescindível para o desenvolvimento dessa pesquisa, ofertando para além das suas representações e práticas anteriormente contextualizados, a captura das sensibilidades em um lugar social que deram a estes vaqueiros suas subjetividades, afetos, desejos e emoções compartilhadas por esses sujeitos históricos.

Nessa perspectiva onde refletimos sobre os sujeitos que em seu cotidiano estão permeados de saberes vivido e valores compartilhados, inventados e criados a partir de suas

---

<sup>99</sup> Afonso do Monte Carvalho nasceu na localidade Cumbe (Pio IX – PI), em meados dos anos 1960. Atualmente é vaqueiro e lavrador em sua propriedade e possui 54 anos. Por mais de duas décadas trabalhou como vaqueiro no Município de Várzea Grande no Piauí e atualmente administra a fazenda herdada do pai, também entrevistado para essa pesquisa.

<sup>100</sup> Toada é um tipo de canção predominante no nordeste, cantada como uma fala rítmica, rimando as falas, usando a língua em uma forma não formal. Quase sempre está associada à realidade do nordeste, mostrando os lamentos e sofrimentos, como também os amores não conquistados e as homenagens aos velhos e bons vaqueiros.

práticas sociais, nos remetemos então ao pensamento do teórico Michel de Certeau<sup>101</sup> e sua conhecida obra *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Para esse teórico, “um espaço é um lugar praticado”<sup>102</sup>. Nesse sentido, compreendemos os espaços cotidianamente frequentados por esses vaqueiros – a mata, o curral e o parque de vaquejada – como espaços que perpassam os interesses vinculados ao trabalho e labuta exaustiva com o gado, para então promover momentos de descontração, lazer, sociabilidade e de tradição para os moradores da região.

Assim, falar das práticas cotidianas e “artes de fazer” dos praticantes é pensar e pesquisar o cotidiano como esse teórico francês, cuja proposta é a de uma inversão de perspectiva e de um deslocamento de atenção. Encontrar sentido nas artes de fazer dos vaqueiros com o auxílio da História Oral nos proporciona a oportunidade de legitimar os saberes e valores que permeiam tais práticas no âmbito social desses sujeitos, como também, suas estratégias e táticas próprias. No entender desse teórico toda atividade humana pode ser cultura quando é reconhecida por quem pratica. “Para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza<sup>103</sup>”. Ou seja, para que possamos tentar compreender a cultura, como também as práticas e estratégias dos vaqueiros piauienses no recorte temporal programado, nosso sujeito de pesquisa precisa primeiramente reconhece-se como vaqueiro, como representante da sua própria tradição e identidade.

O entendimento de alguns conceitos aqui reivindicados contribui para a investigação do cotidiano retratado na memória dos vaqueiros entrevistados. A identidade a qual invocamos e entendemos como a identidade cultural do vaqueiro piauiense é analisada a partir dos relatos de história de vida desses sujeitos através da memória, essa enunciada anteriormente como contexto histórico com o auxílio dos discursos literários e historiográficos, mas nesse momento numa versão representada pelos próprios vaqueiros a partir da sua oralidade.

As experiências e vivências individuais e coletivas de cada sujeito fazem parte de processos sociais onde a memória e a história influenciam na construção de quadros da vida em sociedade. A partir dessa compreensão, o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo. A memória baseia-se numa fonte informativa para servir de base identitária para a História. Assim, por meio das recordações de alguns vaqueiros, podemos constatar algumas práticas desses sujeitos que estão presente em uma identidade sociocultural do vaqueiro na qual ressaltam ações como campear montado em cavalos, sempre

---

<sup>101</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1990.

<sup>102</sup> Id. 1990, p. 202.

<sup>103</sup> DURAN, 2007, p. 120 *apud* CERTEAU, 1994, p. 142.

trajando terno de couro, com chicote em punho e acompanhado por cachorro farejador. Com base nisso, ao tratar de memória e identidade social Pollack afirma que:

O sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é: a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros<sup>104</sup>.

A procura por referências que identifiquem o vaqueiro e sua identidade sociocultural passa pela análise de certas práticas, as quais fazem parte de um mundo de experiências com a criação do gado. Para Audrey Tapety<sup>105</sup>, o que dá sentido as identidades são os sistemas simbólicos pelas quais são representadas. A autora se apropria do trabalho do teórico cultural Stuart Hall para reforçar essa compreensão, “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e as relações no seu interior”<sup>106</sup>. Com base nisso, buscamos no dialogar com vaqueiros do município de Pio IX, compreender as representações que foram construídas sobre ele, como também sua percepção a respeito de sua própria condição.

Pensando nisso, recorreremos às entrevistas como um relato de vida, proporcionando ao narrador a oportunidade de contar sobre sua existência através do tempo, relatando os aspectos que marcaram suas memórias e as lembranças de certos períodos de sua vida. Com a intermediação do pesquisador, esse trabalho configura-se como uma ação coletiva de um narrador-sujeito e um intérprete. Assim, selecionamos seis vaqueiros com idades distintas, mas que já atuaram nos *espaços* de sociabilidades demarcados para o vaqueiro nesse campo social. Todos naturais e residentes no município de Pio IX, os vaqueiros escolhidos para essa pesquisa possuem características próprias que contribuem na tentativa de compreensão dos processos socioculturais na prática de vaquejar oriundas na região.

Com isso, este capítulo tem como intuito abordar estes espaços praticados pelos vaqueiros, como também suas etapas de ressignificação e lugar formador de identidade, bem como o cotidiano dos sujeitos históricos presentes através da memória ao narrarem sobre suas vivências em traquejar e correr o gado. Assim, a memória é de fundamental importância para o entendimento deste lugar carregado de simbologias e ritos.

Nesta perspectiva, com base na memória apresentada por cada entrevistado a respeito da prática de vaquejar e laborar com o gado, compreende-se que em seus relatos a Acréscimo de informações sobre outros indivíduos, visto que memórias são coletivas e “só temos

---

<sup>104</sup> POLLACK, 1989, p. 3-15.

<sup>105</sup> TAPETY, 2007.

<sup>106</sup> HALL, 2000, p. 17 *apud* TAPETY, 2007, p. 52.

capacidade de nos lembrar, quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”<sup>107</sup>. Assim, diante do que foi referenciado, será através da memória dos sujeitos que se identificam como vaqueiros que elucidaremos os relatos e informações no decorrer desse capítulo.

### **3.1 As práticas de trabalho no campo: sensibilidades no lúdico**

Discutimos no capítulo anterior os processos históricos que contribuíram para que o vaqueiro construísse um *status* social frente a outros trabalhadores livres no interior da colônia portuguesa. Como sabemos, no Nordeste, desde a sua colonização, o gado esteve envolto de um sistema de criação extensiva. Nesse sentido, era necessário que os vaqueiros adquirissem habilidades essenciais para que o gado fosse mantido junto nos vastos campos das enormes fazendas de criação. Destacado na historiografia tradicional brasileira, o vaqueiro veio tangendo bois, abrindo estradas, desbravando regiões e se estabelecendo em espaços que atualmente compreendemos como o Estado do Piauí. Nessa perspectiva, seria impróprio analisar a sociedade piauiense sem a figura desse sujeito que, em meio às práticas cotidianas, contribuíram para a formação sociocultural da região.

No entanto é necessário primeiramente estabelecer nosso sujeito de pesquisa. Quando trabalhamos com a denominação de “vaqueiro”, estamos sugerindo uma variedade de sujeitos que comumente traquejavam o gado desde o período mais remoto da colonização montados em quadrúpedes. Não nos cabe aqui apontar quem ou o que é ser vaqueiro. A intenção dessa pesquisa não visa estabelecer um manual de instruções práticas para que se possa reconhecer um vaqueiro, ou no caso, um significado específico. Ao analisarmos o cotidiano e suas representações socioculturais desses sujeitos, não visamos referenciar de maneira tradicional o vaqueiro piauiense com características fixas e delimitadas. Portanto, nessa pesquisa não buscamos enfocar a tradição como a verdadeira história do vaqueiro no Piauí.

“A escolha das pessoas a serem entrevistadas está ligada ao projeto de pesquisa e os objetivos nele traçados, bem como à disponibilidade e às condições das pessoas requisitadas para darem os seus testemunhos”<sup>108</sup>. Nesse sentido, os entrevistados aqui citados foram previamente escolhido devido suas características comportarem os interesses dessa pesquisa. Não compactuamos assim com uma delimitação das fronteiras culturais e, a partir dessa

---

<sup>107</sup> HALBWACHS, 1990, p. 36.

<sup>108</sup> BAADE, 2013, p. 5.

compreensão, nos apropriamos do conceito de *costumes* empregado por Eric Hobsbawm para justificar essa alternativa. “O costume, não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, diferentemente da tradição que é invariabilidade, onde o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas”<sup>109</sup>. As memórias e subjetividades relatadas por esses sujeitos entrevistados contribuem para uma produção coletiva sobre a temática em questão: o vaqueiro.

Mesmo que os sujeitos de pesquisa sejam previamente estabelecidos para serem entrevistados, quando trabalhamos com História Oral, só após o recolhimento das fontes e relatos orais que conseguimos realmente compreender nosso objeto de análise. Isso só ficou evidente através dos diálogos estabelecidos com os próprios vaqueiros, já que até então, imaginava-se que esses sujeitos atuantes no decorrer da década de 1960, – início do nosso recorte temporal –, eram poucos e todos conseguiam adentrar na mata fechada com o intuito de “pegar o boi” para levar ao curral. Essa perspectiva de análise só foi reformulada a partir do diálogo com um conhecido vaqueiro da região, Francisco Renato de Alencar<sup>110</sup>, onde o mesmo deixa claro que não existia uma função específica para eles. No entanto, eram poucos que conseguiam adentrar na caatinga com o intuito de pegar o boi pela cauda. Na maioria das vezes, andar montado e traquejar o gado configuravam-se como a principal tarefa para os vaqueiros do campo. Questionado sobre a quantidade de vaqueiros na região, esse depoente responde:

Podia. Tinha muito vaqueiro nessa época, muito. [...]. Não, tinha os vaqueiros na Salina (fazenda) que era o véi Carrin, Sinhozinho. Tinha vaqueiro nas Vertentes (localidade), Lourival que era quem rebanhava o gado e tudo. Ele não pegava, mas sabia traquejar, sabia lutar, tudo. Ele nunca foi campo fora, como eu fui<sup>111</sup>.

A partir desse diálogo, compreendermos aspectos importantes desses sujeitos pesquisados. Em primeiro lugar, todos entrevistados para essa pesquisa frequentavam o campo no intuito de pegar o gado a partir da captura pela cauda. Como é salientado pelo “Nego Renato”, como é conhecido popularmente, muitas vezes os vaqueiros sabiam trabalhar com o gado: tanger, traquejar, tirar o leite e outras tarefas destinadas a eles e aqui discutidas no capítulo anterior. No entanto, muitos deles não frequentavam o campo em busca de capturar o gado ou amansava burros e cavalos bravios. Segundo os depoentes aqui citados:

<sup>109</sup> HOBBSAWM, 1997, p. 10 *apud* TAPETY, 2007, p. 11.

<sup>110</sup> Francisco Renato de Alencar é natural de Pio IX e nasceu em 07 de fevereiro de 1941. Desde os 10 anos de idade frequentava o campo traquejando o gado. Atualmente, aos 76 anos de idade, é fazendeiro e costumeiramente homenageado nos eventos dedicados aos vaqueiros na cidade.

<sup>111</sup> ALENCAR, Francisco Renato. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 15. Abr. 2017.

“[...] toda a minha família andava amontado naquele tempo, foram um pessoal tudo montado. Agora você sabe que de lutar pra pegar um boi, amansar burro brabo, como todos os anos eu amansava ali no Paradé oito ou dez burros por ano, burro brabo<sup>112</sup>”.

Muitas vezes, até quem desempenhava o papel de amansador de animais bravios, não conseguia realizar a proeza de correr na mata fechada pelas árvores típicas da caatinga. Isso nos implica caracterizar que a distinção entre vaqueiros que frequentavam o campo em busca de capturar o gado a partir das “pegas no mato” e os vaqueiros que não realizavam essa atividade, não podem ser medidas através da associação a coragem ou falta dela. Acreditamos que essa atividade de captura do gado pela cauda, que segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo<sup>113</sup> só foi constatado no final do século XIX nas produções historiográficas, só pode ser associada ao grau de habilidade de quem praticava o que, no entanto, muitos vaqueiros não desenvolviam.

A respeito da “pega de boi no mato”, podemos elencar algumas das suas características fundamentais. Sobre essa “pega”, o vaqueiro podia interceptar o animal bravo em qualquer lugar. Isso ocorria ocasionalmente dentro do mato, quando eles encontravam o gado arisco e “selvagem”. Tal prática acontecia porque a atividade do vaqueiro era transportar o gado de uma região para outra, ou de conduzir o gado para se alimentar no pasto, ou, ainda, de correr atrás de gado para separá-lo e marcá-lo. Em Pio IX, em meados do século XX as criações de gado ainda eram de caráter extensivo para os padrões da região. Isso implica compreender que para juntar o gado nas grandes fazendas, necessariamente era preciso reunir um grande contingente de vaqueiros para traquejar a boiada. Vejamos o relato de Afonso do Monte a respeito de uma boiada recolhida na Fazenda São Luís, interior de Pio IX.

No São Luís mesmo, teve uma época que foi tirado uma boiada aí... No São Luís mesmo tinha uma boiada, tava o Renato, era muito vaqueiro porque o gado era complicado. Juntaram lá... Quando fomos sair com o gado lá, quando reuniu um bocado de vaqueiro, uns num lado outro d'outro. Mas gado saiu lá foi se atrependo em garupa de cavalo. Espatifou tudo, quem pegou, pegou. Os que não pegou foi embora de novo. Eu mesmo dei uma carrera mais Vicente, saiu uma vaca lá no lado de nós, e nós corremos atrás dela. Vaca branca, vaca grande. Quando nós pegamos ela lá que arriamos, que eu montei no cavalo, tava o cavalo coxo, levou uma pancada, coxo de não ter condições de trabalhar mais o resto do dia. Aí, papai foi e me entregou o cavalo dele pra mim. Eu gostava mesmo e ele tinha mais oportunidade, aí foi e me entregou o cavalo dele pra mim trabalhar o resto do

<sup>112</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>113</sup> CASCUDO, 1984.

dia. Mas o meu não teve mais condições não, no dia já foi em outro cavalo<sup>114</sup>.

Nesse mesmo depoimento cedido por Afonso do Monte, esse vaqueiro ainda explica que muitas vezes as boiadas presentes nas fazendas eram juntadas com o intuito comercializá-las ou também transportar para outras regiões, que na maioria das vezes, estavam mais bem abastecidas de reservas alimentícias e reservatórios de água. Podemos compreender também que essas reuniões juntavam uma quantidade substancial de vaqueiros. Na imagem a seguir (Imagem 02), ilustramos o ambiente rústico e arriscado no qual, frequentemente, vaqueiros enfrentavam cotidianamente para conseguir capturar a boiada em meio à mata fechada.

**IMAGEM 2:** Vaqueiros perseguindo uma vaca em uma competição de “pega de boi no mato” realizada nas redondezas da cidade de Pio IX – PI no ano de 2013.



**Fonte:** DVD Pega de Boi no Mato: Pio IX – PI. Arquivo disponibilizado por Grasiane Sá. Data: 19 de outubro de 2013.

Esse trabalho comporta um recorte temporal que abrange as décadas de 1960 até o final de 1980 por acreditarmos que nesse período os processos de ressignificação, quanto de formação popular da figura do vaqueiro na região, se intensificaram com a criação de festas religiosas e vaquejadas destinadas a esses sujeitos ainda tão difundidos na cultura da região piononense. Em decorrência disso, ilustrarmos essa pesquisa com imagens de vaqueiros na caça ao gado no âmbito da mata fechada durante esse período torna-se impossível. No entanto, buscamos ilustrar essa prática a partir desse registro fotográfico realizado em 2013,

<sup>114</sup> CARVALHO, Afonso do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

período ímpar para os vaqueiros da região. Mais adiante, contextualizaremos com mais precisão essa ressignificação da “pega de boi no mato” no município de Pio IX. Nesse momento, nos apropriamos da imagem acima com o intuito de representar a prática de captura do gado no mato nas fazendas espalhadas pelo município.

Os dois vaqueiros apresentados na imagem já foram diretamente citados nesse capítulo. Filhos do Senhor Afonso do Monte Carvalho, eles estavam no alpendre de casa conversando sobre o cotidiano na presença do pai e do avô ao som de uma toada no fundo. Ao entrevistarmos o pai e o avô desses jovens vaqueiros, buscou-se entender os motivos que levavam os vaqueiros a adentrarem na mata fechada a fim de capturarem as reses e em quais circunstâncias essas atividades ocorriam.

Com a finalidade de entendermos melhor esses *espaços* sociais em que os vaqueiros de Pio IX estavam presentes, dialogamos com esses sujeitos sobre vários aspectos quem envolvem essa profissão tão simbolizada e resinificada. Dentre as características de cada sujeito entrevistado, o vaqueiro Meton do Monte Carvalho<sup>115</sup> apresenta as definições mais específicas, quando comparadas com os outros depoentes. Diferente dos outros entrevistados, mesmo esse entrevistado considerando o trabalho como vaqueiro uma profissão, o senhor Meton do Monte Carvalho não possuía vínculo remunerativo com a prática de laborar o gado. Dono de uma pequena propriedade na região rural de Pio IX, esse depoente trabalhava como agricultor e quando surgia algum convite para ir buscar uma rês no campo, ia pelo gosto de traquejar o gado e a amizade compartilhada pelos outros vaqueiros.

[...] aqui na serrinha eles foram caçar um garrote aí, que era aquele véi Zé... sei que era mais compadre Vicente. Que era do finado Júlio de Luís o garrote. Aí eles pegaram dois e eram três aí depois foram caçar o outro e acharam e não trouxeram. Aí compadre Vicente disse a ele: “vá atrás de compadre Meton e achar”, porque um garrote sozinho e sem chocalho era um bambo. Aí, bem cedinho ele invés de vim atrás deu logo, não, foi tirar e se ajeitar. Quando ele chegou aqui eu já tinha ido pra roça, mas aí ele foi, eu digo “mas rapaz meu cavalo tá na Cachoeirinha”. Ele disse: “não, seu Vicente manda deixar o cavalo aqui”. Aí nós fomos<sup>116</sup>.

Através das memórias desse entrevistado, conseguimos identificar elementos que permeavam uma organização do mundo social, frisando uma coerência de dentro de uma lógica cultural no âmbito cotidiano dos vaqueiros piononenses no início da segunda metade do século XX. Dentre as mudanças e permanências características dos processos históricos,

<sup>115</sup> Meton do Monte Carvalho nasceu na fazenda Cumbe no dia 02 de março de 1938. O vaqueiro mais velho a ser entrevistado nessa pesquisa, Meton ainda é fazendeiro e desde os 15 anos começou a campear o gado. Atualmente está com 79 anos.

<sup>116</sup> CARVALHO, Meton do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

visualizamos uma prática estabelecida vinculada às sociabilidades que criaram um estreitamento social entre esses indivíduos. Esses laços podem ser detectados a partir do auxílio nos campos entre os vaqueiros de localidades vizinhas sem finalidades lucrativas. “Aqui era o seguinte, trabalhava de roça. No dia que tinha um campo, a gente todo canto tinha gado pra pegar aqui, convidava e era todo mundo unido. A gente ia e não era pra ganhar dinheiro não, a gente ia só por amizade e porque achava bom mesmo”<sup>117</sup>.

Segundo a historiadora Alves do Monte<sup>118</sup>, a memória problematizada das pessoas tem uma capacidade ímpar de nos fazer conhecer a História. “São as vivências transmitidas através da memória coletiva e/ou individual que nos permitem conhecer, o que não vivenciamos, mas que é marco na nossa vida pelas estórias contadas por quem vivenciou”<sup>119</sup>. Para a autora, essas “estórias” estão arraigadas a uma tradição, uma identidade cultural. Nesse sentido empregado pela autora, enfatizamos a importância de entender os sentidos que a realidade cultural faz para aqueles que a vivem. Dessa forma, a História Oral subsidia este estudo com ênfase na história de vida desses senhores vaqueiros.

A História Oral possibilita um emaranhado de registros individuais que, segundo Lucília Almeida<sup>120</sup>, aflora múltiplas versões da história, potencializando diferentes testemunhos sobre o passado e assim contribuindo para a construção de uma consciência histórica individual e coletiva. Para a autora: “a memória e a História são, cada uma a seu modo, registro desta pluralidade, ao mesmo tempo em que são, também, antídotos do esquecimento”<sup>121</sup>. A autora ainda elucida sobre a importância de reconhecer cada indivíduo/depoente frente à sociedade na qual está integrado, pois dessa forma, cada relato e testemunho individual adquirido configuram-se como uma combinação maior: o da identidade histórica.

Nesse processo de construção da identidade histórica dos vaqueiros de Pio IX, entendemos que a prática de campear o gado nas propriedades para além do trabalho, representa também a oportunidade de encontrar os amigos. Era no campo que se estabelecia as sociabilidades, alicerçadas por histórias de bravura, coragem e sagacidade frente à mata fechada. Nesta “brincadeira”, o próprio ritmo de vida cotidiano transformava-se em lazer, impondo-se a lógica da coragem, comemoração e da alegria. Integrado ao espaço social

<sup>117</sup> CARVALHO, Afonso do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

<sup>118</sup> MONTE, 2015.

<sup>119</sup> HALBWACHS, 2004, p. 75-76 *apud* MONTE, 2015, p. 34.

<sup>120</sup> NEVES, Lucília de Almeida. *Memória, história e sujeito*: substrato da identidade. IN: *Revista de História Oral*. Nº 3, junho de 2000.

<sup>121</sup> Id. 2000, p. 115.

desses indivíduos, trabalhar na labuta com gado representava a possibilidade da manifestação de habilidades desses vaqueiros frente aos amigos e companheiros de trabalho. Vejamos esse trecho da esclarecedora entrevista a respeito das “pegas de boi”, realizada com o vaqueiro Antonio Manoel da Silva<sup>122</sup>, popularmente conhecido como Bitonho Paulino:

Não eu pegava assim na vizinhança, no município. Eu trabalhava na fazenda e ajudava no município, se a pessoa tinha uma rês pra pegar acolá. Naquele tempo ninguém ganhava dinheiro não, ninguém ganhava dinheiro não. Pronto, Zé Israel foi um homem ali nasceu pra ser vaqueiro também, foi do nosso tempo. Zé Israel matava boi no Pio IX, quando ele comprava um gadinho, quando era no sábado ele falava com os colegas “rapaz tal dia eu vou buscar um gado no lugar fulano e quero que você vá me ajudar”, falava com o Renato pra ir ajudar, com outro aqui outro acolá, aquilo ali ninguém ganhava nada não<sup>123</sup>.

Como enfatizado anteriormente, cada sujeito dessa pesquisa possui suas próprias características frente a um sentido comum que é ser vaqueiro. Buscou-se ampliar esse campo de análise para que esse trabalho comportasse sujeitos distintos que frequentavam os mesmos espaços. Nessa perspectiva, enfatizaremos gradativamente no decorrer desse capítulo as características dos seis entrevistados. Nesse momento, focamos no diálogo estabelecido com o vaqueiro Bitonho Paulino, que desde a década de 1980, também é fazendeiro com propriedades nas intermediações do município de Pio IX.

Dentre os vaqueiros citados nessa pesquisa, praticamente todos também eram pequenos fazendeiros ou moravam nas fazendas dos pais. Nessa conjuntura específica desses sujeitos, buscamos também focar o cotidiano de vaqueiros que trabalhavam nas fazendas de criação de gado, com o patrão ao lado. Envolvido desde a infância com o trabalho de vaqueiro, “Seu Bitonho” esclarece que desde criança tinha essa invocação para ser vaqueiro, pois não gostava do trabalho como lavrador na roça. Segundo Fontes Ibiapina.

A segunda atividade profissional do sertanejo nordestino é a vaqueirice – a labuta com o gado vacum, conseqüentemente, miunças e cavalares. Labuta está por ele denominada de campo. Três são os elementos essenciais neste teor: homem, cavalo e cachorro. Na vaqueirice, o homem vive ligado ao gado e ama-o demasiadamente<sup>124</sup>.

Nesse sentido de identificação profissional, muitos vaqueiros acabavam vivendo como moradores nas grandes propriedades. A responsabilidade empregada a esses sujeitos envolvia cuidar dos animais das fazendas, como: ovelhas, cavalos, bodes e o gado. Para o senhor

<sup>122</sup> Antonio Manoel da Silva nasceu na Fazenda Paradé, município de Pio IX, em 11 de agosto de 1947. Atualmente proprietário e com praticamente 70 anos, Bitonho Paulino chegou há trabalhar 22 anos como vaqueiro para depois adquirir sua fazenda. Montou uma pista para correr vaquejada.

<sup>123</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>124</sup> IBIAPINA, 1993, p. 25 *apud* TAPETY, 2007, p. 57.

Bitonho Paulino, a “luta secreta” de um vaqueiro responsável por uma fazenda era o curral. “De manhã e de tarde tinha o curral pra cuidar, tirar o leite das vacas, dava ração, na época da seca, no inverno nas roças<sup>125</sup>”. Além disso, os vaqueiros profissionais nas fazendas de gado também tinham a responsabilidade de amansar burros e cavalos para que o patrão pudesse comercializar os animais, e campear na fazenda após os serviços executado nos currais. Responsável por uma fazenda durante mais de duas décadas, o senhor Bitonho Paulino corresponde a uma classe de trabalhadores que a historiadora Claudete Dias<sup>126</sup> cita existir no Piauí desde o período colonial. “O trabalhador livre das fazendas do Piauí era geralmente o vaqueiro – categoria de fundamental importância social. Não sendo assalariado, era uma espécie de “sócio” do proprietário, parceiro de produção<sup>127</sup>”.

Essa noção de “sócio” dos fazendeiros empregado pela autora ainda era algo habitual nas fazendas de gado no interior piononense no decorrer da década de 1960. Dependendo da necessidade do fazendeiro e até do tamanho da propriedade, era destinada aos vaqueiros a responsabilidade de administrar e zelar diretamente pela manutenção da ordem e paz dentro da área territorial integrante da propriedade sobre sua responsabilidade. Como era bastante comum fazendeiros absenteístas na região de Pio IX nessa segunda metade do século XX, muitos vaqueiros administravam fazendas em que os padrões moravam nos grandes centros urbanos do Nordeste, como Salvador, Fortaleza, Crato, São Luís, entre outros.

Incorporado aos 18 anos a administração da Fazenda Paradé de posse do Tio e pecuarista José Paulino – época corresponde a meados da década de 1960 –, o vaqueiro Bitonho Paulino relata sobre uma característica sociocultural bastante associada aos vaqueiros piauienses: o sistema de quarteação, conhecido pelos vaqueiros da região como “por sorte” ou “vaqueirice”.

**Trabalhava nesse sistema e trabalhei 22 anos nesse sistema de 4/1.** Pois é, nascia quatro bezerros eu tinha um. Aí era uma porção de gado, era muito. Pra aqui na nossa região era muito. Foi dos homens mais criador aqui da região do município de Pio IX foi ele, foi Zé Paulino, não teve outro não. Agora depois que entrou a Capisa, entrou o Planalto, aí não. Mas antes disso foi o homem mais criador de gado aqui, foi ele. E eu lutava, **eu lutava na base de 800 a 900 gados naquela época. Aí eu tirava a sorte, aí comecei a tirar 10, 12 bezerros por ano, por ano!** Tirar de 4/1 tinha que nascer muito não era? Eu sei que a época maior que nasceu bezerro foi em 74. Nasceu 114 bezerros não sabe. Do curral do Paradé pras Caiçaras eu botei 114 vacas no curral pra tirar o leite, amansar novilha braba. Foi um inverno muito bom, um atoleiro, andava no campo era batendo e atolando. **Mas a gente achava**

<sup>125</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>126</sup> DIAS, 214.

<sup>127</sup> Id. 2014, p. 80-81.

**bom, eu nasci praquilo. Aquilo era um divertimento. Quanto mais eu trabalhava, mais achava bom aquilo**<sup>128</sup>.

A memória representa uma fonte informativa para a História, servindo como base da identidade desses sujeitos. É por meio das recordações desses vaqueiros que podemos contatar práticas que deram a estes uma identidade sociocultural que ressalta, por exemplo, trabalhar associado a uma remuneração pelo sistema de quarta, representação bastante enfatizada pela historiografia regional. O depoente ainda ressalta que visava adquirir nesse sistema de remuneração uma ascensão econômica, pois, já que tinha disposição para enfrentar aquele serviço, acreditava que a partir do trabalho como vaqueiro poderia adquirir terras e algumas cabeças de gado. Quando questionado sobre a importância da profissão de vaqueiro em sua vida, esse vaqueiro ainda deixa claro que buscava nessa profissão ganhar recursos para ofertar uma melhor qualidade de vida para ele e sua família.

Rapaz a importância de trabalhar com o gado era o seguinte, eu fraquinho de condições, não tinha nada. A minha importância era o seguinte, era eu, a minha ideia, naquela luta eu era um homem novo, tinha disposição de desempenhar aquele serviço, aquele trabalho, aquela luta, imaginado que quando, eu que era doido pra arrumar um gadin pra ser meu, arrumar uma propriedade pra morar. Quando ficasse na idade aí os filhos precisava de trabalho pra não ficar trabalhando pra os outros. A minha ideia era aquilo. [...]. E aí a minha ideia era o seguinte, era arrumar um lotinho de gado, uma propriedade pra criar dentro, ter um burro famoso pra andar amontoado, ter um cavalo bonito pra possuir, pra ficar nas brincadeiras mais os companheiros, mais os colegas de campo, que tinha muitos por aqui<sup>129</sup>.

Buscar ascensão financeira a partir da profissão era uma prática bastante recorrente desde o período colonial. Segundo a historiadora Miridan B. K. Falci<sup>130</sup>, muitos vaqueiros após vender os bezerros adquiridos com a quarteação, “[...] chegavam a adquirir alguma pequena fazenda, o que lhe elevava a categoria de vaqueiro a fazendeiro. Muitos fazendeiros iniciaram a sua riqueza assim”<sup>131</sup>. A possibilidade de “subir na vida” caracterizava a profissão de vaqueiro como um *status* almejado pelo sertanejo desde a província. No entanto, trabalhar como vaqueiro não significava ganhar a oportunidade de administrar uma fazenda. Na maioria das vezes, havia um responsável específico e outros vaqueiros para auxiliarem com os trabalhos nas propriedades. Quase sempre, a remuneração paga para esses ajudantes era feita em espécie e não era muito.

<sup>128</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>129</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>130</sup> FALCI, Miridan Brito Knox. *O Piauí na primeira metade do século XIX*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

<sup>131</sup> Id. 1986, p. 35-36.

Apropriando-nos de uma entrevista feita pela historiadora Hanna Alves do Monte<sup>132</sup> a um antigo vaqueiro e morador na região de Pio IX, para compreendermos a dura vida do vaqueiro no campo. Vejamos um trecho da fala de Francisco de Deus Vindo, conhecido como Dado, sobre suas funções desempenhadas no campo em 1964, quando trabalhava como vaqueiro e morador:

**Eu vivia no campo juntando gado, eu todo santo dia tinha que puxar água pra quase 200 gados na lata, o tanque cabia 150 lata d'água e eu enchia 2 vezes no dia.** Era luta, mas eu achava bom lutar, por que eu achava bom no campo. Eu sofri muito, correndo atrás de gado só e às vezes mais companheiro e sofri, mas achava bom! Ele (patrão) **me pagava diária de dois mireis, (dois e quinhentos por dia) pra eu fazer tudo isso.** Foi passando o tempo e eu fui me desconfiando e **fui me desgostando de campo** por isso. Às vezes eu ia pegar uma rês no mato, às vezes um touro valente que só o cão, o maior sacrifício<sup>133</sup>. (Grifo nosso).

Notamos a partir desse relato, que a vida de vaqueiro era uma tarefa árdua e muitas vezes mal remunerada. Com certo grau de tristeza e lamentação, ele tenta enfatizar que o trabalho era prazeroso, que “achava bom lutar”. No entanto, era desgostoso com a falta de oportunidade no campo, sendo obrigado a trabalhar demasiadamente por uma remuneração desproporcional. Vivendo na fazenda do patrão, o Senhor Dado relata o cenário social no qual muitos desses sujeitos estavam situados nesse período. O cotidiano na vida desses vaqueiros estava associado a um trabalho árduo e cansativo, mas, no entanto, gratificante. “Olha, eu não tinha couro na cara não, não tinha couro na cara não, era todo só azunhado, mas quando mais ralava, melhor eu achava, era assim<sup>134</sup>”.

Nesse contexto de muitos, a vida era dura e o trabalho pesado para essas classes menos abastadas da sociedade piononense, em um sentido micro da análise. O cotidiano de laborar no campo e as funções destinadas aos vaqueiros exigiam que esses trabalhadores se dedicassem exaustivamente, desde a madrugada até o anoitecer, para que as tarefas diárias fossem cumpridas. Nos períodos de seca eram necessários esforços desmedidos para conseguir manter os reservatórios de água para os animais. Nos períodos de inverno, eles precisavam reunir as novilhas amojadas para transportarem aos cercados próximos dos currais, evitando que essas reses parissem em lugares distantes do curral da propriedade. Nesse esforço cotidiano, Michel de Certeau<sup>135</sup> afirma que “as práticas cotidianas estão na

<sup>132</sup> MONTE, 2015.

<sup>133</sup> VINDO, Francisco de Deus. *Depoimento concedido a Hanna Maria da Silva Alves do Monte*. Pio IX, 29. Set. 2014. p. 39.

<sup>134</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>135</sup> CERTEAU, 1990.

dependência de um grande conjunto [...] pode ser designado como a dos procedimentos<sup>136</sup>.”. Nessa perspectiva, os processos cotidianos de laborar nas fazendas podem ser entendidos como os procedimentos habituais dos vaqueiros.

Ao analisarmos as práticas socioculturais desses indivíduos que se dedicaram a labuta com o gado no decorrer do recorte temporal enfocado, suas lembranças evidenciam costumes e normas padronizadas que revelam indícios do que era ser vaqueiro na região de Pio IX. O manejo diário com o gado e as tarefas nas fazendas representava o cenário prático desses sujeitos que desempenhavam papéis já consagrados no *modus operandi* do vaqueiro, quando associamos aos antecedentes históricos discutidos no primeiro capítulo dessa pesquisa. Sendo assim, buscamos, a partir das fontes recolhidas para esse trabalho, construir uma compreensão a respeito das subjetividades e do cotidiano dos vaqueiros em Pio IX.

**IMAGEM 3:** Vaqueiros conduzindo uma boiada na localidade Veneza, intermediações do município de Pio IX – PI em meados da década de 1970.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

Com base em alguns pontos enfatizados até aqui, visualizamos a partir da imagem 03 as experiências e vivências cotidianas dos vaqueiros piononenses no decorrer das décadas de 1960 e 70. Com base nesse registro fotográfico, identificamos características comuns que contribuíram para a formação da identidade do vaqueiro, como a reunião de vários vaqueiros

<sup>136</sup> Id. 1990, p. 109.

para traquejar o gado até outras propriedades ou a condução do rebanho para mercados compradores, que geralmente eram marchantes que compravam a boiada para o abate. Normalmente em um cavalo mestiço carinhosamente apelidado para caracterizar laços de afetividade, esses sujeitos campeavam diariamente realizando tarefas associadas ao âmbito de trabalho que, no entanto, variava de vaqueiro para vaqueiro.

A fonte imagética adquirida do acervo pessoal da esposa do Senhor Francisco Renato de Alencar, nos proporciona identificar aspectos da variação prática no laborar dos vaqueiros. Mais precisamente, notamos nesse registro homens montados em cavalos e burros para conduzirem a boiada. Essa diferença de montaria é justificada a partir das roupas usadas pelos dois vaqueiros à frente do gado. Como podemos notar no vaqueiro montado em um burro, popularmente conhecido como Zé Domingo, não usa as vestes práticas utilizadas para adentrar na caatinga: as roupas de couro. Tanto o lento animal de montaria, quanto à vestimenta utilizada, deixa a entender que esse vaqueiro não estava apto a correr no mato, caso fosse necessário.

Em contrapartida, ao lado encontra-se o jovem vaqueiro “Nego Renato”, devidamente preparado para uma possível corrida dentro no mato, caso alguma rês fugisse. Fazendeiro e negociante de gado, o Sr. Francisco Renato nos esclarece que sempre estava apto a pegar gado no mato. Em detrimento a profissão vinculada à compra e venda de gado, era comum para esse vaqueiro estar envolvido em corridas no campo para capturar esses animais, já que comumente transportava boiadas pela região nos processos de comercialização. Em uma maneira singular de subjetividade, notamos na fala desse entrevistado a produção de uma autoimagem, de como ele é reconhecido e nomeado socialmente. “Chamava de nego véio e de duro. Nego véio é duro e aquela coisa, aquele movimento. Eu corri muito atrás de gado conversado assim, ficava correndo e eu fui muita e muita vez (sic) pegar esse gado brabo”<sup>137</sup>. Como identificado na imagem, esse vaqueiro frequentava os espaços de trabalho devidamente encourado para atuar dentro dos campos fechados. Ao relatar que “corria atrás de gado conversado”, entendemos que esses vaqueiros frequentavam os campos das fazendas na região com a finalidade específica de capturar marruás e rês bravios.

As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em 50 Joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas

---

<sup>137</sup> ALENCAR, Francisco Renato. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 15. Abr. 2017.

luvas e guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo<sup>138</sup>.

Baseado nessa descrição de Euclides da Cunha sobre as vestimentas de couro utilizadas pelos vaqueiros, símbolo da identidade desses homens no sertão, podemos compreender as dificuldades empregadas a esses sujeitos nos trabalhos no campo, já que necessitavam de roupas de couro para amenizar os impactos com as ramificações típicas da região. No município de Pio IX, segundo Chaves Arrais “predomina a caatinga arbustiva subxerófila, de estrato herbáceo gramíneo raro ou ausente, destacando-se as espécies”. Para esse autor, as ramificações mais comuns na região são: baraúna, angico, aroeira, umburana, marmeleiro, faveleiro, juazeiro, jurema, mandacaru, xiquexique”<sup>139</sup>. Mesmo vestidos nessas “armaduras” de couro, o risco de campear em meio à mata fechada era evidente. Nas entrevistas realizadas com os nossos vaqueiros, tivemos relatos sobre acidentes no campo, como quedas, pancadas e fraturas.

As habilidades dos vaqueiros que frequentavam os campos eram testadas constantemente com a labuta cotidiana. Capturar o gado indomesticado gerava para esses sujeitos riscos frequentes a sua integridade física, obviamente devido às condições inóspitas meio a caatinga. Em decorrência disso, ao questionarmos sobre os riscos da profissão para os senhores entrevistados, tivemos relatos sobre diversos acidentes de trabalho sofridos pelos mesmos. Dentre esses relatos, apresentamos nessa pesquisa o diálogo com o vaqueiro José Renato do Nascimento<sup>140</sup>, que nos contou sobre uma fratura sofrida na cantareira, osso articulado ao úmero e ao esterno; clavícula. Vaqueiro desde os 10 anos, o Sr. Zé Renato é o vaqueiro mais novo em nosso grupo de entrevistados para essa monografia. Atualmente com 49 anos, esse depoente comentou sobre os riscos de campear atrás do gado arisco.

Nós fomos pegar uma novilha do Manel Honório lá nas Vertentes. Eu tava trabalhando quando chegou o Joaquim do Manel da Rita pra mim e pegar essa novilha lá que tinha saído do curral do João Martins. Aí eu fui, quando cheguei lá eu corri atrás da novilha, aí o cavalo caiu, barruou na novilha e num marmeleiro e nós caímos só o monte no chão. Aí quando eu peguei, que me avoei com a novilha, na cabeça da novilha eu sentir que o braço tava dormente, sem sentir o braço. Aí ele chegou, Joaquim e ajudou a amarrar a novilha. Aí quando nós tava arriando a novilha eu vi assim o mundo querendo escurecer. Aí eu disse “rapaz eu levei uma pancada aqui na

<sup>138</sup> CUNHA 2004, p. 107 *apud* MONTE, 2015, p. 37.

<sup>139</sup> Id. 2008, p. 26.

<sup>140</sup> José Renato do Nascimento nasceu em abril de 1968 na Fazenda Canadá, município de Pio X – PI. Atualmente é aposentado e possui 49 anos, desde a infância dedicou-se a profissão de vaqueiro, trabalhando na propriedade do pai e em fazendas da região. Encerrou as atividades como vaqueiro em detrimento aos problemas de saúde vinculados a coluna vertebral.

cantareira”, aí quando eu olhei tava quebrado. Eu vim pra cá, papai chegou da rua e no outro dia trouxe eu pra o hospital aí emendou por conta<sup>141</sup>.

As fraturas e lesões corporais eram recorrentes no trabalho desses vaqueiros. Contando com a fé característica do sertanejo e as habilidades desenvolvidas com a prática no campo, esses sujeitos adentravam a caatinga num ritmo frenético de adrenalina buscando desempenhar suas funções de laborar o gado, “[...] ficava o coração batendo quando dizia ‘chocalho de vaca fulano tá tocando’, ‘gado fulano tá mais aquele gado’”<sup>142</sup>. No universo desses vaqueiros do campo, pressupõe-se uma sociedade marcada pela coragem e determinação. Esses predicados influenciavam o *status* social do vaqueiro, bem como o respeito deste diante de seu grupo. Daí a necessidade permanente desses sujeitos em provar suas habilidades através da realização de atos de coragem, como sair à captura de uma rês pelos espinheirais da caatinga, “[...] a gente não sentia, nem dava fé”<sup>143</sup>.

Independente das dificuldades e os riscos associados às “pegas de boi no mato”, esses momentos ofertavam aos vaqueiros a oportunidade de tornarem ostensivos seus dotes profissionais e suas qualidades morais. Quando esses vaqueiros se sujeitavam a irem aos campos atrás de um boi bravio, seu maior prêmio era o reconhecimento de sua força e a legitimidade do seu nome, pois sem força e sem coragem era quase impossível se inserir nos quadros sociais desse período. “O prêmio [...], portanto, [...] consistia, essencialmente, num ‘valor’ que se revelava mediante a manifestação de superioridade, estima e honra conferido ao vencedor. Esse ‘valor’ era primordialmente simbólico, [...]”<sup>144</sup>.

Nesses diálogos realizados com os vaqueiros piononenses, notamos no decorrer de suas falas o valor simbólico dessas manifestações de coragem e vigor frente às adversidades de laborar o gado. No discurso desses homens, a figura do vaqueiro é retratada como um “homem forte, corajoso, honesto, e, sobretudo hábil na convivência com a terra agreste e no desempenho de suas obrigações. Sua aparência física revela a superioridade [...]”<sup>145</sup>. Essa postura destemida nos remete a um imaginário quase pretensioso do vaqueiro, que arregimenta o gado no curral, se lança a rês para ferrar ou curar uma bicheira, adentra a mata fechada em busca de bois bravios, e em meio ao seu cotidiano, ressalta a avidez de um sujeito

<sup>141</sup> NASCIMENTO, José Renato do. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 06. Mai. 2017.

<sup>142</sup> ALENCAR, Francisco Renato. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 15. Abr. 2017.

<sup>143</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>144</sup> BARBOSA, 2005, p. 37-38.

<sup>145</sup> TAPETY, 2007, p. 42.

associado à braveza e heroísmo, algo muito divulgado na literatura e historiografia tradicional.

Em detrimento aos discursos produzidos através das diversas produções literárias e historiográficas no decorrer dos séculos XIX e XX, e que reforçaram essa figura do vaqueiro associado à braveza e heroísmo, a partir de muita imaginação e criatividade, nessa pesquisa, buscou-se também por meio das fontes orais, analisar o processo de identificação destes sujeitos sociais a fim de possibilitar a compreensão acerca da autoimagem construída por esses vaqueiros e como a identidade do vaqueiro é preenchida a partir do olhar do outro. Sobre isso, o teórico cultural Stuart Hall, escreve que:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros<sup>146</sup>.

Assim, temos na História Oral um excelente mecanismo no processo de compreensão da identidade cultural do vaqueiro, pois, a partir de variadas versões sobre as manifestações culturais desses sujeitos, analisamos os processos históricos nos quais estavam envolvidos. Nesse sentido, ao tratarmos das manifestações de coragem e vigor desses sujeitos em meio à mata fechada, buscamos também observar quais eram os interesses desses homens ao frequentarem esses campos para capturar gado arisco e selvagem. Segundo o vaqueiro Afonso do Monte Carvalho, para além da satisfação e diversão de correr as “pegas de boi no mato”, a opinião alheia também era válida, pois “[...] bom e bonito não é o caba sair dizendo que fez não, bonito é os outros dizer”<sup>147</sup>.

O capital simbólico do vaqueiro consiste, essencialmente, em valores morais e físicos. Por essa razão, vaqueiro “mole” ou sem honra, [...], cai sempre no ostracismo e na desgraça. É esse capital que o insere nas redes de sociabilidade; que lhe garante um emprego e o título de “herói do sertão”. [...]. Vaqueiro, coragem e honra compõem a gramática masculina da figura de nosso herói do sertão. Ser vaqueiro é, acima de tudo, ser forte<sup>148</sup>.

A narrativa apresentada pelos vaqueiros de Pio IX enfatiza a importância simbólica que esses sujeitos nutriam de sempre desempenharem atos de coragem e força no seu trabalho diário de traquejar com o gado. Em culminância com esse trecho acima apresentado do historiador Eriosvaldo Barbosa, o depoimento do Sr. Bitonho Paulino reitera essa necessidade de estar incluído nos *espaços* de sociabilidades a partir das proezas realizadas com as “pegas

<sup>146</sup> HALL, 2005, p. 13.

<sup>147</sup> CARVALHO, Afonso do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

<sup>148</sup> BARBOSA, 2005, p. 49.

de boi no mato”. Ao salientarmos sobre suas aventuras nas capturas do gado selvagem, “Seu Bitonho” narra com detalhes sobre uma carreira que deu atrás de uma “novilhinha pequena” nas intermediações vizinhas da fazenda onde trabalhava. Convidado juntamente com mais oito ou dez vaqueiros para pegar essa rês, o Sr. Bitonho relata que após o dia inteiro de serviço, voltaram para casa sem conseguir pegar a novilha. Vejamos a seguir trechos mais detalhados dessa narrativa nas palavras desse vaqueiro:

Aí pronto, fomos embora, já era muito de tarde fomos sem bora, acabou-se. Quando foi no sábado, parece que era um dia de terça-feira pra quarta. Aí fui pra Pio IX no sábado, porque **de primeiro a gente só se encontrava no sábado ou então se a gente fosse assim fazer alguma obrigação né, pegar umas rês, mais outra a gente se encontrava.** [...]. Aí falei com ele “Renato rapaz, tal dia, sim rapaz você vai pra onde tal dia, terça-feira?”. Aí isso foi marcado pra o homem vim pegar a novilha na outra terça-feira (marchante). [...]. **Aí tinha um rapaz aqui do Cariri que chamava seu Horácio, ele era vaqueiro no Jardim (fazenda). Um homem disposto, duro. Homem novo assim na idade da gente. Um caba caminhava nos bois por riba no meio da madeira pra frente, caminhava por riba mesmo. Não tinha medo de boi não e nem garrancho não.** [...]. O compromisso com o homem dono da novilha era na terça-feira né. Aí o Renato disse, “não rapaz você podia ir era amanhã, que era domingo”. E eu digo “rapaz domingo?”. “Sim, amanhã”. Isso era nós conversando no sábado, não é. Aí quando eu vinha, combinei lá com o vaqueiro, **“rapaz nós vamos de madrugada, tomar chegada no gado lá pra ver se nós pega essas novilha lá, porque deixar pra terça-feira, aí vem uma vaqueirama danada aí com pouco outro caba vem e pega e nós fica debaixo”**<sup>149</sup>.

Grifamos alguns trechos dessa fala para dialogarmos com mais precisão nessa análise. O Sr. Bitonho Paulino encerrou essa narrativa afirmando que conseguiram capturar a novilha arisca dois dias antes do prazo combinado com o comprador do animal. Nesse relato apresentado, notemos que os vaqueiros agendavam com antecedência os dias de irem pegar o boi bravo no mato, pois, em detrimento as dificuldades de transporte e comunicação de longa distância, esses eventos eram previamente combinados entre os vaqueiros conhecidos. “No dia o caba já ficava imaginando ‘rapaz, amanhã ou a depois nós vamos pra lugar fulano. Eita que os caba tão lá vai ser bom demais’. [...]. Aquilo é uma maior alegria”<sup>150</sup>. Esses momentos representavam a oportunidade de conversar com os companheiros de trabalho, contar histórias, traçar sociabilidades através da labuta exigida para vaquejar o gado no mato.

Ponderamos também os adjetivos empregados aos vaqueiros que conseguiam demonstrar coragem, vigor e habilidade nas pegadas de boi no mato. A imagem empregada ao vaqueiro Horácio pelo nosso depoente faz parte da imagem mais forte e presente nos

<sup>149</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>150</sup> Idem.

discursos desses vaqueiros. Pontuando a identidade desses sujeitos através dos vaqueiros entrevistados no município para este trabalho, onde se referem à imagem característica do vaqueiro aliada a honra e a valentia que se faz presente na literatura de cordel e na historiografia. Esses sujeitos não permitiam que outros vaqueiros fizessem seu trabalho, pois não queria “ficar por baixo” ou temiam demonstrarem “moleza”, caso não capturassem o boi bravo. E, segundo esses vaqueiros, pegar um animal bravo representava ficar afamado, o que para eles, significa motivo de orgulho.

Portanto, identificamos nessas práticas de pegadas de boi no mato em Pio IX, representações dos espaços de sociabilidades para esses vaqueiros. Segundo Almeida, “o espaço pode ser, então, considerado como lugar onde homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e interesses. Cada espaço, tornando-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídas pelas pessoas”<sup>151</sup>. Para além do trabalho árduo vinculado a rotina desses sujeitos, frequentar os campos com os companheiros de trabalho significava para esses homens a oportunidade de demonstrarem suas habilidades e destrezas em vaquejar o gado.

O reconhecimento dessas habilidades e os relatos de elogios por todos os presentes em áreas circunvizinhas simbolizava o “prêmio” almejado por esses vaqueiros. O trabalho torna-se festa, a seriedade como cumprimento da obrigação, tornado em alegria. O prazer desses sertanejos não estava vinculado à presença do público para mostrar suas habilidades, mas sim em disputar, em vencer, em ter maior sagacidade e habilidade para primeiro pegar o boi e derrubá-lo. No cotidiano frente aos companheiros de labuta, o empenho com o gado não perdia a dimensão lúdica, da alegria, e, da representação de sociabilidades compartilhadas para esses sujeitos. Contudo, essas representações no espaço desses sujeitos são modificadas com a introdução de festividades associadas ao mundo dos vaqueiros, como também, da comunidade em geral.

### **3.2 Festa dos vaqueiros e o contexto histórico das vaquejadas em Pio IX**

Historicamente, a apartação era realizada pelos vaqueiros das fazendas, que capturavam o gado no mato para separá-lo entre os fazendeiros de uma dada região. Como tratamos anteriormente, por não haver demarcações nas fazendas em decorrência da pecuária extensiva,

---

<sup>151</sup> ALMEIDA, 2003, p. 71.

quando o gado adentrava na caatinga, misturava-se aos dos outros fazendeiros. Assim, no período das chuvas ou no momento da comercialização, os grandes fazendeiros proporcionavam festejos, convocando vaqueiros da própria fazenda e de outras circunvizinhas objetivando reaver e selecionar o seu gado. Nessa síntese desse processo histórico que representou a gênese das vaquejadas contemporâneas, compreendemos que a procura de animais bravios na caatinga significava uma festa proporcionada pelos fazendeiros que, posteriormente, solidificou-se em rituais festivos atraindo as comunidades para apreciarem as festas de vaquejada após a apartação do gado.

Essa noção de festa vinculada a apartação está associada à vaquejada de fazenda que, segundo Barbosa, “embora a origem da vaquejada se deva às tarefas práticas da apartação, o processo de inovação, ocorrido na pecuária, concedeu a ela uma espécie de ‘carta de alforria’ em relação às tarefas pastoris”<sup>152</sup>. Para alguns autores<sup>153</sup>, a vaquejada de fazenda se propagou no início do século XX. Entendidas como *vaquejadas no pé-de-mourão*, esses eventos eram realizados em um espaço limpo em que os vaqueiros poderiam demonstrar suas habilidades em público e não apenas na mata fechada. Essa pista era de chão batido, ou seja, chão duro, nas fazendas de gado. Adentramos nos aspectos dessa competição mais adiante. Nesse momento, queremos apenas ressaltar que as vaquejadas de mourão marcavam o encerramento festivo de uma etapa de trabalho para os vaqueiros.

Segundo Tavares<sup>154</sup> e Sales<sup>155</sup>, foi por volta de 1940 que os vaqueiros da região Nordeste começaram a tornar públicas as habilidades na Corrida de Mourão, popularizando suas aptidões em derrubar o boi no chão. As autoras enfatizam que os poderosos fazendeiros passaram a organizar essas vaquejadas, que com o tempo, representaram o passatempo do público presente nas fazendas e nas comunidades vizinhas que iam assistir os vaqueiros competir. “Assim, as festas de vaquejada reuniam um grande público, que foi crescendo com o decorrer dos anos”<sup>156</sup>.

Essas referências históricas que foram amplamente discutidas na primeira parte desse trabalho surgem agora para contextualizar nosso cenário de pesquisa. Neste contexto, enfatizamos esses aspectos formadores da identidade cultural do vaqueiro piauiense a fim de confrontar com os sujeitos entrevistados e as fontes identificadas no recorte temporal

<sup>152</sup> BARBOSA, 2005, p. 34.

<sup>153</sup> Cascudo (1984) e Barbosa (2005).

<sup>154</sup> TAVARES, Helenita Bezerra de Carvalho. O Léxico do ciclo do gado de Garanhuns. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2013.

<sup>155</sup> SALES, Aline Pinheiro de. O vaqueiro no Piauí: práticas e representações culturais em Picos-PI (1980-2000). *Monografia*. Universidade Federal do Piauí. Picos – PI, 2015.

<sup>156</sup> Id. 2015, p. 39.

programado para esse trabalho. Assim, com base nos antecedentes históricos que representam o vaqueiro no Piauí, assemelhamos nesse momento aos vaqueiros piononenses e os processos sociais vinculados a esses sujeitos. Ou seja, buscamos por meio dos nossos diálogos com esses senhores encontrar aspectos característicos da apartação, das vaquejadas de mourão e das vaquejadas contemporâneas em meio ao cotidiano desses homens do campo.

Em detrimento a esses vaqueiros das fazendas que em meados do século XX em algumas partes do Nordeste já demonstravam suas habilidades de derrubar o boi pela cauda em competições organizadas pelos fazendeiros após a apartação do gado, no município de Pio IX, no início dos anos de 1960, os vaqueiros que trabalhavam na labuta com o gado desconheciam essas práticas competitivas, como também, não realizavam as apartações. Mesmo que em suas práticas cotidianas esses homens se reunissem com o intuito de juntar o gado para vacinar, castrar os garrotes, traquejar a boiada para outros cercados da propriedade e retirar animais para a comercialização, práticas costumeiras dos processos de apartação discutidas na historiografia regional, mas para esses vaqueiros, segundo os depoimentos de Meton e Afonso do Monte, não ocorria em Pio IX devido ao criatório pouco da região e com não havia a necessidade de apartar o gado entre os fazendeiros. O vaqueiro Bitonho Paulino ainda enfatiza que essa contribuição entre vaqueiros e pequenos proprietários era apenas uma ajuda para capturar os bois bravios das fazendas circunvizinhas.

Como sabemos, eram nessas vaquejadas de mourão que os vaqueiros após as apartações podiam expor suas habilidades e destrezas para o público presente nas fazendas. Esses momentos representavam para além do trabalho, festas onde todos participavam e os vaqueiros consideravam “brincadeiras” onde podiam afirmar a força, a vitalidade e a energia do homem sertanejo. Ao confrontarmos essas manifestações lúdicas no cotidiano dos vaqueiros de Pio IX, identificamos no próprio processo de capturar os bois bravios em meio à caatinga, como a oportunidade desses sujeitos sociabilizarem com os amigos e demonstrarem suas sagacidades frente às lutas diárias com o gado. Pois, sempre que salientados sobre a importância dessas reuniões para capturarem o gado, notamos nesses velhos vaqueiros o gosto e a saudade de um período que não volta mais. “Um divertimento, uma alegria. Um contava uma história, outro contava outra”<sup>157</sup>.

Diferente de muitas partes do Nordeste em que a vaquejada já se popularizava nas grandes fazendas de gado desde as primeiras décadas do século XX, no município de Pio IX, as primeiras manifestações lúdicas envolvendo os vaqueiros só foram detectadas em meados

---

<sup>157</sup> ALENCAR, Francisco Renato. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 15. Abr. 2017.

dos anos 60, organizada pelo pároco da Igreja Católica da cidade. A missa em homenagem aos vaqueiros da região demarcou o início de uma ressignificação das práticas lúdicas desses sujeitos. A partir dessa manifestação cultural associada à religião, os vaqueiros piononenses começaram a entrar em contato com outras maneiras de apresentarem suas habilidades, inclusive, as vaquejadas de mourão. Vejamos um trecho encontrado no Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, Igreja Matriz da cidade de Pio IX:

1964

Março – Como de costume não venho fazendo a festa de S. José no dia 19 e sim no primeiro domingo que segue o dia 19. Foi, portanto, no domingo que se seguiu ao dia 19 que fiz a festa de São José.

Maio – Segundo domingo de maio, festa dos vaqueiros. Muitos vaqueiros; confissões e comunhões dos mesmos, muito poucas<sup>158</sup>. (Anexo - 01).

Transcrito pelo o Padre emérito da Paróquia de Pio IX, João Morais Sobrinho, esse trecho dos principais registros de atividades realizadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio, cita a realização da primeira festa destinada aos vaqueiros organizada no município. Datada do início de 1964, não encontramos registros mais concretos a respeito de como foi realizada essa festividade. No entanto, segundo os relatos orais dos senhores vaqueiros que frequentaram essas manifestações festivas organizadas pela Igreja, o vigário João Morais era bastante engajado no universo dos vaqueiros. Fazemos aqui uma breve descrição biográfica desse sujeito histórico para o município de Pio IX que, para além influenciar em aspectos culturais envoltos de festividades religiosas, também influenciou em aspectos educacionais e sociais, sendo professor e efetivo nas ações de caridade nos períodos de estiagens na região.

Natural da cidade de Picos – PI, João Morais Sobrinho nasceu em 27 de outubro de 1927. Na adolescência, entrou no Seminário de Teresina para formação de Padres. Depois foi para João Pessoa onde terminou os cursos de Filosofia e Teologia, os quais duraram cerca de quatro anos. Após retornar para cidade de Picos, foi ordenado padre, na Igreja Matriz de N. S. dos Remédios, em 22 de dezembro de 1958:

Após a ordenação, foi designado pelo bispo de então para dirigir a Paróquia de Pio IX – PI. Dita paróquia abrangia um território que ia de Jenipapeiro a Riachão, seguindo por Alagoinha e São Julião, e chegava às cidades de Fronteiras-PI e Pio IX-PI. [...]. Por causa do seu trabalho, mantinha a fé e a religião naqueles lugares e cidades mencionados, arrecadava simpatia e contribuições para a Igreja, mas suas relações com os bispos nunca foram muito tranquilas, pacíficas. De vez em quando aconteciam arrepios. Tanto é que, segundo me declarou resolveu “tirar a batina” como se diz no interior e casar-se. Foi dispensado do ministério sacerdotal em 1970, depois de

<sup>158</sup> Registro no livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, que afirma a presença da Missa do Vaqueiro, no ano de 1964. Presidida pelo Padre João Morais Sobrinho. (Folha 181).

diálogos não muito amistosos com o bispo de Picos, D. Augusto. As suas desavenças eram, sobretudo, por dinheiro. O bispo achava que a arrecadação estava minguada e o Pe. Morais não sabia o que fazer para aumentá-la<sup>159</sup>.

A partir dessas informações bibliográficas disponibilizadas pelo escritor picoense Francisco Miguel de Moura, e os registros presentes no Livro do Tombo da Igreja de Pio IX, que sabemos mais detalhes da vida desse religioso. Nesse sentido, pontuamos a chegada do Pe. João Morais ao município de Pio IX em 17 de março de 1958, assumindo as responsabilidades da paróquia local definitivamente em 24 de março de 1963, já que até esse momento, dividia suas práticas religiosas sendo vigário cooperador em Picos – PI, e pároco nas cidades de Paulistana e Pio IX. A contar desse período, Pe. João Morais conseguiu dedicar-se exclusivamente as atividades voltadas para a população piononense, organizando diversos festejos religiosos anualmente, seja em homenagem aos santos católicos, às crianças e também, aos senhores vaqueiros.

Nesse sentido, surge nesse período essa manifestação cultural arraigada aos vaqueiros piononenses, possibilitando que esses sujeitos estivessem em evidência para toda a sociedade local, pois, segundo o depoente Bitonho Paulino, a Festa do Vaqueiro reunia toda a população da região devido à novidade que esse evento representava. Dona Maria do Solidade, esposa do vaqueiro Francisco Renato, guarda com recordações, antigas fotografias pretas e brancas tiradas nesse período.

---

<sup>159</sup> MOURA, 2016.

**IMAGEM 4:** Vaqueiros de Pio IX aguardando a Missa do Vaqueiro nas intermediações da Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio em meados de 1960.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

A festa do vaqueiro organizado pelo Pe. João Moraes possibilitou a inserção desses homens em outros espaços de sociabilidade para além das fechadas matas da caatinga nordestina. Com isso, esse evento festivo contribuiu para que esses sujeitos conhecessem manifestações lúdicas vinculadas a sua profissão de trabalho. No âmbito social, vaqueiros e sociedade em geral dividiam o mesmo ambiente praticável a partir dos cultos religiosos proporcionados pela Igreja Católica. Segundo o depoimento de quem frequentava essas missas, era grande a participação dos vaqueiros da região que, devidamente equipados com suas roupas de couro, arroteavam o patamar da igreja montados em seus cavalos. Observemos as palavras de contentamento de uma espectadora dessas missas para os vaqueiros em Pio IX.

Nas missas de vaqueiro do Padre João Moraes, não tinha um pé de pessoa que não quisesse assistir. Era a coisa mais linda desse mundo, era os vaqueiros tudo encorados, com chapéu de couro, tudo com as botas de vaqueiro. Eles traziam os cavalos e amarravam tudo ao redor da igreja era a coisa mais linda, mais linda desse mundo! Ai quando terminasse a missa quem aboiasse melhor, mais alto e mais bonito, ganhava um prêmio. O Padre João era o padre por que ele celebrava as missas, mas ele era como qualquer

um de nós, ele gostava das roças, das fazendas ele sempre ia pra o Boqueirão que era onde nós morava<sup>160</sup>.

Com base nessa fotografia (Imagem 04), que mesmo desgastada pelo tempo nos apresenta significados ímpares para nossa pesquisa, pois, temos a noção dos processos históricos que transcorriam no mundo desses sujeitos que, em meio à lida diária com o gado, se encontravam com situações distintas aos seus convívios diários. Como podemos notar nesse trecho da entrevista da senhora Maria Eneide, a missa destinada aos vaqueiros representou o contato desses sujeitos com o público com as demonstrações de aboio que simbolicamente estavam associados ao mundo laboral desses sujeitos, pois, segundo a autora Audrey Tapety<sup>161</sup>, é uma prática de entoar cantos sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, enquanto conduzem o gado. A partir desses aspectos, tentamos compreender essas manifestações históricas para as festividades culturais do município. Assim, desses eventos idealizados pelo vigário da cidade, outras práticas lúdicas voltadas para o mundo dos vaqueiros se desenvolveram na região, sendo a vaquejada de mourão uma delas.

Como elencamos anteriormente, as vaquejadas de mourão passaram a ganhar destaques em partes da região nordeste desde os anos de 1940. Segundo Tavares<sup>162</sup>, “com o passar do tempo, elas foram se popularizando. Tornaram-se competições com calendário e regras bem definidas. Viraram ‘indústrias’ milionárias, que oferecem verdadeiras fortunas em prêmios”. No entanto, no nosso âmbito de estudo, esses processos de popularização da vaquejada foram mais demorados e em momentos distintos. No contexto dessa pesquisa, a vaquejada em Pio IX não estava arraigada às relações com os pátios das fazendas dos grandes fazendeiros do Piauí, como é habitualmente associada na historiografia. Vale ressaltar que por se tratar de um contexto particular, já que temos um recorte temporal e espacial específico, não estamos aqui afirmando que os processos de popularização dessa manifestação cultural estejam errados no contexto historiográfico. Porém, buscamos enfatizar nesse estudo os próprios aspectos que levaram a popularização dessa expressão cultural nordestina em Pio IX.

Mais uma vez voltamos a associar o nome do Pe. João Morais Sobrinho ao mundo sociocultural do vaqueiro piononense. Idealizador das festividades religiosas em homenagem a esses sujeitos históricos, o Pe. João Morais também foi o responsável pela introdução das primeiras tentativas de vaquejadas de mourão no município. Conhecedor das regras básicas da corrida de mourão, o vigário contou com o auxílio das pessoas locais para conseguir

---

<sup>160</sup> MONTE, do Maria Eneide. *Depoimento concedido a Hanna Maria da Silva Alves do Monte*. Pio IX, 29. Set. 2014.

<sup>161</sup> TAPETY, 2007.

<sup>162</sup> TAVARES, 2013, p. 52.

introduzir esse evento nas festividades do município. O vaqueiro Bitonho Paulino relatou um pouco sobre seu primeiro contato com pistas de vaquejadas:

Rapaz me lembra assim, as primeiras pistas que nós fomos começar foi ali, Pe. João e o Renato fizeram uma vaquejada. Pe. João aqui na cidade, na Paróquia de Pio IX. Aí começou a vaquejada no terreno da Lucila ali naquela embocada que vai pra o mercador, naquela vargem ali. Ali era da Lucila, aí ela arrumou pra o padre, fazer a brincadeira e o Renato tinha o conhecimento e ajuntava aquela vaqueirama e eu comecei por lá, pela primeira vez foi lá<sup>163</sup>.

Em um trecho mais adiante dessa entrevista esse conhecido vaqueiro da região ainda comenta sobre a precariedade e o amadorismo dessa primeira tentativa de criar uma pista de corrida, “era uma reunião dos vaqueiros, não sabe. Os vaqueiros, aquele lugarzinho, tinha um curralinho pra botar o gado, era um negocinho todo fraquinho mesmo. A gente não tinha com o que fazer nada não, era tudo era (sic) fraco”<sup>164</sup>. No entanto, segundo o autor Francisco Aires<sup>165</sup>, as vaquejadas de mourão foram um referencial histórico para as festas contemporâneas. Aspectos dessa competição, como a derrubada do boi entre duas faixas, influenciaram nos princípios básicos dos modernos parques pelo Brasil.

Não conseguimos identificar nas fontes coletadas, os motivos que levaram ao Pe. João Morais a ser tão engajado com o mundo dos vaqueiros. A hipótese mais aceitável é que esse religioso tenha entrado em contato com manifestações associadas às vaquejadas durante os períodos da adolescência e do Seminário Católico, quando viajou para a Recife – PE e João Pessoa – PB respectivamente. No entanto, segundo os depoimentos obtidos para esse estudo, sabemos que o Pe. João Morais contou com o auxílio do vaqueiro Francisco Renato de Alencar, já que esse senhor tinha bastante contato com a vaqueirama da região, como também, se apropriou dos terrenos de uma proprietária local, nas intermediações de Pio IX, para realizar a “brincadeira” com os vaqueiros e o público em geral.

A respeito dos aspectos dessa vaquejada de mourão idealizada pelo Padre João Morais Sobrinho, identificamos que as regras básicas estava representadas em derrubar o boi entre duas faixas, sendo que essa puxada poderia ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior, algo penalizado nas vaquejadas modernas. Esse tipo de prática contava com elementos da pega de boi, como a puxada do boi no rabo em qualquer lugar, além da presença exclusiva dos vaqueiros de fazendas trajando as características roupas de couro. A derrubada do boi era feita entre as faixas de alguns metros

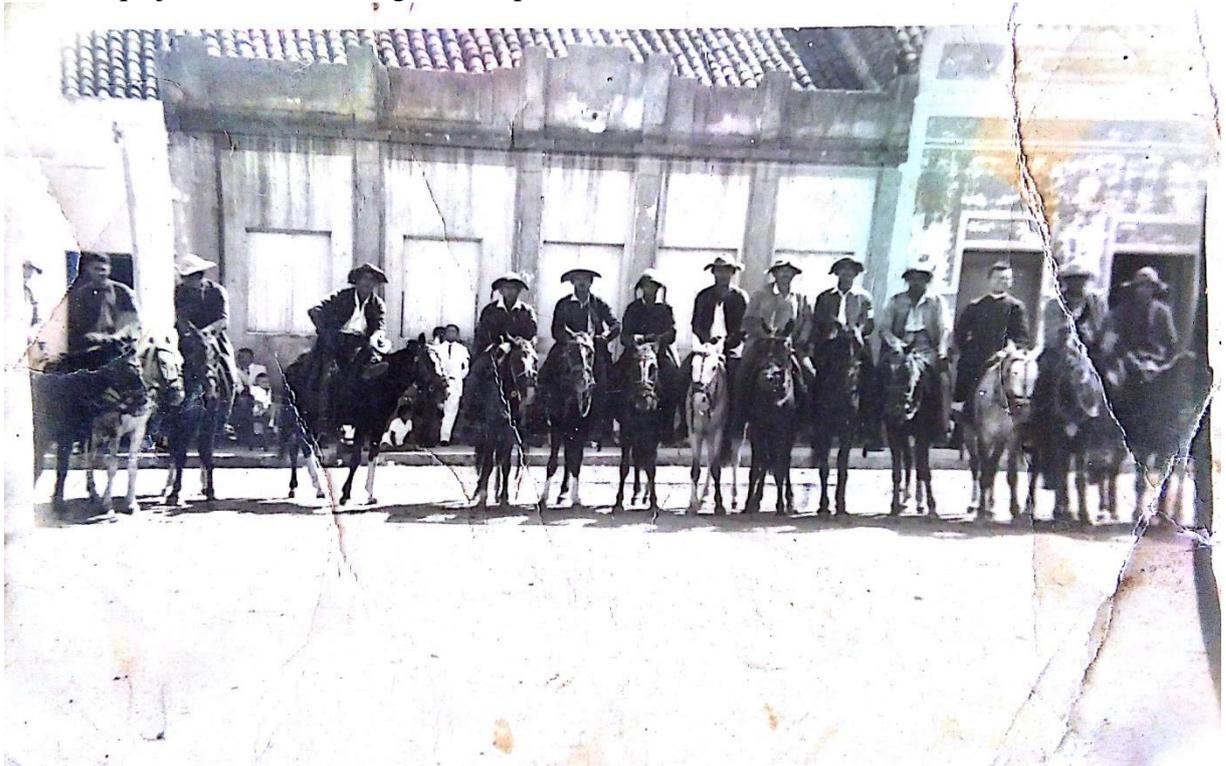
<sup>163</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> AIRES, 2008.

de largura, sendo a pontuação da competição contabilizada de acordo com quem derrubasse mais próximo possível da entrada do boi na pista de corrida. “Naquele tempo enumerava o boi, não era. Aí, quem derrubasse o boi 10, se derrubasse o 11 era mais ponto, não era. E assim ia tirando”<sup>166</sup>. Vale ressaltar que o boi podia correr para frente e para trás. O que era válido era que o vaqueiro puxasse o animal para o chão.

**IMAGEM 5:** Vaqueiros encourados nas intermediações de Pio IX preparados para correrem na vaquejada de mourão organizada pelo Pe. João Morais Sobrinho, em meados de 1960



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

Todavia, a vaquejada de mourão era a mais pura manifestação do modo de vida do vaqueiro. Desassociada dos pátios das fazendas de gado, a gênese das vaquejadas em Pio IX está pontuda na idealização de um representante religioso que viu nessas manifestações culturais a possibilidade de tornar público as habilidades já conhecidas dos vaqueiros na comunidade local. Não havia ruptura com o cotidiano, mas sim momento de exaltação deste. O trabalho com o gado continuou arraigado aos fazeres diários desses sujeitos. A roupa usada para tal ocasião era a mesma do seu trabalho, como notamos na ilustração acima (Imagem 05), em que apenas o Pe. João Morais difere dos demais por estar usando batina. Assim, como o encouramento, o cavalo era o mesmo cavalo da luta diária e a demonstração era a sua prática cotidiana.

<sup>166</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

A vaquejada de mourão é também um espaço de construção de identidade, onde os sujeitos históricos que frequentavam essas manifestações culturais mantinham-se unidos em torno das práticas e dos processos de laborar com o gado, trabalho em fazendas e sensibilidades com o boi e o cavalo, num cotidiano marcado pelo trabalho e o vínculo de pertencimento aos sujeitos históricos da sociedade piononense. Com efeito, a identidade cultural está relacionada à memória coletiva, uma vez que através das falas dos referidos depoentes, tem-se a construção cultural dos grupos sociais que fizeram parte dessas festividades.

Sendo assim, é uma identidade coletiva que envolve os sujeitos ligados às ações no processo de laborar o gado e correr nas vaquejadas de mourão. Para Stuart Hall, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que estes mundos oferecem<sup>167</sup>”. Nesse sentido, entende-se que a vaquejada é um elemento formador de identidade social dos vaqueiros de Pio IX – PI.

Para esse teórico, a identidade é formada pelo sujeito de acordo com o “mundo cultural” ao qual pertence e mantém vínculos afetivos, sociais, culturais, econômicos, políticos etc. Assim, a identidade dos vaqueiros piononenses é também construída a partir do acontecimento da vaquejada, que carrega um conjunto de símbolos e valores que modificam seus atores e formando uma individualidade. Com isso, vale ressaltar que esses processos lúdicos voltados para o mundo dos vaqueiros foram gradativamente se adequando aos espaços cotidianos dos vaqueiros piononenses.

Contudo, as vaquejadas de mourão idealizadas pelo Pe. João Morais, que ocorriam anualmente nas missas destinadas aos vaqueiros, caiu no esquecimento em decorrência do afastamento desse religioso das atividades eclesiais. No entanto, as influências históricas dessa prática lúdica contribuíram para o surgimento de outra manifestação associada aos vaqueiros: a vaquejada em moldes contemporâneos.

Aí depois começou a aparecer uma vaquejadinha aqui no Pio IX, o Tico, o Tico Paulino ali, o Chicó começou ali no Tico Paulino no terreno do Zé Paulino o Chicó fez uma pistinha teve pra lá, depois teve em Fronteiras, teve em Alagoinhas do Piauí. E a gente ficou participando né dessas vaquejadinhas. Aí com pouco mais o Renato fez um parquinho na casa dele, eu fiz outro aqui e aí foi começando né<sup>168</sup>.

---

<sup>167</sup> Id. 2005, p. 11.

<sup>168</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

Com base no relato do depoente Manoel da Silva, ou melhor, Bitonho Paulino, após as primeiras manifestações culturais associadas à vaquejada no município com a organização do Pe. João Moraes, posteriormente, vaqueiros locais construíram pistas de corrida para continuarem a praticar esse esporte característico na comunidade dos vaqueiros. Segundo Maia<sup>169</sup>, em uma abordagem mais ampla que envolva outras partes do nordeste brasileiro, a vaquejada desde a década de 1950 já estava se desassociando das fazendas de gado e perdendo seu caráter de festa do vaqueiro e tornando-se cada vez mais um evento de exibição nas cidades. No caso dessa prática cultural em Pio IX, com o advento das vaquejadas de mourão, vaqueiros locais começaram a organizarem corridas em espaços abertos com o intuito de praticarem essas derrubadas de gado.

Com a modernização da pecuária, até os anos de 1970 e 1980, aproximadamente, a vaquejada passou a ser praticada em “pistas de corrida” de propriedades de fazendeiros que faziam questão de dar continuidade ao “costume” que parecia remontar as raízes das antigas apartações, praticadas no sertão nordestino”. A partir de 1990, em diante, surgem os “parques de vaquejada”, e com eles, a figura do “vaqueiro profissional” ou “vaqueiro de vaquejada”, [...] <sup>170</sup>.

Essas “pistas de corridas” surgiram na região em meados da década de 1970 no interior de Pio IX organizada por vaqueiros que participavam das festas anuais ligadas a missa dos vaqueiros. Enfrentada pelo senhor Francisco Renato de Alencar numa faixa de terra que cortava sua fazenda, essa “brincadeira”, como assim chamavam, reunia vaqueiros e expectadores das fazendas e localidades vizinhas para assistirem essas corridas de gado. Em um registro fotográfico realizado nesse período (Imagem 06), notamos a simplicidade dessas manifestações lúdicas idealizadas por esses vaqueiros no interior do município.

---

<sup>169</sup> MAIA, 2003.

<sup>170</sup> BARBOSA, 2005, p. 34.

**IMAGEM 6:** Vaqueiros perseguindo uma novilha em uma estrada de terra batida com o público acomodado nas cercas paralelas da pista de corrida, Fazenda Canadá, interior de Pio IX em meados de 1970.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

“Aí a gente pegava o gado, levava pra o jequi, botava naquele, né... passando o gado, correndo, juntava uma turma medonha”<sup>171</sup>. Nesse trecho do diálogo com o vaqueiro Francisco Renato, notamos que a prática de correr com o gado se fixava nos costumes dos vaqueiros da região. Como podemos observar na imagem acima (Imagem 06), o espaço para a realização dessas brincadeiras organizadas pelos vaqueiros ainda eram bastante rurais, sem aspectos consumistas de uma prática esportiva. A estrada que cortava a fazenda transformava-se numa pista de corrida, as cercas, que demarcam os cercados e os limites da propriedade, viravam arquibancadas para o público que apreciavam as manifestações de força e habilidade dos vaqueiros ao derrubarem o boi no chão. As influências das vaquejadas de mourão organizadas pelo Pe. João Moraes contribuiu assim, para que esses vaqueiros adaptassem seus cotidianos a fim de expressarem suas destrezas com o gado.

Ao analisarmos essa imagem, identificamos que os vaqueiros não utilizavam mais as vestimentas de couro características para o uso diário desses sujeitos. Para essas brincadeiras de derrubar o gado, os vaqueiros Renato e Unias, companheiros de campo e de vaquejada, e

<sup>171</sup> ALENCAR, Francisco Renato. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 15. Abr. 2017.

fotografados nessa imagem, se apropriavam das práticas de vaquejar e perseguir o gado no campo para treinarem e derrubarem o gado nesses espaços limpos das pistas de corridas. Notemos que as vaquejadas, para esses sujeitos, permaneciam como “brincadeira”. Elas se manifestam com “lazer” para esses vaqueiros, substituindo gradativamente os próprios espaços do campo fechado como manifestação de uma prática lúdica. “Aí a gente corria, com o fogo de correr<sup>172</sup>”.

O engajamento desses sujeitos nesses espaços de lazer arraigados as vaquejadas também estava relacionado aos surgimentos dos primeiros focos de pistas de corrida mais bem estruturadas nos municípios vizinhos. Nesse sentido, não demorou muito para que surgisse no município de Pio IX pistas de corridas destinadas propriamente para uso das vaquejadas. Com isso, as primeiras manifestações de vaquejadas são datadas do início da década de 1980, com a organização do vaqueiro e fazendeiro Francisco de Assis e Silva, mais conhecido como Tico Paulino<sup>173</sup>.

Segundo os relatos orais, o fazendeiro e também vaqueiro de campo Tico Paulino organizou a primeira vaquejada na região de Pio IX. Em um diálogo a respeito desse acontecimento, esse senhor nos relata aspectos históricos preponderantes para que fosse possível organizar essa festa lúdica para o vaqueiro e a sociedade piononense em geral. Lembrando-se das vaquejadas de mourão organizadas por Pe. João Morais, esse vaqueiro enfatiza que eram vaquejadas distintas, explicando então as diferenças básicas:

O Pe. João formou uma vaquejada, mas foi diferente da dele. Que era naquela que era pra derrubar mais perto. Saia né, pra quem derrubasse mais perto. Aí depois nessa época da gente foi na faixa, aí mudou. Assim que o boi podia entrar chiando na faixa, podia entrar com o boi chiando na faixa. Era 4 metros a faixa, hoje é 7, 8. 4, mais o boi podia entrar chiando, podia queimar o primeiro pau e entrar chiando a faixa, depois foi que mudaram essa regra de não queimar a cal e aumentar a faixa<sup>174</sup>.

Com alguns lapsos de memória, o Sr. Tico Paulino explica que na região até a segunda parte da década de 1970 não se tinha conhecimento sobre vaquejadas nos moldes contemporâneos. Com isso, esse vaqueiro relata que os primeiros focos de vaquejadas na macrorregião de Pio IX estavam associados à chegada de um vaqueiro vindo do Estado de Alagoas que, com as noções básicas dos padrões da vaquejada contemporânea, contribuiu

<sup>172</sup> ALENCAR, Francisco Renato. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 15. Abr. 2017.

<sup>173</sup> Francisco de Assis e Silva é natural de Pio IX – PI. Filho de um dos maiores criadores de gado do município na segunda metade do século XX, José Paulino, herdou do pai o gosto de trabalhar com o gado. Atualmente com 57 anos, organizou durante quase toda a década de 1980, vaquejadas e bolões nos moldes contemporâneos.

<sup>174</sup> ASSIS e SILVA, Francisco de. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 01. Jun. 2017.

com o surgimento das primeiras vaquejadas na circunvizinhança. Segundo esse depoente, em meados de 1979, seu irmão que morava na cidade de Maceió - AL e passeava na cidade natal de Pio IX, foi assistir uma vaquejada na cidade vizinha de Alagoinhas do Piauí, “aí viu lá e aí ficou com esse sentido de fazer uma pista aqui. Aí a gente fez e fizemos várias vaquejadas aí<sup>175</sup>”.

Assim, no início de 1980 surgem em Pio IX as primeiras manifestações da vaquejada moderna. Nesse momento, em vez de correr no meio do mato ou em estradas, os vaqueiros passaram a correr em pistas delimitadas. Nesses novos espaços de interações, os vaqueiros de campo começaram a participar desses eventos em locais previamente construídos com essa finalidade. Diferentemente das pítas de terra batida, as pistas de corrida para essas vaquejadas eram construídas com areia fofa para facilitar a vida dos cavaleiros e dos animais. Com um curral, um brete, uma porteira estreita conhecida como mourão e uma faixa de terra com cercas paralelas; esses espaços de sociabilidades se popularizavam na região, ganhando público e adeptos para participarem das corridas.

Nas primeiras vaquejadas organizadas em Pio IX, o Sr. Tico Paulino esclarece que a constância desses eventos só era possível em detrimento a inexperiência dos vaqueiros para praticarem essa “brincadeira”, como também a falta de resistência dos cavalos do campo para essas atividades em pistas de corridas, facilitando a utilização da mesma boiada. Segundo Barbosa<sup>176</sup>, até então os vaqueiros utilizavam os “cavalos nativos”, ou comumente chamados de “cavalos de pé duros” ou simplesmente “cavalo sem raça”, para campear na caatinga, sendo substituídos posteriormente para as vaquejadas modernas por cavalos receados, para a qualificação desse esporte equestre. “Os animais preferidos são os de raça Quarto de Milha, puros ou cruzados com PSI (Puro sangue Inglês), Árabe, ou Apaloosa<sup>177</sup>”. Nessa perspectiva de qualificação dos animais, o Sr. Tico Paulino atribui a incapacidade dos vaqueiros piononenses em derrubar o gado profissionalmente, ofertando a possibilidade de utilizar a mesma boiada frequentemente, já que não maltratavam o gado derrubando.

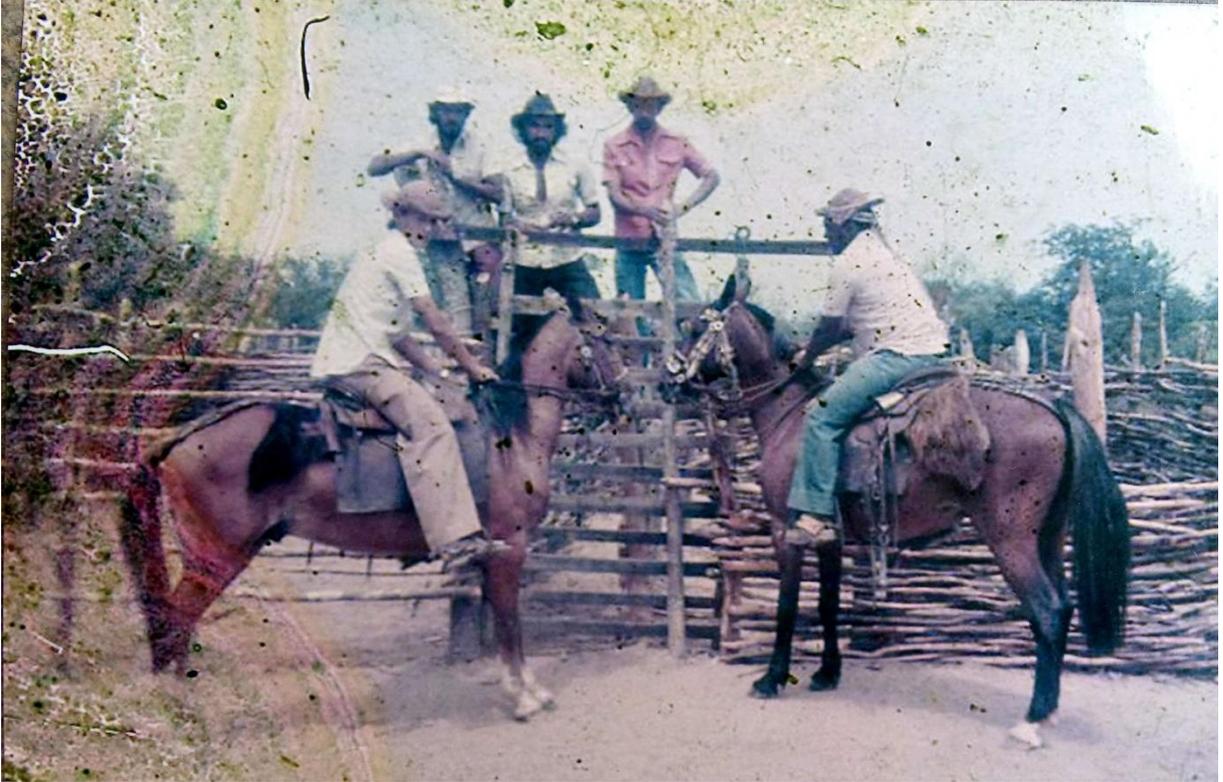
---

<sup>175</sup> ASSIS e SILVA, Francisco de. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 01. Jun. 2017.

<sup>176</sup> BARBOSA, 2005.

<sup>177</sup> Id. 2005, p. 51.

**IMAGEM 7:** Vaqueiros piononenses em frente ao brete que retêm o gado antes de correrem na pista. Final da década de 1970 na Fazenda Salgado, município de Fronteiras – PI.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

Nessa perspectiva, ao visualizarmos a fotografia acima (Imagem 07), percebemos esses aspectos citados pelo depoente. Os vaqueiros ao “pé do brete” estão montados em cavalos que habitualmente são utilizados para o serviço associado ao campo, que traquejam o gado e são denominados de “pés-duros” ou mestiços. O uso desses animais para a labuta cotidiana está associado ao tamanho e agilidade dos mesmos, pois, para adentrar a mata fechada, quanto menor e mais veloz o cavalo fosse, melhor era para o vaqueiro nas perseguições ao gado bravo, desviando das ramificações ralas típicas da caatinga. No entanto, para o uso nas vaquejadas, esses animais não se adaptavam à necessidade de força e explosão para esse esporte equestre. Notemos também a indumentária que “veste” esses cavalos. Acessórios típicos para o uso do campo, esses vaqueiros adaptam selas de couro, manta de sela<sup>178</sup> e

<sup>178</sup> Pele macia que se põe por cima do couro da sela, imediatamente antes da sela, ficando com as extremidades à mostra; além de proteger o dorso do animal, serve de adorno. In: TAVARES, 2013, p. 138.

cabeçadas<sup>179</sup> para frequentarem as vaquejadas. O que posteriormente seria substituído por arreios próprios para a competição, como selotes e freios professoras<sup>180</sup>.

Aí nesse tempo a gente tinha só uns cavalos de campo, não era. Eu ainda corri mais o Renato. Renato tinha um cavalo rossi com o nome de Sereno, fomos pra Fronteiras. E eu tinha um cavalo castanho com o nome de Consolo. Aí nós fomos aqui pra uma vaquejada, corria, mas era um cavalo de campo, mas a gente não tinha outros, não é, a gente ia pra o meio. Não fazia nada não, mas ficava no meio, tava o meio né. Aí depois que apareceu um negócio de um cavalinho de vaquejada, uma coisa, e a gente foi né<sup>181</sup>.

Assim, essas mudanças, uma vez estabelecidas, permitem entenderem-se os aspectos históricos que influenciaram as relações entre os vaqueiros e os espaços de sociabilidades no qual estavam engajados. Inicialmente estabelecidos no campo, esses sujeitos passaram por processos históricos que culminaram com a popularização das vaquejadas nos moldes contemporâneos no decorrer da década de 1980, com a presença dos vaqueiros que laboravam nas fazendas de gado. Este estudo, no entanto, busca apresentar esses sujeitos numa perspectiva de que não são figuras congeladas no tempo, como abordado pelos romancistas e folcloristas em suas produções no século noventa, mas sim, atores sociais em transformação constante resultante das suas práticas e de um capital simbólico associado ao processo da indústria cultural<sup>182</sup>.

Nesse contexto, entendemos os vaqueiros piononenses como sujeitos associados a esse fenômeno cultural dinâmico e em constante mudança, no qual está estabelecido o mundo desses sujeitos. Sendo assim, em todas as circunstâncias, as práticas desses personagens se apresentam como singularidades construídas historicamente, cunhadas a partir das relações baseadas nas sociabilidades adquiridas com o lúdico presente nas representações de força e coragem desses sertanejos nos campos e nas vaquejadas, sejam de mourão ou em moldes contemporâneos. Tais componentes podem funcionar estrategicamente como marcas de trajetórias históricas que permitem a formação e o desenvolvimento da noção desse vaqueiro local que, em detrimento a vida difícil e as adversidades desses espaços rurais, buscavam no lazer proporcionado por esse trabalho/hobby apresentarem suas experiências, valores e sentimentos no ato de vaquejar ou correr o gado.

<sup>179</sup> Conjunto de correias e metal presos à cabeça da cavalgada, das quais saem às rédeas. In: TAVARES, 2013, p. 99.

<sup>180</sup> Peça metálica, presa às rédeas, que inserida na boca dos animais de montaria ou tração, serve para os guiar. In: TAVARES, 2013, p. 124.

<sup>181</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>182</sup> Indicamos a leitura de autores como Barbosa (2005), Maia (2003), Francisco Aires (2008) e Aline Sales (2015), a respeito desses processos arraigados a Indústria Cultural no mundo dos vaqueiros desportistas, tendo a vaquejada como um negócio rentável.

### 3.3 Transformações do sertão piononense e as manifestações de uma Cultura que resiste

Nesse momento, nos permitimos burlar o recorte temporal almejado dessa pesquisa no intuito de salientarmos sobre aspectos contemporâneos da cultura piononense vinculada aos vaqueiros. Buscamos elencar nesse tópico, manifestações socioculturais que têm contribuído para a manutenção da identidade do vaqueiro piononense que, mesmo em constante transformação, permanece vinculado às raízes formadoras da cultura do município. Enfatizamos também os processos de modernização que alteraram os espaços de trabalhos e sociabilidades dos vaqueiros entrevistados, influenciando no fim das pegas de boi no mato, atividade ainda comum no decorrer da década de 1980, mas que chegou ao fim nos anos seguintes, sendo ressignificada como esporte no início da segunda década do século XXI.

Sobre esse aspecto das antigas pegas de gado, vale ressaltar o saudosismo empregado por esses depoentes ao referenciarem o período em que campeavam e traquejavam o gado na caatinga: “Bom era quando a gente botava a careta e sair tangendo juntando. Era animado demais<sup>183</sup>”. No entender desses vaqueiros, frequentar os campos traz à memória as façanhas meio a mata fechada, as conversas animadas com os companheiros de trabalho, os goles de cachaça após a captura de algum marruá indomesticável, dentre outras feições que marcaram as lembranças desses senhores: “Rapaz o caba quando tá lutando com o gado fica todo feliz<sup>184</sup>”.

Algumas interpretações são associadas pelos vaqueiros a respeito do fim das práticas de campear o gado nas fazendas no interior de Pio IX, justificando até a popularização das vaquejadas na região. Identificamos que para eles, o trabalho nos campos chegou ao fim por causa do aumento dos transportes automobilísticos na região. Com o advento da modernidade no município, os transportes começaram a substituir o uso de animais equestres para a locomoção das pessoas e de animais de uma região a outra: “Carro e moto tomou conta da luta, carro e mota tomou conta. Olha, a gente ia levar um gado pra o Pio IX, pra uma roça, aí tinha que ajeitar o cavalo, vestir os couros, ajeitar um burro, coisa pra ir”. Após a popularização das motos e carros de carroceria na região, o Sr. Bitonho enfatiza a influência

---

<sup>183</sup> NASCIMENTO, José Renato do. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 06. Mai. 2017.

<sup>184</sup> Idem.

dessa modernização para o fim do trabalho nos campos, “hoje você vai de moto. Se for pouco, tem que pegar um carro pra levar né. Aí isso foi acabando”<sup>185</sup>.

Além desse aspecto envolvendo a utilização dos transportes substituindo os animais, esses vaqueiros também associam à demarcação e a diminuição das grandes fazendas de gado da região e a escassez dos trabalhos nos campos. Processo bastante discutido na historiografia, a pecuária intensiva e o cercamento das fazendas influenciaram circunstancialmente do fim dos processos de apartação no início do século XX, como o também o fim das pegas de boi no mato nas décadas finais desse mesmo século no município de Pio IX. “Era nesse tempo as terras era solta (sic). Os donos eram longe uns dos outros. Hoje todo mundo é dono, é tudo limitado não é. Tudo cercado, tudo dentro de roça”<sup>186</sup>. “[...] todo gado é domesticado, a pessoa leva. O caba sai aboiando o gado e leva pra todo canto. [...]”. Além da domesticação do gado, o Sr. Afonso também destaca o fim das grandes propriedades, “é (sic) as fazendas. Aqui na nossa região as fazendas grandes tá praticamente acabada. Hoje o pouco gado que tem todo mundo traqueja no jeito, não precisa mais”<sup>187</sup>.

Essas transformações nos espaços de trabalho dos vaqueiros influenciaram na popularização das próprias manifestações lúdicas associadas às vaquejadas. Segundo Bitonho Paulino, com a aquisição de cavalos aptos para a prática esportiva da vaquejada, os campos foram ficando para trás como espaço de sociabilidades, já que não se era mais necessário capturar o gado com tanta frequência. Assim, nas últimas décadas do século XX os vaqueiros piononenses estavam fortemente ligados às vaquejadas como única manifestação cultural associada a esses sujeitos. No entanto, processos de (res) significação de manifestações socioculturais associadas a esses sujeitos têm despertado no município desde o início da segunda década do século vigente. Como é o caso da Festa e Missa do Vaqueiro e as pegas de boi no mato.

A seguir (imagem 08), vislumbramos a tradição cultural festiva da missa do vaqueiro na cidade de Pio IX. Notamos que o senhor vaqueiro carrega a imagem católica de Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos vaqueiros e peões. Durante a cavalgada que ocorre costumeiramente antes da Missa do Vaqueiro, esses sujeitos se apropriam dos traços característicos, como o “terno de couro”, para representarem sua cultura nos espaços sociais da cidade. Outro detalhe oportuno a ser notado são os vaqueiros carregando as bandeiras

<sup>185</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>186</sup> SILVA, Antonio Manoel da. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 08. Mai. 2017.

<sup>187</sup> CARVALHO, Afonso do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

representativas do Estado do Piauí, do município de Pio IX e a bandeira Nacional. Acreditamos que essa simbologia signifique a importância desses sujeitos históricos para a cultura brasileira.

**IMAGEM 8:** Cavalgada pela Cidade na Festa de Vaqueiro em Pio IX - Setembro de 2013.



**Fonte:** Acervo de Grasiene Sá

Após um hiato que perdurou desde o final da década de 1970 até o início da segunda década do século XXI, a Festa do Vaqueiro em Pio IX (res) surgiu no município a fim de reforçar as práticas culturais associadas aos vaqueiros da região. Para além das vaquejadas que ocorriam periodicamente desde a década de 1980, a missa do vaqueiro representou uma resistência dessa cultura nordestina, introduzindo novos aspectos que aos poucos proporcionou modificações, como é o caso dessa festividade para a tradição cultural no município. A respeito das tradições Giddens salienta esta funcionalidade afirmando que “a festa é considerada uma tradição na medida em que o passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos e compartilhados”<sup>188</sup>. (Re) inventar essa festa no município caracterizou-se uma manutenção compartilhada de uma tradição nordestina.

Como lembra Monte<sup>189</sup>, essa cultura que resiste ao tempo está associada aos hábitos enraizados que os vaqueiros possuem na sociedade, construídos a partir de uma memória

<sup>188</sup> GIDDENS, 2000, p. 56 - 57 *apud* MENEZES, ALMEIDA, 2008, p. 185.

<sup>189</sup> MONTE, 2015.

social: "Diferentemente da memória individual, a memória social se constrói ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados em relações determinadas por estruturas sociais"<sup>190</sup>. Nesse contexto, a manutenção desses hábitos permite a sobrevivência das raízes culturais que distinguem cada povo, raízes estas que simbolizam o que somos, o que temos e o que seremos. Contudo, a cultura vaqueira ainda está firmemente arraigada e presente na sociedade como marca definidora da cultura popular piauiense. Compartilhamos de tal afirmação por entendermos e considerarmos como cultura popular:

[...] cultura popular, o fazer o saber e o sentir do povo simples, que na sua cotidianidade, vem por meio da fala, dos gestos, das atitudes, dos hábitos e costumes, manifestando seus valores materiais e espirituais, herdados dos antepassados e preservados pelos grupos que vão se reproduzindo, incentivados a manter vivas suas memórias e suas histórias<sup>191</sup>.

Nesse sentido, a Festa do Vaqueiro denota uma manifestação e manutenção de uma prática reinventada das representações culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses na contemporaneidade, mais especificamente na cidade de Pio IX, que persiste no âmbito urbano traços da cultura vaqueira. Nessas festas participam todas as camadas populares diretamente ou indiretamente, pois, quem não participa das festividades, acompanha na calçada de casa a vaqueirama passando nas passeatas pelas ruas da cidade.

Majoritariamente, esses eventos são organizados pela classe política que buscam atrair um público para as manifestações culturais da região. Assim, idealizado pelo vaqueiro e vereador Francisco Weverton Arrais Bezerra, popularmente conhecido como Etinho, a Festa do Vaqueiro vem se afirmando a cada ano no calendário anual de festividades do município. Os atores sociais em evidência nessas festividades se caracterizam com gibão, perneira e o chapéu de couro, acessórios característicos para os vaqueiros e, como notaram na imagem acima (Imagem 08), levam consigo a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, como símbolo de proteção dessa categoria.

No ano de 2016, essa festa destinada a vaqueirama chegou a sua 5ª edição com apresentações culturais, artísticas e musicais que convidavam a sociedade em geral para participarem desse evento, como também a reunião dos vaqueiros para uma cavalgada pela cidade e posteriormente a tradicional Missa do Vaqueiro. Pontuamos essa programação para destacar os aspectos dessa tradição que a cada edição mantém traços da cultura vaqueira adaptada e ressignificada para atrair a comunidade em geral, com permanências advindas

<sup>190</sup> MOSENTIER, 2003, p. 03 *apud* MONTE, 2015, p. 45.

<sup>191</sup> NUNES, 2003, p. 87 *apud* SILVA, 2009, p. 4.

desde as festividades organizadas pelo Padre João Morais Sobrinho no século passado, até continuidades integradas nas organizações atuais, com apresentações artísticas e musicais.

“Aí hoje, tá se criando a pega de boi no mato e tá sendo um incentivo porque estava praticamente acabada, ninguém tinha mais um arreio, não tinha mais uma sela boa, um cavalo que prestasse. Encouramento não tinha mais”<sup>192</sup>. A partir desse trecho da conversa com o vaqueiro Afonso do Monte, compreendemos a importância dessas manifestações culturais na vida desses sujeitos. Adaptada para o esporte, as pegas de boi no mato despertam para uma nova faceta assimilada aos antigos trabalhos de campear e capturar os animais bravios. Nesse momento, juntamente com as festas dos vaqueiros e as vaquejadas, essas práticas socioculturais permanecem presentes na cultura do município, resignificando seus aspectos para resistirem às transformações características da indústria cultural presente principalmente no âmbito das vaquejadas nordestinas desde os anos de 1990 e 2000 com a criação de parques e a elaboração da Lei Federal sancionada nº10.220, de 11 de abril de 2001, que transformou os vaqueiros em desportistas e a vaquejada em esporte.

Assim, da tradição do trabalho a festa surge e constitui como uma das manifestações culturais vivas nesse município sertanejo. Desde o ano de 2013, essa prática de pega boi no mato tem ganhado adeptos e se popularizado na região piononense, resistindo como a caatinga, esta tradição cultural típica do sertão permanece viva e reinterpretada a contemporaneidade do século XXI.

Nos dias das pegas, vaqueiros e expectadores chegam de todos os lugares, povoados e dos municípios circunvizinhos para “brincar” essa festividade. Os locais das pegas ganham animação e nele destacam-se os traços da presença dos vaqueiros. Estes continuam a usar os seus trajes típicos, os conhecidos “ternos de couro”. Ligada intimamente à natureza, esta festa sempre é realizada em meio à vegetação típica do município, a caatinga. O seu início é pela manhã a partir das oito horas e o seu término ao fim do dia, às 17 horas devido à falta de luminosidade, impondo risco a integridade física de humanos e animais.

Tradicionalmente, os vaqueiros campeavam com o intuito de juntar o gado e capturar os animais bravios. Traços desse costume são readaptados para essa prática esportiva de capturar os bois no mato. Com isso, as pegas de boi atualmente visam premiar os vaqueiros que conseguirem, em menor tempo, arrancarem do boi solto no mato um colar que está pendurado no pescoço do animal. Em duplas, os vaqueiros aguardam no pé do mourão o boi ultrapassar uma faixa e adentrar na caatinga. Após esse momento, esses cavaleiros partem atrás do animal

---

<sup>192</sup> CARVALHO, Afonso do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

para conseguirem arrancar o colar e voltarem até a comissão que cronometrava o tempo desde a entrada do boi na mata. Ao final do dia, a dupla que tiver realizado o menor tempo, ganha uma pequena premiação em dinheiro, que em média, também é ofertada as duplas que ficaram em segundo e terceiro lugar.

**IMAGEM 9:** Vaqueiro José Renato após uma pega de boi no mato. Pio IX, outubro de 2013.



**Fonte:** Acervo de Grasiene Sá.

Como podemos identificar na imagem acima (Imagem 09), o vaqueiro está voltando da comissão julgadora após entregar o colar referente ao boi que perseguia. Ao fundo, onde se encontra o locutor e os organizadores em um palco improvisado, notamos também a presença do público que acompanha com entusiasmo essas manifestações de coragem e habilidade desses vaqueiros. Como podemos observar, o vaqueiro traça as tradicionais roupas de couros para conseguir se proteger quando adentrar a mata fechada. Nesses novos espaços de sociabilidades, as pessoas mais jovens entram em contato com essa atividade pastoril e profissional tradicional no nordeste e nesse momento recriada com aspectos esportivos.

Já os vaqueiros antigos que participavam dessas brincadeiras no campo, quando laboravam com o gado, não se contentam e adentram na caatinga ocupando pontos estratégicos para observarem melhor as capturas realizadas em meio à mata fechada. Para estes sujeitos, participarem como simples espectadores junto à vegetação os fazem recordar seus feitos em períodos anteriores. Observar de perto a derrubada do boi os remetem à vivência de suas façanhas, assim como nas conversas com o grupo pode compartilhar sobre os

melhores momentos assistidos durante a festa: “primeira pega de boi que houve aqui, foi bem ali no Pio IX, foi no Cristiano, e ele adoeceu (Meton) com a emoção. Se sentiu mal. Não foi outra coisa não, foi só a emoção. [...]. Ali tava tendo a recordação, recordação pesada”<sup>193</sup>.

Nesse sentido, compreendemos a importância dessas festividades para a sociedade, tendo em vista que o vaqueiro tem presença constante em todos os cantos da região. Num processo de valorização desses sujeitos para a cultura local, foi aprovada com unanimidade na Câmara de Pio IX a inclusão no calendário anual de festividades da cidade, eventos culturais como: Competições de Vaquejadas e Pega de Boi no Mato. A Festa do Vaqueiro, juntamente a estas manifestações, apresentaram à população local a importância do vaqueiro, elemento fundamental para a formação do espaço social dessa região, como também do sertão nordestino.

Portanto, enfocamos essas manifestações culturais associadas aos vaqueiros com o intuito de apresentar a resistência dessa tradição, confirmando a manutenção de uma identidade cultural persistente em uma sociedade de consumo. Conclui-se então que a festa reinventada tem o seu público, seus rituais e tradições, colocando o rural no urbano através da Festa do Vaqueiro e o urbano no rural através das pegas de boi no mato, dinamizando uma prática cultural popular no município.

---

<sup>193</sup> CARVALHO, Afonso do Monte. *Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa*. Pio IX, 16. Abr. 2017.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise das práticas socioculturais dos vaqueiros piononenses a partir dos seus aspectos cotidianos e por meio dos relatos orais disponibilizados por esses sujeitos. Assim, em um espaço temporal que agrega de 1960 até a década de 1980, temos manifestações arraigadas aos vaqueiros locais que possibilitaram a inclusão de espaços lúdicos na região que contribuíram para a construção de uma identidade cultural festiva para o município de Pio IX - PI. Além disso, nesse mesmo período os espaços laborais também estavam presentes como elementos constituintes da figura histórica dos vaqueiros, como pegas de gado, quarteação (“sorte”), absenteísmo dos fazendeiros e as dificuldades comumente características da profissão de labutar com o gado.

A monografia que elaboramos sobre as manifestações cotidianas dos vaqueiros nos espaços laborais e lúdicos possibilita uma conclusão em três dimensões de análise, a saber: uma dimensão histórica, uma dimensão de memória e também uma breve dimensão contemporânea dos elementos persistentes da cultura vaqueira.

Na dimensão histórica, discorremos a respeito da importância da pecuária para o Piauí, com o adensamento de diversas fazendas de gado nos processos de colonização dessas terras. A economia dos sertões piauienses adaptou-se ao comércio do gado e esta atividade econômica criou hábitos e costumes na sociedade local, imprimindo então valores e características que permaneceram por séculos arraigadas a cultura social desses sertanejos. Nesse sentido, o espaço social da sociedade piononense é caracterizado por antecedentes históricos ligados pelas fazendas de gado e a agricultura de subsistência, representando a dimensão histórica dos sujeitos entrevistados para essa pesquisa.

Essas dimensões servem para ratificar as permanências e continuidades dos processos socioculturais ligados aos vaqueiros locais. A representação humana nessa sociedade é pautada da figura do gado e do aspecto rural no qual esses indivíduos estavam envolvidos. Como se observou na primeira etapa dessa pesquisa, os processos culturais ligados aos vaqueiros tiveram suas manifestações propagadas a partir dos espaços fechados da caatinga e os terreiros de fazendas, com apartações e vaquejadas de mourão. Com as modificações sofridas pela pecuária extensiva, mudando para a criação de gado num sistema intensivo a partir do início do século XX, identificamos nesse momento a consolidação das vaquejadas de mourão no campo lúdico nessa sociedade piauiense.

Contudo, essa compreensão do mundo dos vaqueiros e de seus espaços de sociabilidades com o auxílio da historiografia clássica e literária representou apenas uma

releitura histórica de aspectos desses indivíduos. Assim, buscamos compreender as particularidades associadas ao espaço geográfico dessa pesquisa, o município de Pio IX. Buscou-se então entender como surgiram as primeiras manifestações lúdicas da cultura vaqueira na região e como os vaqueiros interagem com essas novas práticas socioculturais.

Defendemos então que a presença do Padre João Morais Sobrinho nos anos 60/70 representou de maneira incisiva na influência cultural e no entretenimento dos piononenses, criando subsídios para a posterior intensificação de ações festivas no município, contribuindo com a inserção do povo nas festas dos vaqueiros e vaquejadas de mourão, consolidando na cultura e no cotidiano daqueles sujeitos. Gradativamente, os vaqueiros e a sociedade em geral passaram a apreciar essas festividades, contribuindo para a fixação cultural desses eventos para a identidade social do município.

Numa dimensão memorialística, entendemos a partir dos diálogos estabelecidos com os entrevistados que realização das festas dos vaqueiros e das vaquejadas de mourão e contemporâneas, representaram práticas socioculturais que integravam os sujeitos e grupos presentes no interior da sociedade. Assim, com a influência dos eventos festivos religiosos organizados para os vaqueiros anualmente, tivemos a modificação no cenário social e cotidiano dos vaqueiros, já que até então, as sociabilidades desses sujeitos eram propagadas meio a mata fechada, junto aos companheiros de serviço laboral. Com a propagação das vaquejadas, esses sujeitos eram atraídos para os espaços públicos, manifestando suas habilidades e destrezas nesses novos espaços de lazer.

A pesquisa pôde mostrar as rupturas e as permanências na cultura vaqueira a partir do saber de quem presenciou as alterações desses espaços. Alterações de comportamento e atitudes expressam-se tanto em nível pessoal quanto social. Como objetivado, a partir da memória dos vaqueiros analisamos aspectos que influenciaram as modificações sofridas por esses sujeitos, mudando seus espaços de sociabilidades dos campos com o traquejo e captura do gado para as vaquejadas. Como identificamos a partir da dimensão contemporânea, essa transição ocorreu gradativamente pelo próprio advento da modernidade e o fim dos serviços extensivos nos campos das fazendas locais. Com a popularização das vaquejadas na região, entendemos porque esses elementos da cultura vaqueira ainda continuam persistindo nos espaços sociais e festivos piononenses.

Contudo, mesmo ciente que este trabalho monográfico deixou lacunas e que carece de outras investigações históricas sobre a temática, considera-se que de alguma forma ele contribuiu para a história o surgimento das práticas festivas para os vaqueiros no Piauí, especificamente no município de Pio IX – PI, com ênfase na memória dos vaqueiros e

pequenos fazendeiros envolvidos no processamento do campo e das vaquejadas nos anos de 1960 a 1980. Com isso, observou-se necessário analisar o cotidiano e o cenário onde estas atividades aconteciam, as relações de complementaridade e sociabilidade que esses atores sociais e históricos manifestavam cotidianamente. Salientamos que esta pesquisa não se acaba aqui e esperamos que tal monografia também sirva de suporte e possibilidade para novas pesquisas acerca de tal temática, de tamanha importância para a cultura brasileira.

## 5 REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- AIRES, Francisco Janio Filgueira. O espetáculo do cabra-macho: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2008.
- ALENCAR, Custódia Matutina de. **Município de Pio IX**. Picos: Gráfica Pires, 2000.
- ALMEIDA, Maria Geralda de; MENESES, Sônia de Souza Mendonça. VAQUEJADA: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano. **Vivência**, n. 34, p. 181-193. 2008.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do Sertão: um estudo de representações. In: **Geografia leituras culturais**. ALMEIDA, M. G. RATTTS, A. JP (Orgs.). Goiânia: Alternativa, 2003, p.71-88.
- ALVES, Vicente Eudes Lemos. As bases históricas da formação territorial piauiense. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p 55-76, jul./dez. 2003.
- ARRAES, Esdras. Imaginando a Paisagem Urbana de Oeiras do Piauí (1697-1762). **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 351-371, mai./ago. 2016.
- ARRAIS, Miguel Sebastião Maia Chaves. **Terra e Gente do Patrocínio**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- BAADE, Joel Haroldo. Princípios metodológicos para trabalho com fontes orais. **Revista da UNIFEPE**, Vol. 1, nº 11, p. 1-14. 2013.
- BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu Boi! (O negócio vaquejada)**. Teresina: EDUFPI, 2005. 139p.
- BEZERRA, José Fernandes. **Retalhos do meu sertão**. Rio de Janeiro: Gráfica e Papelaria Leão do Mar, 1978.
- CARVALHO, Erik de Alencar Antão de. Religiosidade católica e cotidiano urbano: a formação da cidade de Pio IX-PI e sua vivência urbano-religiosa (décadas de 1940 e 1950). **Monografia**. Universidade Federal do Piauí. Picos – PI, 2015.
- CASCUDO, L. C. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.
- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o Vaqueiro: Hermione e Abelardo, a mulher de ouro** / Francisco Gil Castelo Branco. Estudo bibliográfico e atualização de textos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo. 2. ed. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1993.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CUNHA, Roberto César. Ocupação e o desenvolvimento das duas formações socioespaciais do Maranhão. **CaderNAU** - Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas, v.8, n. 1, p. 133-152. 2015.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Balaios e Bem-Te-Vis: A guerrilha sertaneja**. 3° ed. Teresina. EDUFPI, 2014. 294 p.

DURAN, Marília C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

FALCI, Miridan Brito Knox. **O Piauí na primeira metade do século XIX**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

FONSECA, Rodrigo Gerolineto. A Pedra e o Pálio: relações sociais e cultura na Capitania do Piauí no século XVIII. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2010.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 143 p.

HALBWHACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural no pós-modernidade**; tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10ed. – Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO, PIO IX-PI, 1950.

MAIA, Dorálice Sátiro. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTIS, Alecsandro J.P. (orgs.). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 159-183.

MONTE, Hanna Maria da Silva Alves do. A MEMÓRIA DOS VAQUEIROS DA CIDADE DE PIO IX: Uma análise de suas lembranças e vivências nas décadas de 1930 e 1940. **Monografia**. Universidade Estadual do Piauí. Floriano – PI, 2015.

MOTT, Luiz. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

MOURA, Francisco Miguel de. Pe. João Morais Sobrinho, Ensaio Biográfico. Disponível em: <http://franciscomigueldemoura.blogspot.com.br/2016/07/pe-joao-morais-sobrinho-ensaio.html>. Acesso em: 12 de junho de 2017.

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, história e sujeito: substrato da identidade**. IN: Revista de História Oral. Nº 3, junho de 2000.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, V.2, nº 3, 1989.

SALES, Aline Pinheiro de. O vaqueiro no Piauí: práticas e representações culturais em Picos-PI (1980-2000). **Monografia**. Universidade Federal do Piauí. Picos – PI, 2015.

SILVA, Samara Mendes Araújo. FESTA DO VAQUEIRO: práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses no século XXI. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

TAPETY, Audrey Freitas. “O VAQUEIRO NO PIAUÍ”: representações e práticas socioculturais (1980-2000). **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.

TAVARES, Helenita Bezerra de Carvalho. O Léxico do ciclo do gado de Garanhuns. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2013.

**FONTES ORAIS**

ALENCAR, Francisco Renato. **Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa.** Pio IX, 15. Abr. 2017.

ASSIS e SILVA, Francisco de. **Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa.** Pio IX, 01. Jun. 2017.

CARVALHO, Afonso do Monte. **Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa.** Pio IX, 16. Abr. 2017.

CARVALHO, Meton do Monte. **Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa.** Pio IX, 16. Abr. 2017.

NASCIMENTO, José Renato do. **Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa.** Pio IX, 06. Mai. 2017.

SILVA, Antonio Manoel da. **Depoimento concedido a Paulo Estácio do Nascimento Sousa.** Pio IX, 08. Mai. 2017.

## **APÊNDICE**

### **Roteiro de entrevista**

1. Nome completo?
2. Sua idade?
3. É natural de onde?
4. Estado civil? Profissão?
5. Há quanto tempo você é vaqueiro?
6. Quando iniciou a lida com o gado? Como era o trabalho naquele tempo? E hoje? Quais são as diferenças?
7. Qual a importância do trabalho com o gado para o senhor?
8. O senhor realizava apartações em quais fazendas? Como era?
9. O que eram as pegas de boi no mato?
10. Conte nos sobre suas aventuras feita pelo senhor para pegar o boi no mato?
11. Quais as vestimentas utilizadas? Onde eram compradas?
12. Já passou noites no campo atrás de uma rês? Há relatos de pega de rês alheia, o senhor pode nos contar sobre isso?
13. O senhor corria só no mato ou corria nas pistas de vaquejada também?
14. Como era a vaquejada? Fale da sua trajetória na vaquejada.
15. O que a vaquejada significa para você?
16. Houve mudanças na vaquejada? (caso sim, quais foram?).
17. O senhor se considera vaqueiro do campo ou vaqueiro de vaquejada? Existe alguma relação? Explique.
18. Quem pode correr na vaquejada?

## **ANEXOS**

- 1 - No livro Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, afirma a presença da Missa do Vaqueiro, no ano de 1964. Presidida pelo Padre João Morais Sobrinho. (Folha 181)

1964.

Março - Como de costume não veio fazendo a festa de S. José no dia 19 e sim no primeiro domingo que segue o dia 19. Foi, portanto, no domingo que se seguiu ao dia 19 que foi a festa de São José.

Maior - Segundo domingo de maio, festa dos vaqueiros. Muito vaqueiros, confissões e comunhões dos mesmos, muito poncos.

29 de junho - festa do Sagrado Esacão de Jesus. Relativamente boa.

29 de setembro - festa de S. Miguel.

19 a 25 de outubro - Curso catequético aqui em São Novo, dado pelas Reverendas Irmãs de Santa Tereza, residentes em Oeiras. Foram estas as irmãs: Sr. Caldas e Sr. Eleonora. Foi este um curso bem movimentado. Trouxe catequistas de: Francisco Santos, Mons. Ilipólito, Alagoimbas e S. Julião. Entre catequistas e assistentes do meso

**Fonte:** Arquivo pessoal de Paulo Estácio do Nascimento Sousa.

- 2 - Vaqueiros piononenses participando de uma vaquejada na comunidade Figueiredo - CE.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

3 - Vaqueiros em Missa do Vaqueiro, organizadas pelo Pe. João Moraes Sobrinho. Renato Alencar e Antônio Senhor em meados de 1960 ao lado da Igreja Matriz, Pio IX – PI.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria Solidade do Nascimento Alencar, conhecida como Dadinha.

4 – Vaqueiros na cidade de Pio IX em 1984.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Francisco de Assis e Silva, conhecido como Tico Paulino.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, PAULO ESTÁCIO DO NASCIMENTO SOUSA,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02  
 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente,  
 sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
SOB O OLHAR DOS VAQUEIROS PIONONENSES: A RESSIGNIFICAÇÃO DE  
 SER VAQUEIRO NA MUDANÇA DE UMA PRÁTICA SOCIOCULTURAL PARA UMA FESTIVIDADE LÚDICA (1960-1980)  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de  
 divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de ABRIL de 2019.

Paulo Estácio do Nascimento Sousa  
Assinatura

Paulo Estácio do Nascimento Sousa  
Assinatura